





**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes**  
**Programa de Pós-graduação em Sociologia**  
**Mestrado em Sociologia**

***A galera e poder público: processos de significação do centro de João  
Pessoa.***

**Tadeu de Brito Melo**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade  
Federal da Paraíba como requisito à obtenção do  
título de Mestre

Orientador: Prof. Dr. José Henrique de Godoy Artigas

**João Pessoa – PB**  
**2013**

**Tadeu de Brito Melo**

***A galera e poder público: processos de significação do centro de João Pessoa.***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba como requisito à obtenção do título de Mestre

Dissertação defendida em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. José Henrique de Godoy Artigas  
(Programa de Pós-Graduação em Sociologia- PPGS/UFPB)  
(Orientador)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>o</sup>. Jovanka Baracuhy Scocuglia (UFPB)  
(Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e urbanismo – PPGAU/UFPB)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Marcele Trigueiro  
(Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e urbanismo – PPGAU/UFPB)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Simone Magalhães Brito  
(Programa de Pós-Graduação em Sociologia - PPGS/UFPB)

A Noé que chega com o fechar dessas folhas;

A Mel que me deixa sorrindo à toa sem saber porque;

Ao amor dedicado de mãe que me levou à arquitetura e  
ao de pai que me leva a sociologia;

E ao botão atualizar da vida que esteja sempre presente...

(...) em um elefante há dois elefantes, um que aprende o que se lhe ensina e outro que persistirá em ignorar tudo (...) Descobri que sou tal qual o elefante, uma parte de mim aprende, a outra ignora o que a outra parte de mim aprendeu, e tanto mais vai ignorando quanto mais tempo vai vivendo (...) (SARAMAGO, 2008, p.153)

## **Agradecimentos**

Aos guardiões que me guiam e me protegem. Grato a todos.

Chego ao fim desta etapa muito feliz com todo o processo e com a sensação de objetivo cumprido: compreender um pouco a língua da sociologia e estabelecer diálogos e articulações entre ela, a arquitetura e a cidade.

Ao CNPQ, dinheiro é importante.

Ao PPGS, o cumprimento dos deveres público de uma pós-graduação é importante.

Ao meu orientador José Henrique Artigas na amizade que se tornou uma ótima parceria alimentada por encontros e ricas discussões em que foram compartilhadas maneiras e formas de reposicionar meu olhar para dentro da sociologia, indicações de leitura. Grato pela fina e criteriosa leitura deste trabalho.

A prof.<sup>a</sup> Simone Brito com os valiosos debates teóricos, metodológicos e da defesa e ensinamento acerca do campo sociológico. A prof.<sup>a</sup> Tereza Cristina e prof.<sup>o</sup> Rogério Medeiros por ministraram aulas com responsabilidade e qualidade guiadas por debates culturais, pós-coloniais e teorias sociais. E prof.<sup>a</sup> Tereza Queiróz pela oportunidade de fazer meu estágio de docência.

A Oficina-Escola de Revitalização do Patrimônio (OEJP) que me proporcionou uma imersão no Centro Histórico de João Pessoa e a Nahya Caju, grande diretora, com o compartilhar das experiências e vivências no Centro Histórico e por me ensinar a cada vez mais entender, ver e amar esse lugar.

A arquitetura e sociologia, que juntas me conduziram para uma sensibilidade sociourbana composta por linhas e caminhos retos e curvos, ruas, lugares e espaços no contato direto com as pessoas que os constroem no seu cotidiano. E, principalmente, por juntas haverem me instigado a posicionar o meu olhar na linha que põe essas ciências em contato.

Ao centro de João Pessoa que através dos seus dias e noites permitiu com que fosse possível compartilhar uma maneira de experienciar essa área da cidade. E aos informantes e pessoas que partilharam comigo essas experiências e impressões.

A minha família aracajuana e pessoense. Viva comunidade!!!

Aos autores que compõem a bibliografia deste trabalho e aos que me acompanharam em paralelo.

## Resumo

A dissertação versa sobre os sentidos atribuídos ao centro da cidade de João Pessoa a partir dos grupos que lá constroem parte de suas experiências urbanas e partilham códigos e significados dados aos lugares. Articulando métodos e categorias intermediadas na relação entre o pesquisador e o objeto de estudo, que passam pelo flunar e pela definição de circuitos, trajetos e manchas, percebeu-se a existência de um conflito urbano entre o poder público e a galera, grupo heterogêneo formado por pessoas que experienciam o mesmo lugar em um mesmo momento, conformando laços de identidade e produzindo significações relacionadas ao centro. Tendo a perspectiva da “revitalização”, por meio de um conjunto de ações e obras realizadas a partir da década de 1990, o poder público vem procurando imprimir outros significados ao centro, estimulando a sua ocupação por novos grupos sociais. Em face das intervenções do poder público, vêm ocorrendo alterações nas formas de uso, apropriação e representação do centro, impondo novas dinâmicas, representações e formas de sociabilidade. Tendo em vista este quadro sociourbano buscou-se, a partir da etnografia de dois eventos, destacar como as ações e as novas formas de apropriação e significação do centro contribuem para explicitar diferentes entendimentos sobre os sentidos atribuídos à revalorização simbólica da área. Procura-se reconhecer um padrão de comportamento alternativo que estrutura uma significação específica do centro histórico de João Pessoa, padrão este originado de formas particulares de uso e apropriação desse espaço, atualizando e reatualizando símbolos e sociabilidades de forma dinâmica, envolvendo tradições, costumes e também contradições, mudanças socioculturais, materiais e simbólicas.

**Palavras-Chave:** João Pessoa; Conflito urbano; Revitalização de centro histórico; Evento; Revalorização simbólica;

# **Abstract**

## Lista de Figuras

Figura 01: Mapa de limites territoriais do Porto do Capim e da Vila Nassau com indicação de acessos e pontos de referência, elaborado a partir dos relatos dos moradores sobre bases cartográficas da cidade de João Pessoa de 2005 – Arquivo Público PMJP. Fonte: PIBIC / Camila Leal e Tadeu Melo.

Figura 02: Mapa de vazios urbanos. Fonte: MELO, 2010

Figura 03: A cidade de João Pessoa. Delimitada pelo oceano Atlântico e pelas cidades de Cabedelo, Santa Rita, Bayeux e Conde, a cidade tem uma população estimada de 702.235 hab. (IBGE, 2009) distribuídos em 210,45 km<sup>2</sup>. Assinalado no recorte a sua área urbana central. Fonte: google.maps.com acessado em agosto de 2012.

Fig. 04: Imagem aérea com a localização dos lugares que compõem os circuitos culturais do centro de João Pessoa. Fonte: Autor sobre Google Earth.

Fig. 05: Imagem aérea com a localização dos lugares que compõem os circuitos culturais do centro de João Pessoa, em destaque a Rua da Areia. Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.

Fig. 06: Rua da Areia. Fonte: Autor, 2012.

Fig. 07: Imagem aérea com a localização dos lugares que compõe o circuito cultural do centro de João Pessoa, em destaque a Praça Anthenor Navarro e Largo de São Frei Pedro Gonçalves. Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.

Fig. 08: vista aérea da Praça Anthenor Navarro e Largo de São Frei Pedro Gonçalves. Fonte: desconhecido, 2012.

Fig. 09: Imagem aérea com a localização dos lugares que compõem os circuitos culturais do centro de João Pessoa, em destaque a Casa da Pólvora. Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.

Fig. 10: Casa da Pólvora. Fonte: autor, 2012.

Fig. 11: Imagem aérea com a localização dos lugares que compõem os circuitos culturais do centro de João Pessoa, em destaque a Praça São Francisco. Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.

Fig. 12: Praça de São Francisco. Fonte: autor, 2012.

Fig. 13: Imagem aérea com a localização dos lugares que compõem os circuitos culturais do centro de João Pessoa, em destaque a região da Praça Dom Adauto. Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.

Fig. 14: Praça Dom Adauto. Fonte: autor, 2012.

Fig. 15: Imagem aérea com a localização dos lugares que compõe o circuito cultural do centro de João Pessoa, em destaque o Ponto dos Cem Réis. Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.

Fig. 16: Fotografia da Praça Vidal de Negreiros reformada. Fonte: Caio Correia/ site, acessado em agosto de 2012.

Fig. 17: Imagem aérea com a localização dos lugares que compõe o circuito cultural do centro de João Pessoa, em destaque a Praça Rio Branco. Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.

Fig. 18: Fotografia da Praça Rio Branco reformada. Fonte: Autor, 2012.

Fig. 19: Imagem aérea com a localização dos lugares que compõe o circuito cultural do centro de João Pessoa, em destaque o Ateliê Multicultural de Nai. Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.

Fig. 20: Ateliê Multicultural de Nai. Fonte: Google streetview, 2013, acessado em agosto de 2012.

Fig. 21: Imagem aérea com a localização dos lugares que compõe o circuito cultural do centro de João Pessoa, em destaque Shopping Tambiá. Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.

Fig. 22: Shopping Tambiá. Fonte: Google streetview, 2013, acessado em agosto de 2012.

Fig. 23: Imagem aérea com a localização dos lugares que compõe o circuito cultural do centro de João Pessoa e em vermelho os trajetos que ligam esses lugares. Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.

Fig. 24: Figura com a representação da mancha do circuito cultural. Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.

Fig. 25: Mapa com a localização do Ponto de Cem Reis e Rio Branco.. Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.

Fig. 26: Ponto de Cem Réis antes da última intervenção. Fonte: [www.meuslugares.com.br](http://www.meuslugares.com.br), 2011.

Fig. 27: Ponto de Cem Réis após intervenção. Fonte: [maispb.com](http://maispb.com), 2011.

Fig. 28: Ponto de Cem Réis após intervenção. Fonte: [blogspot.com.br](http://blogspot.com.br), 2012.

Fig. 29: Figura com imagem de mapa do percurso à pé que as pessoas tomavam de uma praça à outra. Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.

Fig. 30: Praça Rio Branco antes da intervenção. Fonte: Autor, 2009.

Fig. 31: Praça Rio Branco antes da intervenção. Fonte: SECOM/PB, 2009.

Fig. 32: Praça Rio Branco após intervenção. Fonte: PMJP, 2011.

Fig. 33: Praça Rio Branco após intervenção. Fonte: Adelmo de Medeiros, 2011.

Fig. 34: Praça Rio Branco após intervenção. Fonte: Autor, 2012.

Fig. 35: Praça Rio Branco após intervenção. Fonte: Autor, 2012.

Fig. 36: Figura com imagem de mapa: praça Rio Branco (laranja) e Beco da Cachaçaria (vermelho). Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.

Fig. 37: Localização das vinte e seis intervenções elencadas pelo Projeto de Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa. Fonte: Elaboração própria sobre imagem do Google Earth, acessado em agosto de 2012.

Figura 38: Poligonal de tombamento do centro de João Pessoa. Fonte: IPHAN

# Sumário

<b>Introdução</b>	<b>01</b>
<b>Entrando no Centro, entrando na Sociologia</b>	<b>08</b>
1.1. Reposicionamento do olhar	08
1.2. O Centro de João Pessoa	19
1.3. Olhar: metodologia	27
<b>A galera</b>	<b>34</b>
2.1. Galera: objeto, circuitos, mancha e trajeto	36
2.1.1. Objeto: Galera	36
2.1.2. Galera: circuitos, mancha e trajetos	41
2.2. Os eventos	62
2.2.1. Ponto de Cem Reis e praça Antenor Navarro	66
2.2.2. Sabadinho Bom e Beco da Cachaçaria	71
2.3. Considerações	75
<b>Análise Histórica e Revalorização simbólica</b>	<b>81</b>
3.1. Criação do Centro Histórico: o Projeto de Revitalização	84
3.2. Praça Anthenor Navarro e Largo de São Frei Pedro Gonçalves	91
3.3. Após as primeiras ações	95
3.4. Considerações	100
<b>Considerações finais: Revalorização Simbólica do Centro</b>	<b>105</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>120</b>

## Introdução

Os centros urbanos das cidades contemporâneas assumem um papel de palco para uma diversidade de relações de sociabilidade. Neles a sociedade apresenta sua heterogeneidade e constrói uma distinta gama de significados partidos das relações sociais e simbólicas travadas no espaço e que passam pelos laços afetivos, econômicos e políticos, assim como pela memória. Estas representações sociais sobre a cidade, construídas a partir das formas de convívio e apropriação material e simbólica do espaço do centro de João Pessoa, Paraíba, permitem acompanhar o seu desenvolvimento e a dinâmica de seus processos de mudança.

Embora a tendência atual de a maioria das grandes cidades apresentarem mais de um núcleo centrípeto para o qual convirjam as atividades comerciais e os serviços, questionando-se a ideia de centralidade referenciada em um único lugar, isso não retira dos centros urbanos um papel relevante e diferenciado em relação aos demais bairros da cidade. Ao tratar dos centros, geralmente fixa-se a atenção no *locus* originário do núcleo urbano, onde historicamente eram exercidas as atividades políticas e econômicas, concentrando o comércio, os serviços e as instituições de representação social e política. Devido a sua importância histórica, como lugar de memória no qual seu passado é por diversas vezes evocado através do seu patrimônio cultural e arquitetônico, além de ainda ser sede do núcleo político, administrativo, judiciário e comercial, o centro continua a manter importância e peculiaridade na dinâmica social e urbana da cidade.

A perda da centralidade se conecta ao fato de que os centros perderam população, muitos deles deixaram definitivamente de apresentar característica residencial, especialmente com o aumento populacional e o processo especulativo, que forçaram um movimento centrífugo tendente à periferização. A partir da década de 1970, com os investimentos estatais em grandes conjuntos habitacionais nas zonas periféricas das cidades, esta tendência se amplificou, dando ensejo ao surgimento de novos centros comerciais, de atividades culturais e de serviços em geral. Esse deslocamento populacional e, parcialmente, do comércio e dos serviços que voltavam-se para o público residencial do centro levou a um abandono e subutilização de muitas edificações da região central, resultando de forma geral em um processo de degradação de seu patrimônio cultural.

Com isso, os centros urbanos das grandes cidades, particularmente das capitais de estados, passaram a ser alvo, desde o final do século XX, de políticas públicas pautadas por intervenções urbanas, de caráter público ou privado, que tiveram por objetivo a

“revitalização” de suas áreas. Estas políticas se apoiavam não só nos argumentos de preservação do patrimônio e no objetivo de levar “vida” para essas áreas, mas também no intento de transformação das áreas centrais em polos turísticos e de adequação ao princípio do chamado *city marketing*.

Este movimento tinha por objetivo construir cenários urbanos, apoiados na restauração das edificações e trechos de grande valor histórico e artístico para serem explorados turisticamente como imagem forjada da cidade. Neste sentido, estimulou-se também o estabelecimento de redes de serviços e comércio voltadas para os novos públicos e os novos usos dos centros, que no caso de João Pessoa envolveu lojas de souvenirs, bares, locais de eventos culturais dentre outras iniciativas.

No centro de João Pessoa, no entanto, antes de serem iniciadas as intervenções para a construção desse espaço turístico, que passava a ser resignificado, agora com o atributo de centro “histórico”, existiam diversos grupos sociais que já se apropriavam dessas áreas e delas faziam uso social, econômico e político, expressando relações materiais e também simbólicas, as quais atribuíam sentidos diferenciados a este espaço da cidade. Incluíam-se nestes grupos aqueles moradores das áreas centrais e também os que lá mantinham atividades regulares. Dentre estes havia um grupo social que se utilizava do centro especialmente por seu aspecto dinâmico, plural e heterogêneo, o espaço privilegiado da multidão, tal como descrito por Simmel em *As grandes cidades e a vida do espírito* (SIMMEL, 2005). Como também destacado por Walter Benjamin (1980; 2009), em seus estudos sobre a Paris do século XIX, que retrata o centro como lugar onde se agrupavam boêmios, prostitutas, gays, lésbicas, artistas, intelectuais, movimentos sociais e políticos, que tinham ali seu espaço de expressão e representatividade, de partilha de códigos e de realização de suas sociabilidades.

(...) os termos convocados para esta reflexão são fluidos: ruas, passagens, mata, terrenos vagos; a memória, as imagens, as ficções e desejos. Uma cidade nem virtual nem irreal, antes imaterial, no sentido em que existe a mais e no seio da sua organização visível, que lhe dá uma parte importante do seu sentido diário. E falamos de comunidades do instante, formadas na atividade (seja ela política, estética ou ritual) e não das identidades comunitárias supostas eternas, primordiais e não contextuais. (AGIER, 2011, p.173)

No caso particular da cidade de João Pessoa, alguns destes grupos congregados na área central passaram a se auto-identificar como *galera*, compreendendo o centro como espaço onde seus valores sociais, políticos e culturais poderiam ser compartilhados.

Com a intervenção urbana em partes do centro, promovida pelas ações do poder público, ampliou-se sua visibilidade e alteraram-se suas dinâmicas sociais, assim como as representações simbólicas associadas ao seu espaço, abrindo caminho para novas formas de apropriação e significação da área central.

Este trabalho tem como objetivo principal debater como se deu esta mudança de significados simbólicos e sociais do centro urbano de João Pessoa sob o ponto de vista de alguns representantes deste grande grupo que se caracteriza por *galera*. Para construção deste debate passaremos pela reflexão sobre a criação do sentido de “histórico” atribuído ao sítio original da cidade com o início das políticas de revitalização da área, com a restauração de edificações, principalmente da Praça Anthonor Navarro e do Largo de São Frei Pedro Gonçalves. Para tanto, será também preciso refletir sobre a construção do centro como lugar de atividades marginais, boemia e prostituição, o que vincularia a área a uma imagem expressiva de um processo de decadência.

Com isso, parto em busca de um comportamento social que se reproduza e gere redes de sociabilidade e que tenha consequências em uma forma de uso e apropriação material e simbólica do centro.

A construção da imagem de centro histórico como lugar de heterogeneidade e marginalidade ajudará a compreender as formas particulares de ressignificação simbólica e suas novas dinâmicas de sociabilidade. A pesquisa procurará discutir esse processo de mudança, tendo como marco temporal inicial o lançamento do Projeto de Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa, iniciado em 1987.

Embora se foque nas relações existentes entre os processos de mudança infraestrutural e sociocultural da região e as formas particulares de relacionamento no e com o espaço de um grupo social específico, a *galera*, busca-se também discutir como processos de revitalização em curso influenciaram na de ressignificação simbólica do centro urbano e histórico de João Pessoa por grupo social, em face de sua experiência urbana e de sua sociabilidade.

É na experiência urbana que se mostram de maneira mais clara as formas de reciprocidade e os instrumentos identitários de pertencimento, interação e apropriação do centro. Pois, as

formas de apropriação não são o resultado de escolhas individuais, nem são aleatórias: são resultado de rotinas cotidianas, ditadas por injunções coletivas que regulam o trabalho, a devoção, a diversão, a

convivência e que deixam suas marcas no mapa da cidade.  
(MAGNANI, 2011, p.06)

A pesquisa procurará dialogar com os trabalhos clássicos relacionados ao campo do planejamento e dos estudos sobre as grandes cidades, assim como também visará inserir-se nos debates contemporâneos, especialmente no tangente à sociologia e à antropologia urbana, envolvendo temas que passam pela reflexão sobre os sentidos atribuídos aos discursos de “revitalização”, “patrimonialização”, articulando estas questões a uma análise sobre as interações entre os grupos sociais, as experiências urbanas e as ideias de apropriação, de construção de identidades e valores materiais e simbólicos, temas que subjazem aos processos de mudança em curso.

A ordem cultural, enquanto um conjunto de relações significativas entre categorias, é apenas virtual. Existe meramente *in potentia*. Portanto, o significado de qualquer forma cultural específica consiste em seus usos particulares na comunidade como um todo. Mas este significado é realizado, *in presentia*, apenas como eventos do discurso ou da ação. O evento é a forma empírica do sistema. (SAHLINS, 1990, p. 190)

Pretende-se estudar a experiência urbana a partir dos significados construídos pelos agentes sociais que se apropriam do centro, refletindo sobre as formas pelas quais são estabelecidas suas interações com o espaço central e deste com eles. Buscar-se-á também classificar e descrever as características dos grupos sociais, de seus agentes e suas práticas relacionadas ao uso e às representações construídas acerca do espaço central da cidade, tendo em vista a construção dos elementos indeníveis definidos a partir da experiência urbana e sua relação com o espaço no qual se desenvolve.

A sociologia deve se esforçar para capturar e restituir essa dimensão carnal da existência, (...), partilhada, em graus diversos de visibilidade, por todos e por todas, através de um trabalho metódico e minucioso de detecção e de registro, de decodificação e de escritura, capaz de capturar e transmitir o sabor e a dor da ação, o som e a fúria do mundo social que as abordagens estabelecidas das ciências do homem colocam tipicamente em surdina, quando não os suprimem completamente. (WACQUANT, 2002, p.11)

A pesquisa proposta poderá contribuir para ampliar os estudos sobre o centro urbano da cidade de João Pessoa e para o entendimento das relações sociais e dos conflitos

próprios desta região da cidade, destacando-se as formas diferenciadas e compartilhadas de entendimento do centro por parte do poder público e da galera usuária.

No sentido de apreender estas relações, práticas e simbólicas, será mobilizado um conjunto de instrumentos de pesquisa, dentre os quais, especialmente, os etnográficos. Propõe-se com o método etnográfico a aproximação de um olhar, ou como diz Frehse (2006, p.4), uma “postura” perante o conhecimento, que seja capaz de identificar, descrever e refletir o contexto de estudo durante e após o trabalho de campo, nas etapas de análise e de interpretação dos dados. De forma a ser também,

capaz de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos. (MAGNANI, 2002, p.17)

O trabalho de campo também envolveu caminhadas pela região em companhia dos informantes selecionados, de forma a destacar as relações entre espaço, pesquisado e pesquisador, procurando construir uma reflexão que passe pela memória e envolva não apenas questões relativas aos usos dos equipamentos e da infraestrutura do centro, mas também aquelas relacionadas aos sentimentos de pertencimento e de identidade, articulando relações de afetividade a partir das formas de apreensão e significação simbólica da área central.

Neste sentido, retomando Simmel e Benjamim para apreender a dinâmica da cidade, foi preciso “flanar” pelo centro, procurando apreender as formas variadas de relacionamento e compreensão do espaço.

É vagabundagem? Talvez. Flanar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí o desocupado flâneur ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas. (JOÃO DO RIO, 2008, p.32)

O exercício do flanar em companhia dos informantes foi importante para ir além de uma apreensão apenas material e prática, procurando recolher indícios para uma reflexão sobre os aspectos simbólicos e imateriais dos relacionamentos sociais e urbanos. O “perambular com inteligência”, como fazia João do Rio, é uma forma de ir além do conhecimento imediato, material e técnico, que geralmente qualifica os estudos de planejamento urbano e que orientaram as estratégias de intervenção no sentido da requalificação da área central.

Para delimitar o objeto de estudo e identificar as práticas e os agentes que compõem a *galera*, nos utilizamos das categorias analíticas *mancha*, *trajeto* e *circuito*, destacadas por Magnani em *De perto e de dentro, notas para etnografia urbana* (2002). Estas categorias analíticas buscam localizar espacialmente as regularidades nos padrões de comportamento dos agentes sociais e sua dinâmica sociourbana no centro da cidade.

Para exemplificar essas práticas, faço aqui uma breve descrição com base em minhas observações e conversas com informantes, de dois eventos que compõem circuitos culturais no centro da cidade. Estes eventos são promovidos no Ponto dos Cem Réis e na Praça Anthenor Navarro, e na praça Rio Branco e no chamado Beco da Cachaçaria Philipéia.

Nesses eventos ocorrem práticas sociais que identificamos dentro de circuitos culturais que se realizam especificamente no centro da cidade e que configuram uma mancha de uso e apropriação do espaço com consequências sociais valorativas, ou de revalorização simbólica deste espaço da cidade por parte dos grupos que compartilham das atividades do circuito.

O trabalho divide-se em três partes. No primeiro capítulo apresentamos brevemente parte do meu percurso acadêmico, que fez com que transitasse da arquitetura e urbanismo para a sociologia, através de uma discussão acerca do reposicionamento do olhar. A partir daí inicia-se a descrição do centro urbano de João Pessoa, definindo o recorte temporal e espacial, a partir dos quais é possível perceber a experiência urbana e compartilhada da galera e seus códigos sociais, tendo como resultado a produção de uma e significação deste lugar.

Para acompanhar essa dinâmica esboçamos, no fim do capítulo, os referenciais metodológicos que nortearam a construção não só da reflexão sobre o centro, mas de como nos aproximamos da percepção da dinâmica construída e reproduzida dentro do cotidiano da área. Para isso, o exercício do *flanar* permitiu a produção de etnografias e a apreensão de elementos simbólicos articulados às formas de convivência e comportamento.

No segundo capítulo buscamos delimitar, descrever e caracterizar o objeto de pesquisa: a *galera* que participa do circuito cultural do centro de João Pessoa. Neste percurso buscamos encontrar um recorte possível para identificar as práticas sociais e suas dinâmicas. Nos utilizamos das categorias *mancha*, *trajeto* e *circuito* (MAGNANI, 2002) para melhor qualificar o grupo heterogêneo que se procura estudar. O uso dessas categorias tornou possível um reconhecimento de padrões que estruturam formas

específicas de sociabilidade com consequências nas formas de uso e apropriação material e simbólica da área.

Para compreender essa dinâmica, foi produzida uma breve etnografia dos dois eventos articulados nos dois polos culturais descritos acima. Neles ocorrem práticas sociais que nos levaram a perceber não só a construção de redes de sociabilidade e de partilha de códigos, mas, também, um conflito na produção de significados simbólicos da área central. A partir daí, buscou-se desnaturalizar essas ações e a procurar seus significados.

No terceiro capítulo discutimos como foi construída a imagem de lugar “histórico”, tendo como marco temporal o lançamento do Projeto de Revitalização do Centro Histórico (1987), que inaugurou o processo de revitalização pelas ações de restauração de edificações e por obras em alguns trechos urbanos, envolvendo uma série de políticas de preservação e tombamento do patrimônio edificado. Essas ações tiveram continuidade por meio de intervenções da Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP) envolvendo, nos últimos anos, a reforma da Praça Vidal de Negreiros (Ponto dos Cem Réis), em 2009, da Praça Rio Branco, em 2010, e do Pavilhão do Chá, em 2012.

Além dessas ações, foram também promovidas e/ou apoiadas pelo poder público variadas atividades culturais, objetivando a ressignificação simbólica do centro e a mudança em suas formas de uso e apropriação, assim como alterando seu papel no conjunto urbano de João Pessoa, envolvendo a atração para o “novo centro histórico” de um público que não o conhecia ou não o utilizava como espaço de lazer e entretenimento.

Assim, o estudo procura acompanhar como o processo de mudança estrutural, funcional e simbólica que envolveu a requalificação e ressignificação do centro antigo a partir da concepção de sentido ancorada na ideia de centro histórico interferiu na forma de uso e apropriação desta área pela galera. E em como esse processo resultou em novas formas materiais e simbólicas de representação e significação por parte destes dois agentes.

Finalmente, a dissertação será concluída com um capítulo dedicado às considerações finais. Neste se procurará articular o debate sobre o encontro simbólico entre estes dois agentes, poder público e galera, resultando em um conflito cultural e identitário de consequências estruturais, condicionadas pelas práticas sociais de revalorização e pelas formas de revitalização e ressignificação do centro por parte desses agentes.

## **Entrando no Centro, entrando na Sociologia**

Neste primeiro capítulo faço uma breve apresentação do percurso que tracei e que me levou a transitar da arquitetura e urbanismo para a Sociologia, que envolve não apenas uma passagem entre disciplinas do conhecimento, mas uma forma de posicionamento, ou melhor, de reposicionamento do olhar.

Início a descrição do objeto de estudo, o centro urbano de João Pessoa, a partir de um recorte temporal contemporâneo, procurando discutir a produção e significação deste lugar.

O centro vem há bastante tempo se consolidando como um espaço de produção cultural da cidade. Esta produção é distribuída dentro desta área que forma um circuito (MAGNANI, 2002). O acompanhamento deste exige a mobilização de uma metodologia que permita refletir sobre as formas de construção dos sentidos e significados que o centro vem assumindo, especialmente após as intervenções urbanas das últimas décadas. Neste sentido, procurei explicitar neste capítulo os referenciais metodológicos que nortearam a reflexão sobre o centro.

### **1.1. Reposicionamento do olhar**

No percurso da minha graduação em Arquitetura e Urbanismo transitei por temas e leituras que envolveram também o diálogo com outras ciências, especialmente no campo das humanidades, passando por autores que transitam pela história, sociologia, antropologia e psicologia, e por temas envolvendo a construção de significação, de uso, de apropriação, de percepção e de sentidos atribuídos ao espaço.

Foi relevante para a escolha do objeto de pesquisa e do campo científico de abordagem o envolvimento, ainda na graduação, com a temática da Sociologia Urbana, especialmente por meio da execução de projeto de iniciação científica<sup>1</sup> que envolveu o estudo da formação e consolidação das favelas Porto do Capim, Vila Nassau e XV de Novembro, localizadas na região central da cidade de João Pessoa. Elas estão situadas na área do antigo porto, onde se originou o núcleo urbano da cidade. A pesquisa passou pela investigação, conhecimento e registro, por meio de imagens, da arquitetura e da

---

<sup>1</sup>A equipe do projeto de iniciação científica era composta por mim e Camila Leal sob a orientação da professora Jovanka Scocuglia e durou o ano de 2007 e 2008.

estética da favela<sup>2</sup>, e teve como referência de estudo o caráter de constante dinâmica e transformação da paisagem e das moradias. O trabalho envolveu a reflexão sobre a inserção de novas unidades habitacionais e a destruição das antigas, por acréscimos e/ou demolição de cômodos, pela precariedade dos materiais utilizados nas construções, etc.

Foram feitos levantamentos das formas de moradia, dos trechos urbanos e das instituições localizadas na área. A partir deste levantamento foi elaborada uma classificação tipológica, gerando um quadro síntese das soluções arquitetônicas e da estética predominante, bem como dos exemplares singulares.

Os procedimentos metodológicos que acompanharam a pesquisa se basearam em pesquisa de campo com realização de entrevistas semiestruturadas, pesquisa documental (registro cartográfico da área), bem como observações diretas em campo.

Além dessas etapas, foi realizada uma pesquisa iconográfica. Nela procurava-se elaborar uma memória visual destas favelas, dos espaços de uso e convivência, assim como da vida cotidiana da população local, envolvendo ainda o estudo do interior das edificações e das formas de apropriação de espaços públicos existentes na área, como corredores entre as casas, pátios, becos e vielas.

Finalmente, foi realizada uma análise cruzada e triangulação das informações obtidas, procurando responder à questão de como o espaço estrutura os modos de vida, as maneiras de habitar, as formas de sociabilidade e as práticas sociais desta população e quais os elementos que intervêm na escolha dos materiais construtivos, na estética das habitações e na morfologia resultante destas favelas, instaladas às margens do rio Sanhauá, no Centro comercial da cidade de João Pessoa.

---

<sup>2</sup>O debate da estética da favela tem como base uma discussão que é apresentada por Paola Berenstein Jaques no livro *Estética da ginga* e que fomentou uma série de debates em torno da construção de outro referencial para o estudo das favelas brasileira e a consequente produção de forma de estar no mundo das pessoas que vivem essa realidade.



jardins, os espaços para circulação de pedestres (calçadas) e veículos (ruas) e das áreas livres para expansão da cidade. O vazio urbano foi produzido pelo esvaziamento residencial da área, caracterizando um vazio esvaziado<sup>4</sup>, social e fisicamente produzido.

O resultado deste processo, de forma sintética, foi a produção de terrenos e edificações sem uso ou função, incapazes de absorverem as propostas de requalificação da área central. À medida que a situação de vacância se prolonga, aumenta o número de vazios urbanos no tecido consolidado produzindo ambientes geradores de desequilíbrio, de instabilidade e de transformação da estrutura urbana.

Percebe-se que o não uso das edificações, nos seus diversos níveis, vem influenciando de maneira determinante as formas de sua conservação e também na produção de uma determinada maneira de uso e ocupação do solo da área central da cidade de João Pessoa.

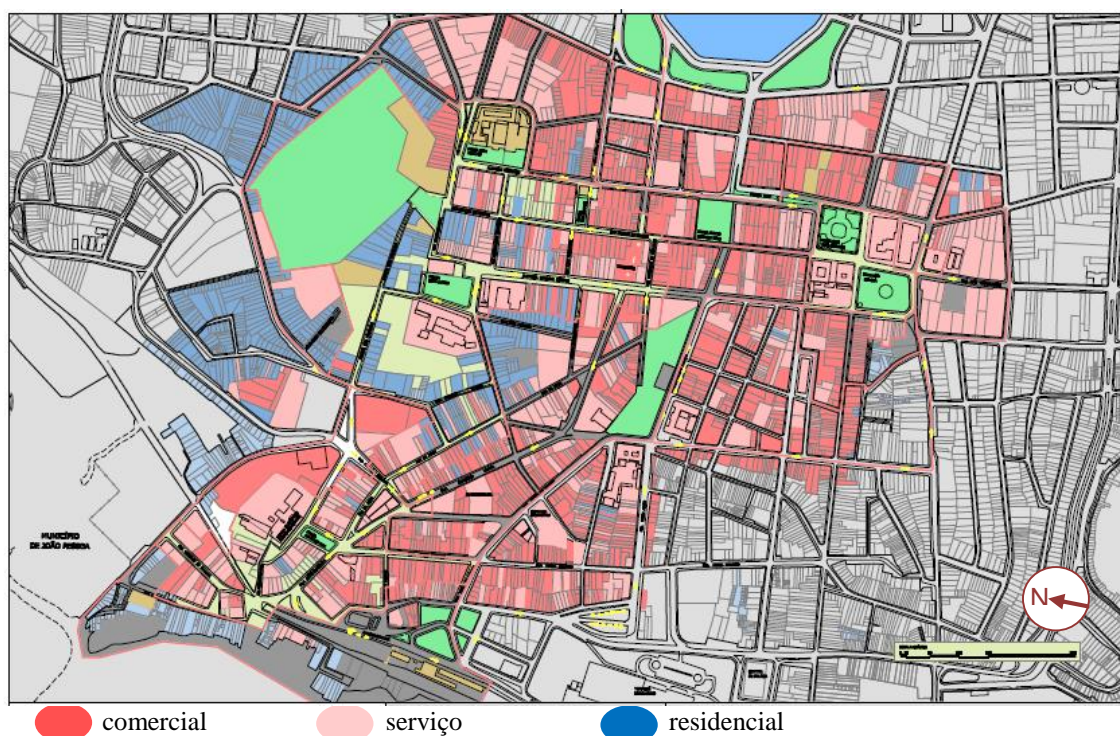


Figura 02: Mapa de vazios urbanos. Fonte: MELO, 2010

Para entender o processo de esvaziamento compoñho o caminho metodológico a partir de duas bases. Uma parte da experiência da errância urbana de Paola Berenstein Jacques, que busca a percepção do espaço urbano a partir da vivência no cotidiano da

<sup>4</sup>Essa expressão é utilizada por BORDE (2006) que serviu de guia para construção conceitual do meu trabalho monográfico. No seu trabalho Borde conceitua vazio urbano como “os terrenos e edifícios vacantes que se diferenciam no tecido urbano por estarem sem ocupação, sem uso ou subutilizados, sendo representativos de mudanças socioeconômicas e formados “quando determinados usos, atividades ou funções tornam-se obsoletas, enquanto outras emergem, se impõem e criam a necessidade de novas edificações e espaços livres” (BORDE 2006, p.8).

cidade. De acordo com Jaques (2008), a prática da errância urbana é uma ferramenta subjetiva e singular que pretende entender a cidade para além das representações, planificações ou projeções, a partir da vivência na cidade, por meio de práticas, ações e percursos que explicitam as relações cotidianas e as apropriações diversas do espaço urbano.

Partindo de Borde (2006), procurou-se discutir o conceito de visibilidade que envolve a compreensão de que é no visível que se constrói a impressão do vazio urbano, sendo uma questão de grande importância neste estudo sobre significações simbólicas, funcionais e morfológicas desses espaços na cidade. A visibilidade foi um dos conceitos utilizados para a identificação das situações de vazio urbano, especialmente, pelo significado de abandono e degradação a ele associado.

Essa experiência foi materializada com a identificação e espacialização georeferenciada dos vazios urbanos. Esta pesquisa pretendeu contribuir para o entendimento das dinâmicas sócio-espaciais características do Centro Histórico da cidade de João Pessoa, permitindo a formulação de subsídios para o planejamento urbano.

Um dos caminhos para o entendimento do processo de esvaziamento teve como referência o uso que as pessoas dão ou deixam de dar aos espaços e lugares e como isso influencia a construção dos significados atribuídos a esses lugares. A verificação de que algumas questões colocadas pela pesquisa não poderiam ser discutidas adequadamente apenas com base na abordagem própria do campo do planejamento urbano, exigiu um aprofundamento do estudo, agora a partir de uma reorientação do olhar sobre o centro, amparando-o especialmente nas Ciências Sociais. A escolha do referencial sócio-antropológico respondeu à busca de um referencial que permitisse construir um diálogo entre a cidade e a pessoas que a usam, a constroem, a significam e resignificam.

Seguindo os princípios clássicos da chamada Escola de Chicago (PARK, 1979), percebeu-se que a cidade não representa apenas um conjunto físico e material circunscrito a partir de um lugar, a cidade, antes de tudo, é construída pelos indivíduos e pela sociedade, não é apenas um aglomerado de ruas e prédios, ela ganha significado a partir dos usos e representações sociais que ela promove. Assim, a cidade é o que a sociedade faz dela, é um ambiente físico que só ganha sentido pelas formas de uso e significação por parte dos que dela se apropriam, material e simbolicamente.

O reposicionamento do olhar do pesquisador, assim, retira o foco “de cima”, deixando de observar privilegiadamente o patrimônio arquitetônico, quer através da observação direta, quer por meio de fotos aéreas, mapas, plantas, etc., promovendo uma

observação horizontal a partir da qual se estabelece uma possibilidade de aproximação entre o pesquisador e o objeto. A observação dos equipamentos urbanos e do patrimônio arquitetônico é substituída por um exercício do olhar voltado para as pessoas que usam e ocupam os espaços do centro, envolvendo práticas e experiências que se dão na cidade.

Um autor que discute sua passagem do Urbanismo para a Antropologia é Carlos Nelson Ferreira dos Santos no texto *Como e quando pode um arquiteto virar antropólogo?*(1980). Não é importante discutir as particularidades da Antropologia e da Sociologia<sup>5</sup>, mas o como o olhar reflexivo, nesse caso específico, se reposiciona, envolvendo as formas como a pesquisa passa a ser construída.

São questões que envolvem o lugar de onde se fala e a forma de apreensão e compreensão do fenômeno urbano. Não se trata apenas de volta o olhar de *cima* para *baixo*, tal como se fosse possível uma passagem de um *ethos* urbanista para um *ethos* sócio-antropológico. O *habitus* do urbanista intermedeia o ato de flunar e observar o fenômeno urbano, compartilhando formas de reflexão e apreensão das dinâmicas sociais e culturais. Deparei-me com perguntas semelhantes às de Carlos Nelson Santos:

Como procurar as formas de perceber o urbano e conseguir limpá-las ou, pelo menos, situá-las no meio de um cipal de símbolos e de representações divergentes ou difíceis de demarcar? Do ponto de vista da prática da pesquisa e da recuperação das informações de campo este tem sido o meu problema principal. (SANTOS, 1980, p. 51)

Tal como indica o título do artigo, *Como e quando pode um arquiteto virar antropólogo?*, Santos vai tratar de como se deu em sua trajetória intelectual a passagem das questões que envolviam o urbanismo para as questões próprias da antropologia, o que se assemelha ao exercício aqui ensejado, qual seja, de agregar o conhecimento urbanístico à reflexão da dinâmica sócio-cultural na cidade. O autor julgava que a situação do ensino da Arquitetura, na década de 1960, quando Brasília era inaugurada, estava dominado por discussões contraditórias entre o discurso revolucionário e o conservador, tornando o campo intelectual dominado pela ideologia do progresso.

No entanto, era possível encontrar um pequeno grupo de pesquisadores que já buscava um caminho não tradicional para o exercício da reflexão arquitetônica e urbanística. Daí surgiram novas pesquisas, envolvendo o estudo sistemático sobre

---

<sup>5</sup> Sobre a contribuição da fronteira entre a Sociologia e a Antropologia para a reflexão sobre os problemas urbanos ver Frúgoli Jr. (2005).

favelas, habitações populares, assim como sobre os problemas urbanos relacionados às camadas mais pobres da população.

Além da prática nula, havia um respeitável despreparo no conhecimento. Nisto, professores e alunos faziam frente comum; no uso e no abuso de “teorias” cuja autolegitimação só era comparável à sua pouca seriedade. Fazer pesquisas e avaliar o resultado das ações empreendidas através de métodos apropriados eram coisas vistas com estranheza. Não eram para arquitetos. (SANTOS, 1980, p.40)

Assim, o grupo no qual ele fazia parte resolveu ir à campo, trabalhar diretamente com as populações pobres e faveladas. A ocasião era oportuna, pois no Rio de Janeiro começavam a se esboçar grandes planos de remoção de favelas, havendo bastante mobilização da opinião pública em torno do assunto, que passou a ocupar a pauta de pesquisas no campo da arquitetura e do urbanismo. Devido à falta de ferramentas metodológicas e teóricas adequadas para tratar da realidade social com que se deparavam, Santos destaca que entre este grupo de pesquisadores:

Inventávamos maneiras de agir e inventávamos teorias. (...) Eram idas e vindas sem fim, em que respirávamos favelas e favelados, com pouca gente entendendo ou ajudando. Acabamos descobrindo profissionais na nossa área e em outros campos que pensavam coisas parecidas. Tivemos acesso à bibliografia. Foi um autodidatismo que se afirmava através de trabalhos concretos. (SANTOS, 1980, p.40)

No início da sua exposição ao cotidiano das favelas e dos favelados, Carlos Nelson Santos nos aponta que começou observando o que poderia ser considerado, convencionalmente, de interesse do arquiteto ou urbanista, tal como: casas, sistemas viários, soluções de esgotamento sanitário e abastecimento de água, redes de distribuição de energia, formas de ocupação do solo, dentre outros temas. No entanto,

À medida em que ia me familiarizando com aquele ambiente, a princípio tão estranho, fui percebendo que estava cheio de ordens e de códigos. Foram se amontoando dúvidas e se dissolvendo ideias feitas, trazidas de longe, de lugares que não pertenciam a outro mundo senão o das formulações racionais e abrangentes, as tais que pretendiam dar conta da “realidade”. Fui descobrindo que havia muitas diferenças dentro do que, simplisticamente, designava por um só nome. (SANTOS, 1980, p. 42)

Com a prática em campo ele e seus colegas foram percebendo que estas transformações eram importantes não só para eles, mas também para a relação que estabeleciam com os favelados. Os pesquisadores perceberam que quanto mais inventavam sofisticadas formas de ler o espaço, a economia e os comportamentos sociais, mais eram surpreendidos pela realidade própria das dinâmicas impressas pelos cotidianos individuais e coletivos dos moradores. Era exatamente no acompanhamento das dinâmicas sociais que encontravam os resultados mais interessantes para o trabalho científico, aqueles capazes de atribuir sentido e motivação para a ação e significação dos espaços da cidade.

De observador de padrões e arranjos dos espaços públicos e privados e de candidato a interventor nas suas formas de produção e de consumo, fui me transmutando em observador das inter-relações sociais e das redes de significados. (SANTOS, 1980, p. 42)

Foi-se estabelecendo uma crise envolvendo as formas de entendimento da cidade próprias da arquitetura e do urbanismo e a realidade que encontrava no ambiente das favelas e no cotidiano dos favelados.

Fui ficando com muita consciência crítica a respeito da minha profissão e do meu grupo profissional. Para agir como arquiteto sobre os meios urbanos brasileiros era urgente conhecê-los melhor. Era preciso descobrir formas de lê-los estruturalmente, que permitissem entendê-los como todos e, ao mesmo tempo, dar conta de um sem-número de particularidades das quais não se podia fazer tábula rasa, sob pena de perder o essencial, aquilo que, de fato, fazia o “sistema funcionar de verdade”. Buscar novos métodos rastreadores das coerências e contradições entre as formas das cidades e de seus elementos físicos conformadores e as relações sociais neles contidos. (SANTOS, 1980, p. 43-44)

O reconhecimento da incapacidade de apreensão da realidade apenas com o amparo dos métodos característicos da arquitetura e do urbanismo foi o estopim de sua migração para a reflexão partida do olhar antropológico.

Foi uma evolução traumática: eu fazia muita etnografia ‘em bruto’ e vivia ansioso por ‘contar histórias’ sem conhecer a técnica adequada e receoso de usar os termos inadequados. (...) Detinha um conhecimento em muitos aspectos ‘superior’, capaz de provocar transformações diretas no mundo real, em oposição às análises e explicações dos

cientistas sociais que não via servirem para muito mais do que para formarem outros cientistas sociais iguais a eles. (SANTOS, 1980, p.44)

A experiência de Carlos Nelson Santos, neste sentido, se aproximou daquela por mim vivenciada: “Precisava de novos mecanismos de pensamento, de métodos de crítica e de análise.” (SANTOS, 1980, p.44) Por isso a opção por partir de um campo de fronteira entre as disciplinas, de forma a permitir uma reflexão mais matizada, amparada não apenas nos aspectos físico-institucionais, mas também e fundamentalmente, nos sócio-culturais, procurando olhar o espaço a partir não só dos equipamentos e das edificações, mas dos meios materiais e simbólicos de construção da cidade, das relações entre o espaço e suas formas de apreensão, fundadas nas relações e dinâmicas sociais e culturais.

Eu me sentia ambíguo, às vezes muito ignorante para sequer ser aluno, outras vezes muito escolado para não ser mais do que isso. E a distância... e a fronteira... não era raro que em seminários e debates me referisse aos outros como ‘vocês cientistas sociais’. (SANTOS, 1980, p.44-45)

Neste caso específico, a para um campo de fronteira com a Sociologia e a Antropologia foi carregada do desejo de entender o que há de específico na dinâmica cultural, em saber lidar com o que há de constante e universal em meio à diversidade e às particularidades dos grupos sociais, buscando, assim, minimizar as tendências homogeneizadoras próprias do planejamento urbano.

As ciências sociais propiciam possibilidades de estudo, análise e formas observação da dinâmica da sociedade e das relações sociais que não são compatíveis com os métodos característicos dos estudos de planejamento e arquitetura, envolvendo reflexões e olhares que podem auxiliar no esforço de reflexão crítica das formas de convívio na cidade que não poderiam ser destacadas apenas com o estudo material do espaço, das edificações e da infraestrutura física da urbe. Retomando Robert Park, a cidade é, antes de mais nada, o que as pessoas fazem dela. Retratar o ambiente físico não é, por isso, suficiente para compreender a dinâmica urbana, que envolve antes relações sociais e culturais que apenas bens materiais e o patrimônio arquitetônico.

Carlos Nelson Santos aponta duas questões interessantes para refletir sobre as formas de apreensão da dinâmica social na cidade:

Ainda que trabalhasse, há bastante tempo, ‘à maneira de’ um antropólogo, tive muita dificuldade em entender o que pretendiam os antropólogos com o que chamavam de ‘cultura’. O que é que se fazia com ‘cultura’? Para que serviam os resultados de ‘estudo da cultura’? (SANTOS, 1980, p. 49)

Como procurar as formas de perceber o urbano e conseguir limpá-las ou, pelo menos, situá-las no meio de um cipal de símbolos e de representações divergentes ou difíceis de demarcar? (SANTOS, 1980, p. 51)

Essas questões que trago ao retomar os argumentos de Carlos Nelson Santos expõem um pouco da problemática que carrego nesse processo de reposicionamento do olhar.

A migração para um campo de fronteira entre a arquitetura e o urbanismo, de um lado, e as ciências sociais de outro, envolve o objetivo de observar as ações humanas não como elemento secundário na formatação dos nossos espaços urbanos e das dinâmicas neles envolvidas, mas de situar essas ações em figurações mais amplas das realidades práticas da vida cotidiana.

(...) podemos dizer que a sociologia se distingue por observar as ações humanas como elementos de figurações mais amplas; ou seja, de uma montagem não aleatória de atores reunidos em rede de dependência mútua (dependência considerada o estado no qual a probabilidade de que a ação seja empreendida e as chances de seu sucesso se alterem em função do que sejam os atores, do que façam ou possam fazer). (BAUMAN, 2010, p.16-17)

Dessa maneira, utilizamos a maneira de pensar característica das ciências sociais como forma de ampliar as possibilidades de compreensão das diversas formas a partir das quais se constrói a dinâmica social, se estabelece e se conforma em um determinado espaço, articula circuitos, define relações e dinâmicas.

O uso dos métodos e da linguagem sócio-antropológica envolve questões como o *habitus* próprio do campo das ciências sociais, que auxiliam no esforço de definição das formas de compreensão e estudo da cidade e da sociedade.

Os métodos e a linguagem das ciências sociais auxiliam no objetivo de observar os indivíduos a partir de verificação da existência de redes de interdependência.

No entanto, se quisermos pensar de modo científico, geralmente esquecemos que é possível designar essas estruturas sociais de “minha”, “dele”, “nossas”, “vossas”, “deles”. Em vez disso, referimo-nos habitualmente a essas estruturas como se elas existissem não só acima e para além de nós mesmos, mas também acima e para além de qualquer pessoa. Neste tipo de pensamento, parece evidente que o “eu” ou “os indivíduos particulares” estão de um lado, havendo do outro lado a estrutura social, o “meio ambiente” que me rodeia, a mim e aos outros “eus”. (ELIAS, 2008, p.16)

Observar as redes de interdependência que se constroem no centro da cidade de João Pessoa nos leva a perceber que são elas que definem a dinâmica social que caracteriza o espaço do centro. Com isso, podemos começar a perceber as forças sociais que atuam a partir dessas redes.

Ao procurar alargar a nossa compreensão dos processos humanos e sociais e adquirir uma base crescente de conhecimentos mais sólidos acerca desses processos – isto já em si constitui uma das tarefas fundamentais da sociologia – confrontamo-nos com uma tarefa semelhante de emancipação. (ELIAS, 2008, p.17)

Esta maneira de olhar busca se desvincular dos processos que explicam a dinâmica urbana e social de maneira naturalizante, ou seja, se diferenciar de modelos explicativos genéricos, neste sentido, “A evolução da concepção que as pessoas têm sobre o objeto fundamental é inseparável da concepção que têm sobre um método adequado à investigação.” (ELIAS, 2008, p.61-62)

Se uma teoria sociológica do conhecimento se basear não no postulado de utopias científicas mas na investigação das ciências como processos sociais observáveis, então tem de se centrar na natureza dos processos cognitivos no decurso dos quais, primeiro poucos, depois grupos maiores e melhor organizados conseguiram trazer o conhecimento e o pensamento humanos a uma concordância mais íntima com uma série cada vez maior de dados observáveis. (ELIAS, 2008, p.56-57)

Assim, o reposicionamento do olhar presume e exige uma relação interdisciplinar e a articulação de métodos que sejam capazes de apreender as dinâmicas construídas pelas redes de sociabilidade no espaço. Como destaca Santos:

(...) mesmo quando se trata de um elemento tão material e tão indispensável às atividades humanas como é o espaço, tudo depende de representações legitimadas por um determinado código social. Sendo o espaço um produto histórico, a história também é, em certa medida, resultante das construções materiais e simbólicas do espaço através do tempo. A história dos homens, não importa de que período se trate, vai se definir a partir dos espaços que eles inventaram para que aí acontecesse a sua história. Espaço significativo sem história ou, pelo menos, mito explicativo é impensável. Vice-versa idem, idem; não pode haver história ou mito sem referência a algum espaço real ou idealizado. (SANTOS, 1980, p. 51)

## 1.2. O Centro de João Pessoa.

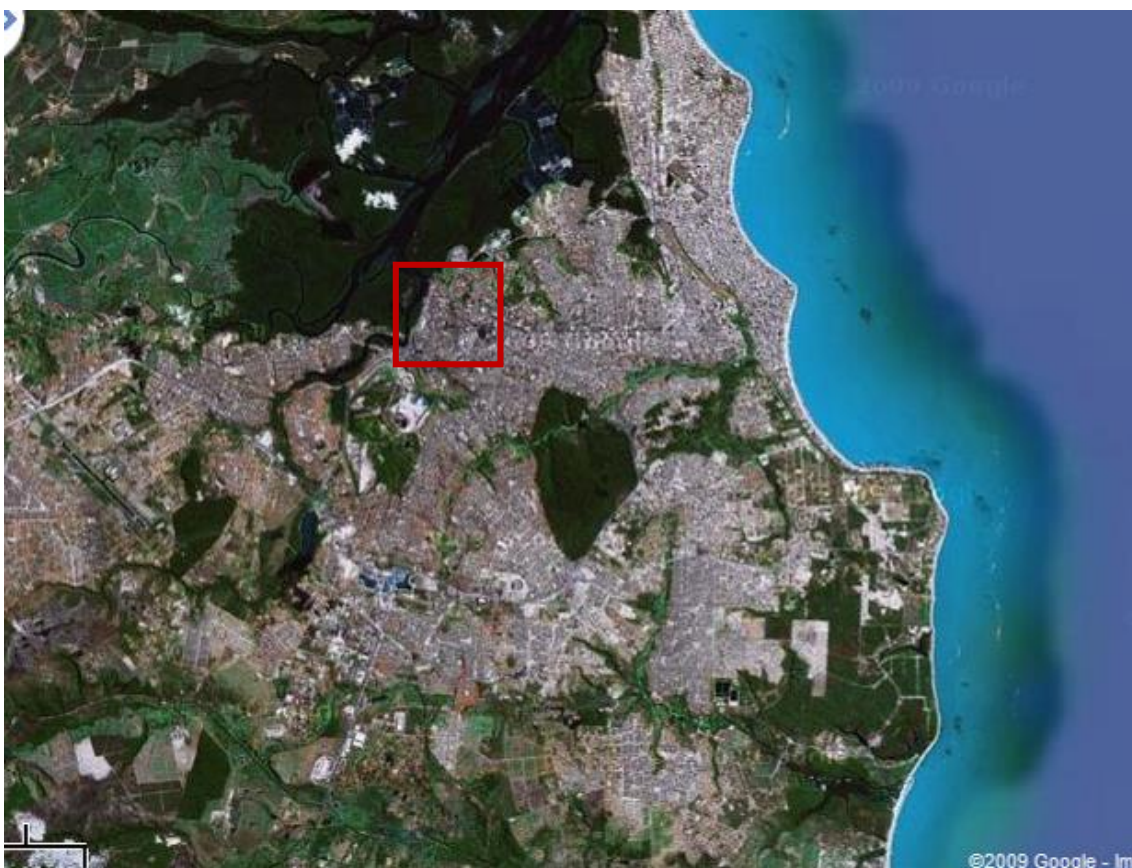


Figura 03: A cidade de João Pessoa. Delimitada pelo oceano Atlântico e pelas cidades de Cabedelo, Santa Rita, Bayeux e Conde, a cidade tem uma população estimada de 702.235 hab. (IBGE, 2009) distribuídos em 210,45 km<sup>2</sup>. Assinalado no recorte a sua área urbana central. **Fonte:** google.maps.com acessado em agosto de 2012.

O objeto de reflexão definido por esta pesquisa é o centro de João Pessoa. Seu estudo envolve as características históricas, morfológicas, funcionais e simbólicas,

marcadas pela grande diversidade de relações sociais que atribuem usos, sentidos e impressões diferenciadas no tempo e no espaço, em um intenso processo de construção/desconstrução do tecido urbano<sup>6</sup> e de suas formas características de significação e apropriação material e simbólica.

A apresentação do espaço do centro, a partir de sua formação, importância histórica e dinâmica sócio-espacial, será importante para qualificar o recorte escolhido para análise, que parte do processo de socialização desta área da cidade através dos eventos culturais da *galera*, envolvendo elementos históricos que permitiram qualificar uma dinâmica social específica nesta área.

A definição espacial que orientou a pesquisa se refere à área tombada pelo IPHAN no final do ano de 2007. É nela que ocorrem os eventos estudados e onde se formam o que poderíamos chamar de um circuito cultural específico.

As dinâmicas próprias da atual configuração da região central foram forjadas especialmente nos últimos quarenta anos, marcada pela ideia de decadência desta área. Neste período a cidade sofreu um rápido processo de expansão urbana que fez com que a área central alterasse gradativamente o seu perfil original de uso e ocupação, reduzindo significativamente os espaços residenciais, enquanto reafirmou-se como *locus* privilegiado de comércio.

O processo de expansão territorial da cidade começou a se intensificar nos anos de 1970. O deslocamento das elites e de parcela das classes médias do centro para a orla ocorreu em função de um conjunto de fatores, entre os quais a abertura de vias de conexão entre o litoral e o centro, os intensos investimentos em infraestrutura urbana e ainda a construção de conjuntos habitacionais destinados às classes médias. Este processo gerou como consequência uma rápida valorização dos terrenos da orla em face da intensa especulação imobiliária, favorecida pelo crescimento populacional e pela tendência de ocupação das áreas litorâneas, até então praticamente despovoadas. Já o deslocamento de parte da população do centro para as zonas sul e sudeste se deu em sua maior parte devido à criação de novos conjuntos habitacionais voltados às classes populares, intensificando um processo de segregação sócio-espacial da cidade.

Acompanhando a migração das classes médias e das elites para a região da orla, ocorreu uma mudança das instituições, do comércio e dos serviços para o novo polo de concentração da riqueza na cidade. Com a saída da população residente nos bairros do Centro e Varadouro e a migração da infraestrutura de serviços públicos e privados,

---

<sup>6</sup> Tecido urbano é a expressão física da forma urbana e a base sobre a qual se estabelecem as relações materiais, jurídicas, econômicas e sociais (apropriação, uso e transformação). (BORDE, 2006)

ocorreu uma rápida desvalorização imobiliária na região, que foi seguida do abandono de muitos imóveis antigos. Isto possibilitou uma nova ocupação do centro, privilegiadamente por grupos sociais de rendas mais baixas, que passaram a se apropriar pouco a pouco da área central, das áreas públicas, dos passeios, das ruas, assim como dos imóveis, estimulando o fortalecimento de uma economia popular envolvendo atividades de baixa rentabilidade, informais, precárias e, em alguns casos, ilegais.

Gradativamente, a popularização da ocupação do centro foi sendo associada à imagem de decadência e abandono, qualificando a região como uma área de risco. Muitas edificações foram abandonadas, perdendo valor imobiliário. Essa tendência se amplificou no início dos anos 1990, quando outras centralidades da cidade começam a se consolidar, segregando o comércio e os serviços, que acompanharam o deslocamento das populações de rendas médias e elevadas.

A cidade aparece, portanto, como um cenário de atividades opostas. A cada ação de expansão urbana, se observa um paralelo na deterioração, o que se expressa nas mudanças ou nas migrações dos usos do núcleo tradicional para subcentros da cidade. (RIBEIRO, 2006, p.137)

Assim, a mudança da forma de ocupação do centro, que de residencial passa a ter preponderância comercial e de serviços, favoreceu a deterioração das edificações antigas, consolidando uma imagem de decadência e abandono. No entanto, esta imagem de degradação não está associada apenas às estruturas físicas, mas também às relações e aos grupos sociais que se estabeleceram na região após a migração das classes média e alta e dos serviços delas subsidiários.

Para reverter o processo de deterioração dos prédios históricos, que passaram a ser demolidos e a caírem por falta de manutenção, iniciaram-se os diversos programas de preservação do patrimônio cultural e de “revitalização” da área central. Estes buscam criar uma ideia de resgate histórico da área central. Estas ações partiram de obras pontuais e de intervenções em edificações, realizadas pelo poder público ou por meio de parcerias com a iniciativa privada, tendo como objetivo macro não apenas a recuperação do patrimônio cultural, mas também a produção de uma imagem positiva da área central, que passaria a voltar-se principalmente para o incremento dos roteiros turísticos da cidade.

Apesar das mudanças de uso e do tecido urbano, a área central continua a possuir uma importância comunitária e social reforçada pela memória e pela representação coletiva, articulando sentido histórico e cultural, tendo o patrimônio arquitetônico como

referência identitária da cidade. Paralelamente, o centro continuou a reunir a maior concentração de atividades de comércio e serviços de João Pessoa. Além disso, a região exerce centralidade em toda a rede de transporte da cidade, concentrando as estações ferroviária e rodoviária e o principal terminal de transporte municipal.

Em um sentido semelhante, Kowarick destaca algumas características do centro de São Paulo, indicando que:

Além de servir de “transbordo”, os territórios centrais revelam vidas em contrastes, constantes lutas pela apropriação de espaços valorizados, não só do ponto de vista econômico, mas também de significados sociourbanísticos, com seus patrimônios materiais e culturais, construídos de lembranças, identidades locais nas memórias díspares de quando o Centro era centro dos acontecimentos. (KOWARICK, 2009, p.109)

A decadência da área central se mostra mais complexa do que apenas resultante do processo de esvaziamento residencial, deterioração das edificações, mudança do padrão de comércio e serviços e perda de valorização imobiliária, envolve também relações sociais, culturais e simbólicas, mudanças nas formas de convívio e significação, apreensão e entendimento da cidade e do papel exercido pelo centro.

Antes que apenas um conjunto arquitetônico heterogêneo, o centro histórico ganha unidade e sentido a partir das formas particulares de uso e apropriação material e simbólica, derivadas das formas de convívio e relacionamento social no seu ambiente.

Se há, por um lado, um movimento centrífugo, por outro também se destaca a resistência de espaços de moradia na região, promovendo cada vez maiores vínculos identitários e de pertencimento em relação aos que continuaram a residir nesta área da cidade. Se há uma relativa perda de significados antes atribuídos ao centro histórico, por outro lado a mudança dos grupos e arranjos sociais e econômicos preponderantes na região vem promovendo novas formas de entendimento do espaço central da cidade.

Ao lado dos que moram no centro, há também os que mantêm, por diversos motivos, fortes vínculos de pertencimento e identidade com a região. Geralmente esses laços simbólicos de afinidade e pertencimento derivam de relações profissionais, culturais e/ou familiares.

O comércio e os serviços diurnos costumam atrair para área central um grande fluxo de pessoas que, na sua maioria, depois de realizadas suas atividades profissionais não permanecem no centro, voltando para os bairros de suas moradias. Este fluxo diurno

marca um contraste com a dinâmica social noturna. Com o grande comércio, os bancos, e a maioria das empresas e instituições públicas fechadas, há uma drástica redução no número dos transeuntes do centro, o que não significa, por sua vez, que não exista outro uso e outras formas de apreensão do centro neste período do dia.

A população residencial tem grande importância na construção da dinâmica social, pois estabelece um fluxo de pessoas durante todo o dia e constrói um sentimento de pertença com o espaço. Tratando-se da área central, sabe-se que é na mistura de diversos agentes sociais que se constrói uma de suas principais características, a de lugar de heterogeneidade.

O uso noturno também tem grande importância para a consolidação de uma dinâmica urbana característica da área central. Esta é conformada nas relações travadas pelos residentes, que se apropriam do espaço no seu tempo integral e também pelas atividades caracteristicamente noturnas – eventos culturais, prostituição, boemia, etc. – que compõem na área central um fluxo e uma forma de apropriação distinta do período diurno.

Scocuglia (2004) nos aponta que esta distinção na dinâmica urbana já acontecia na área central antes mesmo do início do processo de “decadência” urbana:

Se os deslocamentos de grande parte das atividades residenciais da cidade baixa para os bairros Trancheiras e Tambiá faziam acentuar e combinar comércio e prostituição – que em certa medida permaneceu ao longo do tempo – contribuíram também para caracterizar as sociabilidades nessa área, segundo dois momentos distintos: o dia e a noite. O dia com o comércio, os serviços etc. e a noite com a boemia e a prostituição. Acentuava-se, assim, ao longo das décadas de 1950/60, a imagem do centro da cidade como área de risco, despovoada e marginal durante a noite. Enquanto área comercial era barulhenta, movimentada, heterogênea em termos de seus usuários e das atividades de comércio varejista, atacadista, serviços, administração, transportes. (SCOCUGLIA, 2004, p. 98)

Contudo, a forma de pensar a dinâmica urbana da área central a partir de uma separação por turnos – dia e noite – e/ou por usos, principalmente das edificações – residencial, comercial e serviços – acaba por direcionar o pensamento para um caminho distinto da dinâmica urbana própria das áreas centrais, na qual, antes de qualquer separação, se realiza como um espaço de heterogeneidade. A área central representa um

conjunto, em que os turnos, as pessoas e os usos se misturam. Para Benjamin (2009) é na área central em que as ruas se tornam espaços de realização do coletivo:

As ruas são a moradia do coletivo. O coletivo é um ser eternamente inquieto, eternamente agitado que vivencia, experimenta, conhece e inventa tantas coisas entre as fachadas dos prédios quanto os indivíduos no abrigo de suas quatro paredes. Para este coletivo, as brilhantes e esmaltadas tabuletas das firmas comerciais são um decoração de parede tão boa, senão melhor, quanto um quadro a óleo no salão do burguês; muros com o aviso “Proibido colar cartazes” são sua escrivania; ancas de jornal, suas bibliotecas; caixas de correio, seus bronzes; bancos de jardim, a mobília de seu quarto de dormir; e o terraço do café é a sacada de onde ele observa seu lar. (BENJAMIN, 2009, p. 468)

Os usos das edificações se misturam no espaço urbano. E uma das formas de construção de vínculo com o centro passa pelo seu significado enquanto espaço de heterogeneidade e de mistura. A forma de se pensar este espaço deve partir dessa pluralidade e convívio compartilhado entre grupos heterogêneos (SIMMEL, 2005). As distinções entre a dinâmica do centro de dia e à noite foram e continuam a ser forjadas cotidianamente, não por um mecanismo físico e nem por uma construção artificial, mas por uma prática de sociabilidade própria das áreas centrais.

Como aponta Robert Park, cada área da cidade assume como significação do seu espaço algo do caráter, das qualidades e dos sentimentos peculiares de seus habitantes:

a cidade está enraizada nos hábitos e costumes das pessoas que a habitam. A consequência é que a cidade possui uma organização moral bem como uma organização física, e estas duas interagem mutuamente de modos característicos para se moldarem e modificarem uma a outra. (PARK, 1979, p. 29)

Isto envolve a organização, o caráter e a disciplina que o espaço urbano impõe, determinados na área central pelos distintos tipos urbanos que lá circulam e que atribuem significados variados a seus espaços, tendo esta composição de sentidos atribuídos reflexo na forma de entendimento do centro por parte da multidão anônima que lá circula. Frúgoli (2005) destaca uma das significações impressas nesta área que molda uma forma física e social do centro, como apontado por Simmel:

(...) o autor [Simmel] assinalou a configuração do anonimato e da impessoalização, sendo o contato cotidiano entre estranhos nos espaços públicos marcado pela combinação entre proximidade física e distância social – ambiguidade para o autor, constitutiva do moderno – , ocasionando a criação de estilos de vida caracterizados pela personalidade blasé – marcada por atitudes de reserva perante um mundo hostil, objetivado e em rápida mudança – em como pelas relações de sociabilidade – formas lúdicas e recíprocas de associação e interação sem qualquer caráter instrumental. (FRÚGOLI JR., 2005, p.136-137)

O que Frúgoli aponta de Simmel tem como base o texto *As grandes cidades e a vida do espírito*, no qual são desenvolvidos conceitos acerca da nova dinâmica de sociabilidade que se imprimia no sujeito moderno, que habitava agora uma grande cidade. E com isso ele se questiona, a partir de onde se constrói a ideia de autonomia do indivíduo anônimo na multidão, associado ao entendimento da cidade moderna?

Em uma oposição à vida na cidade pequena, na qual os estímulos nervosos se dão mais lenta e uniformemente, a cidade grande propicia, a partir de rápidos e ininterruptos estímulos e impressões, as condições para o que Simmel chama de intensificação da vida nervosa.

Uma das características que Simmel (2005) chama a atenção para o entendimento é que ele distancia os fenômenos exteriores da personalidade, é:

(...) como um preservativo da vida subjetiva frente às coações da “cidade grande”, não se expondo as emoções e afetos instáveis da cidade grande. A concepção do entendimento leva à constituição de um homem regido pela frieza frente às individualidades, e que juntamente, com a economia monetária, leva os homens a serem tratados enquanto números, “como elementos em si indiferentes”. (SIMMEL, 2005, p.579)

Simmel acredita que a partir desse conceito de entendimento ocorre a formação desse espírito moderno, que tem como consequência a formação da atitude de reserva. Esta é uma forma na qual o habitante mantém uma atitude de reserva. Como consequência desta atitude, é possível ao indivíduo exercer sua liberdade pessoal.

Essa reserva, com o seu harmônico da aversão oculta, aparece contudo novamente como forma ou roupagem de um ser espiritual muito mais

geral da cidade grande. Ela garante precisamente ao indivíduo uma espécie e uma medida de liberdade pessoal, com relação à qual não há nenhuma analogia em outras situações: (...). (SIMMEL, 2005, p.583)

Esta mesma liberdade que o indivíduo tem na cidade grande para ser o que quiser é também apontada por Park:

Entretanto, a atração da metrópole é em parte devida ao fato de que a longo prazo cada indivíduo encontra em algum lugar entre as variadas manifestações da vida citadina o tipo de ambiente no qual se expande e se sente à vontade; encontra, em suma, o clima moral em que sua natureza peculiar obtém os estímulos que dão livre e total expressão a suas disposições inatas. (...) Na comunidade pequena, o homem normal, o homem sem excentricidade ou gênio, é o que parece mais tendente a se realizar. Poucas vezes a comunidade pequena tolera a excentricidade. A cidade, pelo contrário, a recompensa. Nem o criminoso, nem o defeituoso, nem o gênio, tem na cidade pequena a mesma oportunidade de desenvolver sua disposição inata que invariavelmente encontra na cidade grande. (PARK, 1979, p.63)

Dessa maneira, o centro da cidade se apresenta hoje como lugar mais próximo do que Simmel e Park apontam em seus textos como cidade grande, pois:

(...) a cidade grande tende a dissecar e a desvendar à vista pública e de maneira maciça todos os traços e caracteres humanos normalmente obscurecidos e reprimidos nas comunidades menores. (PARK, 1979, p.67)

Assim, o centro histórico de João Pessoa, mesmo sob um panorama de “decadência” condicionado por mudanças na cidade e nos usos das suas edificações e equipamentos, assume uma heterogeneidade e apresenta uma complexidade de tipos urbanos que travam relações que expressam unidade e contradições, contrapondo-se muitas vezes ao poder público a aos interesses internacionais envolvidos nos projetos de revitalização. A ideia de revitalização como forma de determinar os limites, a organização e a localização de usos e atividades do centro não surtiram efeito em face da oposição à normatização e à homogeneização. O tipo de apropriação do centro envolve atividades que não poderiam ser formalizadas ou oficializadas, embora sejam tradicionais na região. Tal como Park já havia dito: “a cidade adquire uma organização e distribuição da população que nem é projetada nem controlada.” (PARK, 1979, p.29)

Para Borde:

“a noção de degradação está relacionada, no urbanismo, à destituição de qualidade físicas, formais e funcionais de uma edificação ou conjunto urbano. As suas causas incluiriam desde as perversas conseqüências da especulação imobiliária até a presença de segmentos sócio-econômicos de mais baixa renda cujos hábitos estabeleceriam uma contraposição com aqueles das elites. Esta noção deve ser, no entanto, questionada uma vez que ela tem sido utilizada usualmente para justificar ações de renovação urbana, de expulsão da população e outras tantas ações que se contrapõem à existência da desejada diversidade e equidade urbanas”. (BORDE, 2006, p.7)

Um dos conceitos apresentado para o centro é a definição de **área urbana central** estabelecida pelo Programa de Reabilitação das Áreas Urbanas Centrais do Ministério das Cidades:

“bairro ou conjunto de bairros consolidados, articulados ou não, em torno do núcleo original da cidade, com forte poder de concentração de atividades e pessoas, dotadas de infraestrutura urbana, acervo edificado, serviços e equipamentos públicos, serviços de vizinhança e oportunidades de trabalho; que apresentam, porém, processos de evasão de população e de atividades e/ou degradação física relativa à infra-estrutura e ao ambiente construído” (BRASIL, 2005, p.11- 12)

### **1.3. Olhar: metodologia.**

Minha posição “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002), exigiu a definição das fronteiras na relação recíproca entre pesquisador e objeto pesquisado.

Por uns tempos fiquei desconfiado do mau uso de métodos ou deste pecado mortal antropológico: o viés deformador da percepção. Depois descobri que não era isto e que não havia erro de lado nenhum, exceto quando é subestimado algo essencial para quem estude sociedades urbanas: o fato de que nossos objetos são sujeitos até demais. (SANTOS, 1980, p. 52)

Foi de grande importância a construção de uma distância entre o meu papel de pesquisador e a forma de olhar o acontecimento social, já que é na realização destes

posicionamentos que pode ocorrer o estabelecimento de um olhar fantasiado. E é com essa preocupação, de onde partem os posicionamentos na construção da pesquisa, que optou-se por definir o referencial metodológico.

A opção pela observação participante levou ao exercício do flunar e à construção de etnografias, ferramentas essas tradicionalmente utilizadas nas ciências sociais. O objetivo de aproximação e inserção na dinâmica social do centro, portanto, se amparou na busca de um conhecimento que fosse além daquilo diretamente observável, procurando encontrar, a partir das relações sociais travadas no espaço, os aspectos sentimentais e simbólicos que atribuem sentido e significado ao lugar e às redes de relacionamento e identidade.

Nem é suficiente confiarmos no reconhecimento de que todo o procedimento científico se baseia numa referência constante de modelos intelectuais inclusivos a observações particulares e destas observações a modelos intelectuais inclusivos. O que está mal nestas afirmações é o seu caráter formal. A observação sistemática só adquire significado se tivermos uma ideia geral do campo de investigação. Mais uma vez se prova que a separação da teoria e do método tem por base uma concepção errada. A evolução da concepção que as pessoas tem sobre o objeto fundamental é inseparável da concepção que tem sobre um método adequado à investigação. (ELIAS, 2008, p.62)

Neste objetivo de entender a dinâmica das interações cotidianas e as representações sociais “no” e “do” centro histórico nos utilizaremos do método etnográfico no afã de utilizá-lo no sentido do que Frehse (2006) aponta: “(...) a etnografia não indica mecanicamente o que conhecer. Ela intermedeia a relação do pesquisador com aquilo que quer conhecer com base em determinada formação teórica.” (FREHSE, 2006, p.302)

A escolha da etnografia urbana como método foi feita pelo fato desta técnica permitir o aprofundamento da reflexão sobre a relação entre o espaço experienciado e seus personagens, a partir da observação do que foi vivenciado e construído no decorrer de determinado tempo. Neste sentido, permite desenvolver uma observação sistemática, envolvendo a relação pesquisador x espaço x pesquisado, na qual as significações experienciadas pelo pesquisador e pesquisado neste espaço procurarão ser compartilhadas.

Por meio de técnicas como a observação direta e participante, entrevistas e conversações, foram apreendidas no contexto da pesquisa as práticas e saberes destes grupos e indivíduos que convivem no espaço compartilhado do centro que puderam ser descritos através da etnografia. Neste sentido, procurou-se destacar direções e sentidos a partir do espaço – caminhos, lugares, ambientes – que, carregados de sentidos direcionaram o olhar para a construção da descrição em conexão com sua análise.

Percorrer o centro histórico seguindo os percursos dos pesquisados através das suas falas, do caminhar, do flunar, leva ao reconhecimento dos trajetos, dos circuitos e das formas de apropriação da paisagem urbana, mas também para a relação construída entre os sujeitos observados e o pesquisador – relação fundamental na construção da etnografia. Neste sentido, a partir destas informações, muitas vezes fragmentadas, buscou-se desenvolver uma síntese na qual o ponto de vista do pesquisado se relaciona com as impressões do pesquisador.

Na construção desta relação além de observar e tomar nota dos comportamentos considerados relevantes para o desenvolvimento da etnografia e da análise, procurou-se acumular informações e impressões que foram ganhando sentido no decorrer da pesquisa. Neste sentido, a pesquisa procurou relacionar os elementos apreendidos pela experiência e pelas relações travadas com os informantes de forma a relacioná-las com as teorias por meio da hipótese e das análises do material de campo.

Em seu trabalho sobre Corneville, White nos chama a atenção para dois pontos básicos acerca do pesquisador e da pesquisa. Um é que “o pesquisador é um animal social. Tem um papel a desempenhar, e as demandas de sua própria personalidade devem ser satisfeitas em alguma medida para que ele possa atuar com sucesso.” (WHITE, 2005, p. 283). E o outro é que “As ideias que temos durante a pesquisa são apenas parcialmente um produto lógico que cresce a partir de uma cuidadosa avaliação de evidências.” (WHITE, 2005, p.283).

Este papel do pesquisador é também lembrado por Peirano. Em análise sobre o trabalho de Evans-Pritchard ela nos aponta que:

o processo de descoberta antropológica resulta de um diálogo comparativo, não entre pesquisador e nativo como indivíduos, mas entre a teoria acumulada da disciplina e a observação etnográfica que traz novos desafios para ser entendida e interpretada. (...) Esse é um exercício de estranhamento existencial e teórico que passa por vivências múltiplas e pelo pressuposto da universalidade da

experiência humana, que o antropólogo aprendeu a reconhecer, de início, longe de casa (PEIRANO, 1995, p.44)

Peirano chama atenção para a importância das opções teóricas do pesquisador, do contexto em que ela se envolve e, “não menos, das imprevisíveis situações que se configuram no dia a dia da pesquisa.” (PEIRANO, 1995, p.45) E todas essas questões estão no confronto e diálogo entre os pontos de vista do pesquisado e das teorias que o pesquisador carrega, compondo o potencial da etnografia.

Dessa forma, a etnografia se apresenta como uma forma de aliar a orientação teórica ao estudo das práticas culturais da vida cotidiana desenvolvidas no centro histórico de João Pessoa, entrando em contato com as memórias e experiências dos pesquisados e com suas formas de sociabilidade. Uma das maneiras utilizadas para o estabelecimento desta relação tendo como objetivo a construção desta pesquisa, passa pelo ato de andar, andar racionalizando, flunar.

A importância do ato de andar no desenvolvimento da etnografia está em nos colocarmos em interação com a população com as quais cruzamos no cotidiano das ruas e nos aproximarmos de um uso contemporâneo do centro histórico, no qual parte dos grupos em estudo se mistura. Os distintos tipos que experienciam o centro atraem o olhar do pesquisador para descrever ações e estilos de vida e, a partir deles, desenhar as inúmeras ambiências e significados que são conformados neste espaço.

Escrevendo importantes textos sobre as ruas e os tipos urbanos que se apresentavam na antiga capital da República em começo do século passado, João do Rio apresenta ideias de como melhor entender o que ele chama de “alma das ruas”, que passa necessariamente pela arte de andar nelas, flunar.

Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos flâneur e praticar o mais interessante dos esportes – a arte de flunar. (RIO, 2008, p.31)

A arte do flunar, como desenvolvida por Benjamin, tratando desse ato de interação com a cidade é apresentada em seus textos em dois momentos. N’*O Flâneur de A Paris do Segundo Império em Baudelaire* e no trabalho d’*As Passagens*.

Para Benjamin a figura do flâneur representa uma forma de interação com a cidade em que se estabelece uma visão fluida o bastante para apreender o instante, o momento, e que não retroceda em face da cidade cada vez mais fragmentada.

O flâneur caminha ocioso na multidão e no exercício da sua individualidade. Benjamin usa a imagem da tartaruga para dar uma ideia do ritmo do flânar. Para o autor, estabelece-se uma dialética da *flânerie*, de um lado encontra-se um homem que se sente olhado por todos os lados e por todos e, de outro, aquele que dificilmente poderia ser novamente encontrado, como na relação expressa n' *O homem na multidão*, de Edgar Allan Poe. O flâneur estabelece uma forma de ver e de sentir a cidade:

Aquela embriaguez anamnésica, na qual o flâneur vagueia pela cidade, não se nutre apenas daquilo que se passa sensorialmente diante dos olhos, mas apodera-se frequentemente do simples saber, de dados inertes, como de algo experienciado e vivido. Este saber sentido transmite-se de uma pessoa a outra, sobretudo oralmente. Porém no final do século XIX, ele se depositou também em uma literatura vastíssima. (...). O estudo destes livros constitui-se para o flâneur uma segunda existência, já preparada totalmente para o devaneio, e aquilo que ele apreendeu deles ganhava a forma de uma imagem em seu passeio vespertino antes do aperitivo. (BENJAMIN, 2009, 462)

Nesse sentido ele utiliza uma citação de Baudelaire para melhor exemplificar qual é o papel do flâneur:

“Para o perfeito flâneur ... é um deleite imenso escolher como seu domicílio a multidão, o ondulante... Estar fora de casa e, no entanto, se sentir em casa em toda parte; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns dos prazeres menores desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais [!!], que língua não pode definir senão toscamente. O observado é um príncipe que frui por toda parte o fato de estar incógnito... O apaixonado da vida universal entre na multidão como em um imenso reservatório de eletricidade. Pode-se compará-lo também a um espelho tão imenso quanto essa multidão, a um caleidoscópio dotado de consciência que, a cada um de seus movimentos, representa a vida múltipla e o encanto cambiante de todos os elementos da vida.” Baudelaire, *L'Art Romantique*, Paris, pp. 64-65 (“Le peintre de l'avenir moderne”) (BENJAMIN, 2009, 487)

As caminhadas feitas em companhia dos pesquisados procuraram, no decorrer dos passos, verificar os olhares, as coisas que lhes chamam a atenção, assim como acompanhar suas memórias sentimentais e suas vivências nos espaços do centro. Para isso foi útil a metodologia de histórias de vida, procurando apreender, a partir da vivência e dos cotidianos dos pesquisados, as formas de entendimento e apropriação do espaço do centro. O apelo à memória permitiu uma abordagem qualitativa, subjetiva, sentimental, o que ajudou a compreender, a partir das narrativas e experiências, a relação com o espaço e as redes de sociabilidade construídas a partir do centro da cidade. Neste sentido, o estudo de Ecléa Bosi pode ajudar, já que o apelo à memória auxilia na reconstrução da dinâmica social do centro antes e depois das intervenções de requalificação.

Na síntese entre as impressões das andanças – nos contatos e encontros possibilitados nestes lugares –, e também por meio das conversações com alguns dos pesquisados, buscou-se entender as significações construídas com e no centro histórico. Tendo nos ambientes vividos a possibilidade de recompor a dimensão de sentido e representação destes espaços por parte do público escolhido para a amostra, procurou-se destacar as significações e ressignificações forjadas antes e depois do início das ações do Projeto de Revitalização.

Esta estratégia supõe um investimento em ambos os polos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise. (MAGNANI, 2002, p.18)

A etnografia possibilita a compreensão do fenômeno urbano por meio da dinâmica cultural e das formas de sociabilidade, a partir do que, segundo Frúgoli (2005, p.146), “abrem-se novas possibilidades de análise sobre os ‘contradiscursos’ de inúmeros atores sociais rejeitados de forma recorrente pelo planejamento urbano” e pelas políticas públicas de intervenção urbana.

Assim, durante a construção do trabalho de campo buscou-se estar atentos às nuances para entender a inserção de alguns indivíduos no centro histórico, por isso foi preciso observar as regularidades nos usos do espaço; a sua apropriação; os padrões de comportamento; as diferenças entre os indivíduos e grupos; os circuitos de convívio; as experiências cotidianas compartilhadas. Esse esforço de observação procurou destacar aspectos universais a partir das vivências e experiências particulares. Tal como aponta Whyte:

o estudo de caso presta-se a descobrir uniformidades que podem ser conferidas em outros estudos de caso, bem como por meio de métodos experimentais e quantitativos (usados individualmente ou em conjunto). Mais ainda: pode levar a insights que produzam avanços teóricos, sejam eles realizados pelo autor, sejam por outros. (WHYTE, 2005, p.359)

Com isso retomamos a importância da perspectiva etnográfica, que busca provocar o pesquisador a observar os pequenos detalhes do dia a dia, e prepará-lo para se adaptar às situações imprevisíveis. Descrever o centro histórico sob este ponto de vista é buscar conhecê-lo como espaço das interações sociais destes grupos sociais e das trajetórias singulares de alguns indivíduos, cujos cotidianos estão relacionados a formas particulares de apropriação e significação social do centro histórico.

Desta maneira, espera-se discutir como o Projeto de Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa alterou a forma de apropriação e de significação desta área para a “galera”, que já tinha este espaço como sendo seu *pedaço* na cidade (MAGNANI, 2002). E pensando o centro tal como apontado por Park, em que as “grandes cidades sempre foram um cadinho de raças e de culturas. A partir das interações sutis e vívidas de que têm sido os centros, surgem as novas variedades e os novos tipos sociais” (PARK, 1979, p. 61-62).

## *A galera*

Neste capítulo buscarei delimitar, descrever e caracterizar o meu objeto de pesquisa. Este envolve a apreensão de uma dinâmica sociocultural condicionada por e condicionante de uma dinâmica urbana característica do centro da cidade de João Pessoa.

Para apreender a dinâmica social e urbana optou-se por uma delimitação do foco de estudo a partir da escolha de um público específico: a *galera* que participa do circuito cultural do centro de João Pessoa. Com isso, parto em busca de um comportamento social que se reproduza e gere redes de sociabilidade e que tenha consequências em uma forma de uso e apropriação material e simbólica do centro.

Para identificar as práticas e os agentes que compõem essa *galera*, nos utilizamos de algumas categorias analíticas destacadas por Magnani em *De perto e de dentro, notas para etnografia urbana* (2002). Nele, Magnani apresenta categorias analíticas que buscam identificar as regularidades nos padrões de comportamento dos agentes sociais, de forma que elas não anulem ou reduzam os múltiplos contextos de atuação e uso do espaço e das estruturas urbanas.

Utilizo as categorias de *mancha*, *trajeto* e *circuito*, desenvolvidas por Magnani, para descrever algumas das formas pelas quais se procurará apresentar a dinâmica sociourbana do centro da cidade, assim como mostrar possibilidades de identificar diferentes situações dessa dinâmica que gerem significados de uso e apropriação desse espaço.

Procurou com isso, encontrar um recorte possível para identificar as práticas sociais e suas dinâmicas. O uso dessas categorias torna possível um reconhecimento de padrões que estruturam formas específicas de sociabilidade.

Observar a dinâmica sociourbana do centro com o auxílio dessas categorias possibilitou perceber que ocorriam eventos em que as significações simbólicas dadas ao centro pelo circuito cultural são reafirmadas e revaloradas. Para exemplificar essas práticas, faço aqui uma breve descrição com base em minhas observações e conversas com informantes, de dois eventos que estão inseridos no circuito do centro da cidade.

Nesses eventos ocorrem práticas sociais que identificamos dentro de um circuito cultural que se realiza especificamente no centro da cidade e que configura uma mancha de uso e apropriação do espaço.

Um evento é de fato um acontecimento de significância e, enquanto significância, é dependente na estrutura por sua existência e por seu efeito. "Eventos não estão apenas ali e acontecem", como diz Max Weber, "mas têm um significado e acontecem por causa deste significado." Ou, em outras palavras, um evento não é somente um acontecimento no mundo; é a relação entre um acontecimento e um dado sistema simbólico. E apesar de um evento enquanto acontecimento ter propriedades "objetivas" próprias e razões procedentes de outros mundos (sistemas), não são essas propriedades, enquanto tais, que lhe dão efeito, mas a sua significância, da forma que é projetada a partir de algum esquema cultural. O evento é a interpretação do acontecimento, e interpretações variam. (SAHLINS, 1990, p. 191)

Os eventos são: 01. Ponto dos Cem Réis e Praça Anthenor Navarro; 02. Sabadinho bom (Praça Rio Branco) e Beco da Cachaçaria Philipéia. Eles ocorrem em locais e sob meios de financiamento e organização distintos, não obstante, um é iniciado após o término do outro e sabe-se que existe uma galera que transita entre os dois espaços e eventos, constituindo um circuito, conectando, a partir de vínculos socioculturais, ambientes urbanos e eventos públicos. Ao conectarem-se, como parte de um circuito, os eventos e ambientes urbanos distintos ganha materialidade espacial a definição de um trajeto, com eventos que ocorrem dentro de uma mancha, espacializando uma significação atribuída ao ambiente urbano afirmada pelo circuito cultural do centro da cidade.

O acompanhamento dos eventos me levou a perceber como e através de que meios meus interlocutores construía sua experiência e suas redes de sociabilidade e, a partir desse conhecimento, fui buscar desnaturalizar essas ações e a procurar os significados para elas.

Assim, esse capítulo busca descrever e interpretar práticas e procedimentos realizados por um grupo social heterogêneo, que partilha eventos em comum, expressa padrões semelhantes de comportamentos e usos da cidade e que formam, a partir da interação no espaço do centro, um circuito. O circuito formado por este grupo social, interligando áreas diversas do centro, demarcam uma mancha, caracterizada pelo uso, apropriação e significação social de um espaço específico dentro do centro histórico. A dinâmica social acionada pelo calendário de eventos no centro, que estimula a formação de uma mancha, um circuito e um trajeto que tem consequências sociais valorativas, ou

de revalorização simbólica deste espaço da cidade por parte dos grupos que compartilham das atividades do circuito. Denominarei este grupo social, heterogêneo e plural, que ganha sentido enquanto participa da dinâmica particular condicionada pelos eventos e que articulam um circuito no centro, de galera.

## **2.1. Galera: objeto, circuitos, mancha e trajeto**

### **2.1.1. Objeto: Galera**

Durante meu percurso acadêmico e ao mesmo tempo, do meu flunar na área central de João Pessoa me chamava atenção as diversas formas de sociabilidade que eram ali estabelecidas. Sabe-se que não circulam apenas residentes na área central. Os diversos agentes e grupos sociais que ocupam o centro constroem nas relações cotidianas com o espaço e a dinâmica sociourbana da área central.

O centro é, geralmente, o espaço da pluralidade, da heterogeneidade, onde se encontram tipos de várias regiões da cidade, é o lugar, geralmente, do comércio, dos serviços, das atividades de governo, assim como da boemia, dos marginais, das prostitutas, dos estudantes, dos artistas, dos intelectuais, dentre outros grupos sociais. A dinâmica de interação destes grupos constrói um tipo de experiência urbana que resulta em significados distintos para esta área.

A diversidade das formas de uso e ocupação do centro pelos diversos grupos sociais produz significados e formas de apropriação deste espaço. grupo de jovens, intelectuais, artistas e universitários em geral que se encontram nas ruas, bares, festas, shows, praças e em como eles se reconhecem, partilham códigos e estabelecem redes de sociabilidade. Participando e partilhando desses espaços e desses códigos fui observando e conversando com essas pessoas, que se tornariam informantes, indagando se elas se conheciam. Percebi que partilhavam algumas características em comum. Propus-me a observá-los e buscar encontrar, a partir de categorias sociológicas, o que vinha percebendo como comum em seus comportamentos e nas formas de apropriação e significação do centro.

Apesar de heterogêneo, este grupo social constitui uma forma própria de usar e de se apropriar de alguns espaços do centro. Essas formas nem sempre, contudo, são marcadas pela impessoalidade ou pelo anonimato, como parte das relações travadas entre transeuntes do centro.

As trocas sociais deste grupo que denomino galera do centro ocorrem principalmente em lugares voltadas para o encontro, em festas e atividades lazer. Como afirma Magnani, nos ambientes de festas as redes de sociabilidade se estabelecem de outra maneira:

(...) os frequentadores não necessariamente se conheciam – ao menos não por intermédio de vínculos construídos no dia-a-dia do bairro – mas sim se *reconheciam* como portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes. (MAGNANI, 2002, p.22)

Essa reunião de pessoas em torno da partilha de códigos comuns não poderia ser recortada como um grupo social homogêneo. Ele é diverso, heterogêneo. E se caracteriza por essa grande diversidade de tipos urbanos que abriga majoritariamente, jovens, homossexuais, intelectuais, artistas, universitários (professores, técnicos e estudantes), músicos, produtores culturais.

Embora diversos estes grupos se encontram e se reconhecem mutuamente, a partir das formas de apropriação da cidade e de participação em um mesmo circuito cultural durante determinado tempo de suas vidas, com regularidade ou não.

A construção do objeto de estudo se deu a partir de uma hipótese, acreditar que mesmo dentro de tanta diversidade poderíamos encontrar algo de comum nas formas de entendimento e apropriação do espaço do centro por parte do público que conformou o circuito cultural. E em face da dificuldade de classificação deste grupo tão heterogêneo, me apropriei do termo popular *galera*, para tentar abarcar esse grupo que se apropria e possui representações sobre o centro com alguma semelhança, composto por indivíduos que se encontram em espaços definidos da cidade e nutrem elementos de identidade a partir de relações marcadas pelo reconhecimento.

Este público é heterogêneo e não poderia ser clivado suficientemente apenas por categorias de classe, gênero, profissão, faixa etária, local de moradia, etc. Nenhum destes critérios seria suficiente para definir este grupo que compõem o público que circula por trajetos que compõe o circuito cultural e demarcam uma mancha na cidade, circunscrita espacialmente a partir de um conjunto de ações coletivas e integrativas no espaço do centro.

O termo *galera* será aqui utilizado para recortar, descrever e explicar um grupo social específico. O uso do termo auxiliará na observação, descrição e análise das dinâmicas sociais e das formas de representação e apropriação do centro.

A escolha pelo termo de uso popular, que possui um sentido genérico, para classificar um grupo particular definido a partir de suas especificidades nas formas de uso, apropriação e representação de um espaço definido da cidade, não se deu de forma aleatória. Durante o exercício do *flanar* na área do centro, pude observar uma constante junto a este grupo social que procurava definir, o uso da expressão: “e aí galera!”, mobilizada com vários sentidos. Pareceu-me, aí, que estava em face de uma autodefinição do grupo, a *galera*, que não é qualquer galera, mas aquela que compartilha relações em espaços e tempos específicos, envolvendo atividades culturais em áreas do centro que demarcam uma mancha e que organizam um circuito a partir de trajetos pré-definidos. O termo, assim, ganhou sentido de categoria classificatória, posto que genérico, permite apreender a pluralidade e heterogeneidade deste grupo social específico.

A categoria *galera*, portanto, é fruto da observação direta do grupo em foco, daí que muito se ouviu ao *flanar*, expressões como:

e aí, galera, beleza?

ei, você viu a galera?

e aí galera, vocês vão descer?

oh galera, vamos ficar para a festa no Beco?

vocês sabem se a galera já chegou? Ou se eles já foram para a Praça?

É fato que essa galera é composta por diversos grupos sociais menores, ou melhor, por várias pequenas galeras com características e códigos próprios que são geralmente estudados isoladamente<sup>7</sup>. Assim, uma pessoa pode fazer parte da galera durante uma fase da vida e ou participar e tomar para si os lugares e/ou as ações (eventos) como parte do seu espaço de reconhecimento. Os lugares e o circuito é o que atribuem unidade a esse grupo tão diverso.

E mesmo quando essas pessoas circulam e se dirigem para lugares específicos do centro da cidade, não o fazem com o único objetivo de se encontrarem e trocar ideias, mas também de compartilhar códigos comuns com pessoas que tem gostos parecidos com os seus e que vem de diferentes regiões da cidade.

A galera compartilha um reconhecimento pela repetição. Frequentantes do mesmo circuito, as pessoas geralmente se conhecem “de vista”. Se pessoas tem o mesmo gosto

---

<sup>7</sup> Sobre o tema ver pesquisas desenvolvidas pelo Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo (NAU-USP).

e/ou frequentam o mesmo circuito tendem a se ver repetidas vezes, o que leva a um reconhecimento e a uma partilha do comum. Escutamos continuamente no circuito: “nos conhecemos de vista”.

O contato visual pode ser utilizado para reconhecer, ou mesmo, significar um convite para iniciar uma conversa entre os desconhecidos, estabelecendo elos de sociabilidade.

O anonimato pode significar emancipação em relação às nocivas e constrangedoras vigilância e interferência de quem, em contextos menores e mais personalizados, poderia se sentir no direito de ser curioso e intrometer-se em nossas vidas. A cidade oferece a possibilidade de permanecermos em um lugar público, mantendo intacta nossa privacidade. A invisibilidade, possível graças à aplicação da desatenção civil<sup>8</sup>, oferece uma área de ação para a liberdade impensável sob circunstâncias diferentes. (BAUMAN, 2010, p.70)

Para a galera, partilhar o espaço comum do centro também significa partilhar um lugar de liberdade de expressão e diversidade. As relações de sociabilidade na área se dão muitas vezes de maneira diferente de outros lugares da cidade. Tal como cita Magnani:

Mas a incursão pelo centro iria mostrar outros padrões de uso e ordenação do espaço. Existe uma forma de apropriação quando se trata de lugares que funcionam como ponto de referência para um número mais diversificado de frequentadores. Sua base física é mais ampla, permitindo a circulação de gente oriunda de várias procedências e sem o estabelecimento de laços mais estreitos entre eles. (Magnani, 2002, p.22)

E por que não tratamos este grupo por galera do centro, já que é na partilha desse espaço onde a aglutinação pode caracterizar-se como galera? A galera do centro está associada às pessoas que moram na área central ou que se identificam e se apresentam como de lá, que remete a significados para além de participar do circuito cultural do centro.

---

<sup>8</sup> Desatenção civil é um conceito trabalhado pelo sociólogo Erving Goffman que seria uma forma que possibilita a convivência entre desconhecidos. As formas seriam fingir que não estão olhando nem escutando, ou sugerir que não está vendo. “Ela se manifesta no ato de evitar o contato visual, que culturalmente pode significar convite para iniciar uma conversa entre desconhecidos”. (Bauman, 2010, p.70) Essas características também são apresentadas por Georg Simmel, que conceitua como caráter blasé.

Ao tratar da heterogeneidade característica do centro de São Paulo, Magnani destaca que

os góticos, os pichadores, os evangélicos e/ou católicos identificados com o estilo gospel, os jovens instrumentistas, os forrozeiros, a turma da balada black, os cybermanos, os descolados etc.: todos têm seus próprios circuitos, mas circulam – com os devidos cuidados – por “points” de outros grupos que funcionam como nós de uma rede mais ampla; são trajetos conhecidos, podendo até haver “treta” em razão da presença não desejada ou inoportuna nos pedaços de outros. (MAGNANI, 2005, p.199)

Em um sentido semelhante é possível entender que o que qualifica a galera definida para observação é o partilhar de um circuito em uma mancha específica, que dá unidade ao grupo, mesmo que composto por outros grupos distintos por clivagens diversas. Enquanto partícipes de um circuito específico, partilham de relações também específicas e ganham identidade e nutrem relações de reconhecimento. O espaço do centro é propício à expressão da diversidade, por outro lado, a ocorrência de eventos culturais auxilia na reunião de grupos diversos em espaços específicos, o que dá vazão à ocorrência de trajetos e circuitos que, apropriados, passam a definir identidade e pertencimento aos partícipes. A diferença valorizada é com relação aos valores culturais heterogêneos que lá são defendidos em diferença dos padrões culturais homogêneos realizados.

Assim como entende Bauman, não seria suficiente à pesquisa procurar definir o grupo observado a partir da aparência,

Isso não significa que a aparência não distinga os portadores, até porque eles configuram declarações públicas concernentes aos grupos de referência que escolheram. Também, podemos, aliás, disfarçar nossas origens nos vestindo de maneiras diferentes, afim de subverter ou abalar a classificação social imposta. Assim, o valor informativo proveniente da aparência alheia pode ser amenizado. (BAUMAN, 2010, p.68)

Seguindo nesse raciocínio, completa:

Se a aparência se tornou mais problemática ao longo do tempo, o mesmo não se dá com a segregação pelo espaço. O território de espaços urbanos compartilhados é dividido em áreas nas quais é mais

provável encontrar um tipo de pessoa do que outros. O valor que essas áreas segregadas oferecem à orientação de nossas condutas e expectativas é alcançado por práticas rotineiras de exclusão, ou seja, pela admissão seletiva e limitada. (BAUMAN, 2010, p.68)

### **2.1.2. Galera: circuitos, mancha e trajetos**

O espaço tem importância na relação simbólica que os agentes estabelecem em suas redes de sociabilidade. Neste sentido, Magnani destaca em *De perto e de dentro, notas para uma etnografia urbana* (2002) as categorias de *circuito*, *mancha* e *trajeto* como úteis ao esforço de classificação das dinâmicas sociais na cidade. Me apropriando destas categorias, procuro demonstrar que a galera de que trato se reconhece como tal enquanto participam do circuito, na mancha e nos trajetos. O lugar tem importância identitária para a galera e ganha, conseqüentemente, importância como categoria analítica.

Magnani nos apresenta essas categorias como sendo o resultado do reconhecimento empírico da forma como se estabelecem alguns padrões de comportamento e redes de sociabilidade dos agentes observados na pesquisa. A partir da demarcação dessas redes tem-se a possibilidade de identificar e descrever formas mais gerais de distintos contextos sociais.

As categorias de Magnani procuram auxiliar na compreensão da dinâmica social a partir de uma referência espacial, o que ele denomina como um olhar *de perto e de dentro*, pois estabelece um diálogo entre olhar as dinâmicas sociais e o espaço, e no qual esse último não tem o seu papel anulado ou reduzido na conformação da dinâmica social. Segundo Magnani:

(...) o que se propõe é um olhar de perto e de dentro, mas a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se avêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas – religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação política ou associativa etc.

Esta estratégia supõe um investimento em ambos os polos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se

desenvolve, entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise. (...) (MAGNANI, 2002, p.18)

Assim, olhar o conjunto do espaço e as práticas socioculturais praticadas por um determinado grupo social, permite circunscrever e possibilita analisar a dinâmica social na cidade. Neste sentido, Magnani complementa:

Para captar essa dinâmica, por conseguinte, é preciso situar o foco nem tão de perto que se confunda com a perspectiva particularista de cada usuário e nem tão de longe a ponto de distinguir um recorte abrangente, mas indecifrável e desprovido de sentido. (...) há planos intermediários onde se pode distinguir a presença de padrões, de regularidades. E para identificar essas regularidades e poder construir, como referência, algum tipo de totalidade no interior da qual seu significado possa ser apreciado, é preciso contar com alguns instrumentos, algumas categorias de análise (...). (MAGNANI, 2002, p.18)

O uso destas categorias de Magnani permite observar formas particulares de apropriação e uso do espaço por parte dessa galera aqui definida. De posse desse instrumental, procuramos definir em primeiro lugar empiricamente o *circuito* dessa galera. O uso desta categoria visa destacar a presença regular de alguns agentes e um conjunto de símbolos e significados de reconhecimento e comunicação entre eles.

Trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais (...). (MAGNANI, 2002, p.23)

A galera é um grupo de pessoas que tem em comum compartilharem os mesmos lugares, eventos, gostos e que, reunidos, resultam na conformação de um circuito. A partir da observação e acompanhamento dessa galera, foi possível delimitar um circuito que se realiza no centro.

Em princípio, faz parte do circuito a totalidade dos equipamentos que concorrem para a oferta de tal ou qual bem ou serviço, ou para o exercício de determinada prática, mas alguns deles acabam sendo reconhecidos como ponto de referência e de sustentação à atividade.

Mais do que um conjunto fechado, o circuito pode ser considerado um princípio de classificação. (MAGNANI, 2002, p.24)

Esta categoria permite com que abarquemos as práticas cotidianas e habituais a partir das quais há o estabelecimento de redes de sociabilidade em espaços e momentos específicos.

O compartilhamento do mesmo circuito cultural caracteriza a galera e lhe atribui sentido a partir de práticas e comportamentos comuns, habituais ou costumeiros. E tal como a categoria galera abarca outros grupos específicos, o circuito cultural do centro se interliga também a diversos circuitos que envolvem outros lugares não circunscritos ao centro. O que interessa aqui é o circuito que se estabelece na área central e envolve seus lugares, circunscrevendo uma mancha específica.

Assim, ao definir a categoria galera a partir da participação em um circuito, foi possível perceber um grupo social específico sem, contudo, deixar de verificar sua ampla heterogeneidade, procurando com isso não anular as diferenças, mas compreendê-las como constitutivas da identidade da galera.

Este é, pois, um procedimento que permite encarar o problema do “caos semiológico”, aquela impressão que se tem cada vez que se isola um determinado indivíduo confrontando-o diretamente com a cidade; nessas condições, é inevitável a sensação de anonimato, fragmentação, desordem. (MAGNANI, 2002, p.25)

Para melhor definirmos os lugares que compõem a mancha e os trajetos que perfazem o circuito escolhido para observação, passo abaixo a uma rápida breve descrição destes espaços e dos eventos que lá ocorrem:



Fig. 04: Imagem aérea com a localização dos lugares que compõe o circuito cultural do centro de João Pessoa. Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.

- |   |  |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>a. Rua da Areia</li> <li>b. Praça Anthenor Navarro e Largo de São Frei Pedro Gonçalves</li> <li>c. Casa da Pólvora</li> <li>d. Praça São Francisco</li> <li>e. Região da Praça Dom Adauto</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>f. Praça Vidal de Negreiros (Ponto de Cem Réis)</li> <li>g. Praça Rio Branco</li> <li>h. Ateliê Multicultural de Nai</li> <li>i. Shopping Tambiá</li> </ul> |
|---|--|

**a. Rua da Areia**

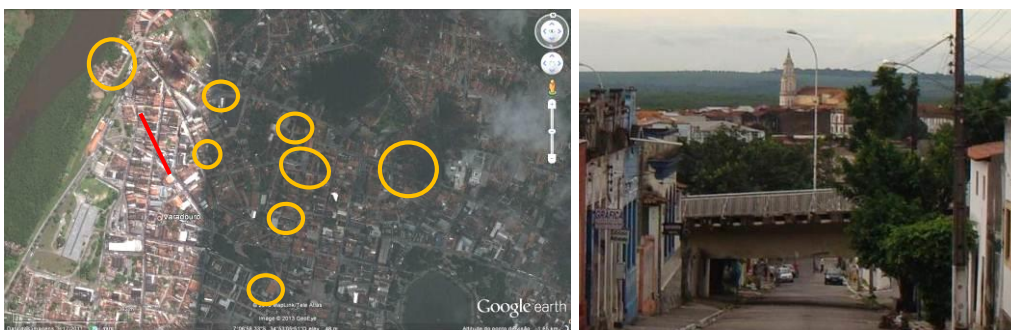


Fig. 05: Imagem aérea com a localização dos lugares que compõe o circuito cultural do centro de João Pessoa, em destaque a Rua da Areia. Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.

Fig. 06: Rua da Areia. Fonte: Autor, 2012.

Esta rua é tradicionalmente conhecida pelo seu uso voltado para a prostituição, visto reunir por volta de 14 “cabarés” em apenas quatro quarteirões. Esta rua tem destaque na história da cidade, fazendo a ligação entre a cidade alta a cidade baixa, também faz

parte do percurso de blocos da prévia carnavalesca e hoje compõe o trajeto usado no trânsito entre os eventos que ocorrem na parte alta da cidade e a Praça Anthenor Navarro.

No dia dois de junho ocorre a comemoração do dia internacional da prostituta, momento em que a rua é interditada e se destina a uma festa popular tradicional na cidade. Os eventos são organizados pela Associação das Prostitutas da Paraíba e pela Agência Ensaio<sup>9</sup>. As festividades anuais procuram desmistificar a profissão das prostitutas e reduzir o estigma, o preconceito e a imagem de marginalidade a elas associada.

Neste dia a rua recebe pessoas de diversas regiões da cidade, que participam das comemorações, envolvendo exposições, a tradicional “corrida da calcinha”, shows musicais e um desfile de lingerie, que é protagonizado pelas próprias prostitutas.

A ‘Corrida da Calcinha’ é uma competição na qual homens correm por um trajeto de pouco mais de 1500 metros pelas ruas da Areia e Padre Antenor Pereira, pela Ladeira de São Francisco, pela Avenida General Osório e pela rua Peregrino Carvalho, com uma calcinha na cabeça. Os três primeiros colocados recebem premiações que enaltecem o caráter lúdico do evento, tal como: bodes, galinhas, cordas de caranguejo, ferros de engomar, dentre outros.

#### **b. Praça Anthenor Navarro e Largo de São Frei Pedro Gonçalves**

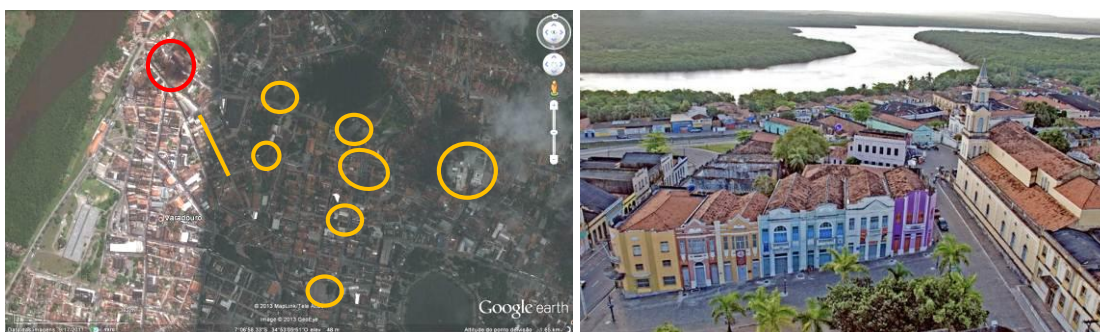


Fig. 07: Imagem aérea com a localização dos lugares que compõe o circuito cultural do centro de João Pessoa, em destaque a Praça Anthenor Navarro e Largo de São Frei Pedro Gonçalves. Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.

Fig. 08: vista aérea da Praça Anthenor Navarro e Largo de São Frei Pedro Gonçalves. Fonte: desconhecido, 2012.

<sup>9</sup> A *Agência Ensaio* é encabeçada pelo artista plástico e produtor cultural Ricardo Peixoto e realizam uma série de atividades culturais na região do Varadouro (Cidade Baixa), principalmente na favela do Porto do Capim.

Este trecho urbano é de grande importância na dinâmica cultural do centro, pois ele foi um dos primeiros a receberem ações de restauração inseridas do Projeto de Revitalização do Centro Histórico, que incluiu essa área dentro dos roteiros turísticos de João Pessoa.

Desde o início do século XX esta área reunia os boêmios, concentrava bares e os grandes cabarés da cidade.

Nas décadas de setenta e oitenta a região passou a abrigar jovens que se reuniam em pequenos shows e eventos que lá ocorriam, elegendo a área, com vista privilegiada para o rio Sanhauá, como ponto de encontro e de expressão de valores da contracultura. A configuração da praça era outra, havia ali um posto de gasolina e duas vias para automóveis, sendo o espaço muito utilizado como estacionamento.

Alguns dos eventos culturais ocorriam no antigo Hotel Globo. Este hotel, com um passado glamorosos nas primeiras décadas do século XX, tornou-se decadente e passou a alugar quartos por hora, tendo um uso característico de motel. Um informante relembra alguns aspectos do ambiente, do público e dos usos do local nas décadas passadas:

A primeira relação que tive com um namoradinho da época foi no Hotel Globo.

(...) me lembro que no final de tarde sempre tinha uma musiquinha, um violão. Me lembro que lá teve uma festa do movimento negro que foi linda.

uma vez estávamos fumando maconha aqui (aponta para a mureta do Hotel) e apareceu a CPO (polícia da repressão da ditadura). Só vimos o fusquinha e o capacete branco que eles usavam. Pulamos o muro e nos escondemos num mato que tinha aqui em frente.

Os cabarés ali localizados atendiam um público de classe média e alta da cidade. Além das atividades de prostituição, os estabelecimentos serviam também como bares e pontos de encontro, como confirma um informante:

Quando não tinha nada para fazer na área da praia (Praia de Tambaú) agente dizia: Vamos para o centro? E isso era ir para um cabaré da região da Anthenor Navarro, tomar cerveja e escutar radiola de ficha.

Com o processo de revitalização, iniciado em 1998, o posto de gasolina foi removido e uma das vias fechada e incorporada à área da praça. Foram também abertos bares e casas noturnas, formando ali um pequeno complexo de lazer.

O centro passou a atender novos grupos sociais, assim como aumentaram a quantidade e a frequência de festas, shows e outros eventos promovidos pelo poder público. Com a requalificação, o adensamento do uso e a visibilidade atribuída à área, lentamente os cabarés começaram a migrar da Praça Antenor Navarro em direção à rua da Areia, que já reunia alguns destes estabelecimentos.

Apesar da praça Antenor Navarro ser um dos pontos de encontro da galera que circula pelo circuito cultural do centro, a sazonalidade do público frequentador dos bares ali localizados vem condicionando uma intensa rotatividade no tangente à direção dos bares ali localizados. Poucos estabelecimentos mantiveram suas atividades por período superior a dois anos. Não obstante, desde o início do processo de intervenção, a área vem mantendo um padrão de identificação como um lugar de concentração de casas noturnas e estabelecimentos relacionados à produção cultural.

Hoje encontramos ali bares, estúdios musicais, restaurantes, sede de companhias teatrais e repartições públicas. Dentre estas instituições, a que há mais tempo se encontra é o *Espaço Mundo* que é um misto de bar e casa noturna. Funcionando de quarta a domingo essa casa funciona como um ponto de encontro da galera que, dependendo do dia, vão se encontrar nos shows gratuitos ou pagos ou mesmo para tomar uma bebida e atualizar as conversas.

### c. Casa da Pólvora

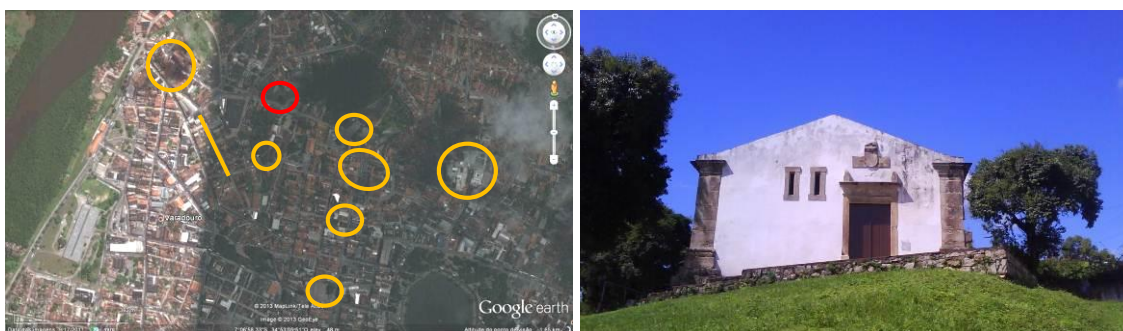


Fig. 09: Imagem aérea com a localização dos lugares que compõe o circuito cultural do centro de João Pessoa, em destaque a Casa da Pólvora. Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.

Fig. 10: Casa da Pólvora. Fonte: autor, 2012.

Uma das primeiras edificações da cidade, a Casa da Pólvora tinha como função armazenar armas e munições para serem usadas nas lutas contra invasores e na defesa

da cidade colonial. A edificação foi tombada pelo IPHAN em 1938 e, depois de restaurada, passou a sediar o Museu Fotográfico Walfrido Rodriguez, guardando importante acervo fotográfico da cidade.

Devido ao estado de deterioração em que a edificação se encontrava, em 2004, o acervo foi transferido e hoje a Casa da Pólvora encontra-se fechada e em mau estado de conservação, embora continue a ser um dos principais símbolos histórico da cidade, constando dos roteiros turísticos do centro.

Na década de oitenta, em construção anexa à edificação, funcionou o Bar da Pólvora. Lá as pessoas se encontravam para beber e conversar, tendo uma visão privilegiada do pôr do sol e do rio Sanhauá.

Em 2012 promoveu-se um novo bloco carnavalesco chamando "Vai tomar no centro" que sai às ruas na quinta feira antes do início do carnaval, tendo como local de concentração o beco da Cachaçaria Philipéia. Após o carnaval, organizadores do bloco continuaram a promover atividades no centro em todos os domingos de abril, maio e junho, fazendo o percurso do bloco, encerrando a travessia na Casa da Pólvora. Lá eram recebidos por estrutura temporária de tendas e banheiros químicos para shows de bandas musicais locais.

Apesar do argumento de busca do resgate simbólico do lugar, a Casa da Pólvora continuou em estado de abandono. Hoje a prefeitura de João Pessoa está recebendo propostas para transformar essa área no Parque da Pólvora, que incluirá a edificação e o entorno em um amplo terreno de encosta.

#### **d. Praça São Francisco:**

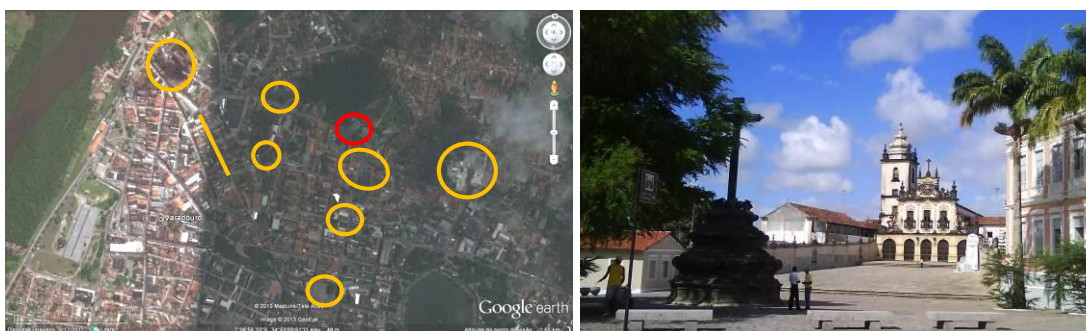


Fig. 11: Imagem aérea com a localização dos lugares que compõe o circuito cultural do centro de João Pessoa, em destaque a Praça São Francisco. Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.

Fig. 12: Praça de São Francisco. Fonte: autor, 2012.

Complexo de Igreja e Praça de origem franciscana que remete ao século XVI, o conjunto arquitetônico da Igreja de São Francisco e Convento Santo Antônio é formado pelo Adro, Cruzeiro, Igreja e Convento, tendo sido tombado pelo Iphan em 1952.

Em 1979 foi criado o Centro Cultural São Francisco, que é mantido através de convênio com algumas instituições: o governo estadual da Paraíba, a Prefeitura Municipal de João Pessoa, a UFPB, a Fundação Joaquim Nabuco e o Iphan. O Centro inclui uma galeria-museu de arte popular, um museu de arte sacra com peças de várias procedências, a Galeria de Pedra, dedicada à arqueologia do monumento, espaços de exposições e eventos, um centro de restauro e biblioteca.

Neste complexo também funcionou uma escola estadual, o Colégio Estadual do Roger. Durante este momento também funcionou a Escola Piollin, fundada em março de 1977, ocupando salas desativadas do antigo Convento e oferecendo cursos e oficinas de teatro e circo para atores e crianças. Em 1980 o Piollin foi transferido para um antigo engenho de cana-de-açúcar no bairro do Roger, o Engenho Paul.

Dentro deste conjunto arquitetônico, o Adro da Igreja tornou-se o lugar de encontro da galera. Um informante, indagado sobre sua juventude no centro, no começo dos anos 1980, diz que “(...) quando ia dar uma voltinha no centro, sempre encontrava alguém na praça (São Francisco) para conversar”.

Desde esta época, a galera se reunia na escadaria do Adro para conversas e encontros fortuitos durante o dia e também à noite.

Atualmente esta escadaria continua a ser um ponto de encontro para a galera. E chama atenção os grupos que se encontram nas quartas feiras para conversar, tomar vinho, tocar violão, configurando um pequeno circuito que vai do Shopping Tambiá à praça durante todo o dia. Quando o Shopping fecha há uma nítida migração de jovens para a praça São Francisco.

#### e. Região da Praça Dom Aداuto

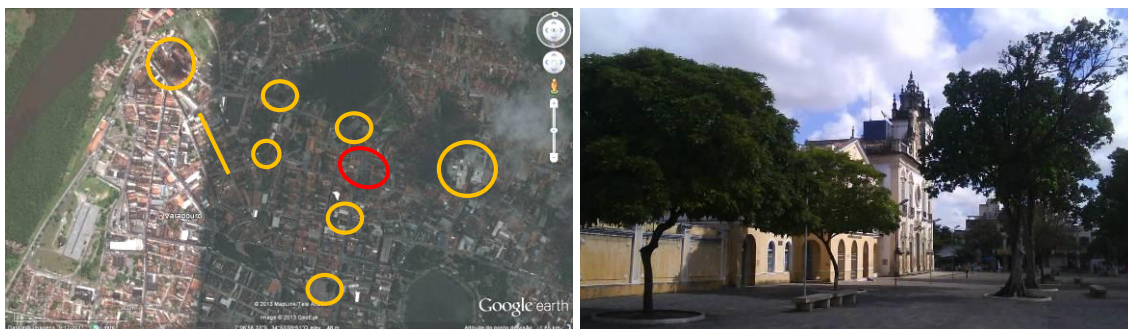


Fig. 13: Imagem aérea com a localização dos lugares que compõem o circuito cultural do centro de João Pessoa, em destaque a região da Praça Dom Aداuto. Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.

Fig. 14: Praça Dom Aداuto. Fonte: autor, 2012.

A Praça Dom Aداuto está historicamente definida dentro do traçado urbano do centro da cidade, nele se encontram a Igreja dos Carmelitas e a Arquidiocese da Paraíba. Da praça saíam blocos carnavalescos desde a década de 1950. O local é utilizado tradicionalmente para festas de rua, a exemplo das atividades relacionadas às comemorações anuais em louvor à padroeira da cidade, Nossa Senhora das Neves, a chamada “Festa das Neves”.

Na Festa das Neves são instalados parque de diversões e uma mistura de barracas de guloseimas, e brincadeiras, como tiro ao alvo, etc., reunindo atividades religiosas e musicais. Desde a década de oitenta a praça era usada como ponto de encontro da galera que circulava entre a Praça São Francisco e a Dom Aداuto.

Na Praça também é onde se concentra um dos maiores blocos carnavalescos da cidade, o Cafuçu. Na sexta feira de carnaval as pessoas ali se reúnem geralmente vestindo fantasias com diversos padrões que remetem à estética brega. O bloco parte da praça e segue até a praça Anthenor Navarro, descendo a ladeira da Borborema e seguindo pela rua da Areia.

Também chama atenção a concentração, nesta região, de algumas casas noturnas voltadas ao público homossexual, dentre elas a que mais se destaca é o Club Vogue. Casa noturna que funciona há mais de quatro anos e promove pequenos shows musicais ao vivo em paralelo às atividades regulares da boate voltadas para o público LGBTT (lésbicas, gays, bissexuais, travesti e transgêneros). Hoje este estabelecimento funciona como um ponto de encontro para esse público, que mesmo quando não entra na casa noturna usa a praça como espaço de encontro.

Diante da intensidade desse último uso, a praça vem se tornando referência de espaço de sociabilidade dos homossexuais, no entanto por estar situada em frente à

Arquidiocese da Paraíba, residência do bispo do estado, vem acontecendo conflitos entre a tradição conservadora religiosa e as práticas de diversão do público GLBTT que tem a praça como ponto de encontro. São constantes os relatos de violentas batidas policiais no local que, segundo informantes, são requeridas diretamente pelo Bispo, da ala conservadora da Igreja Católica.

#### f. Praça Vidal de Negreiros (“Ponto de Cem Reis”)



Fig. 15: Imagem aérea com a localização dos lugares que compõe o circuito cultural do centro de João Pessoa, em destaque o Ponto dos Cem Réis. Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.



Fig. 16: Fotografia da Praça Vidal de Negreiros reformada. Fonte: Caio Correia/ site.

A conformação atual da Praça Vital de Negreiros, popularmente conhecida como Ponto de Cem Réis é resultado de uma série de intervenções urbanísticas. A primeira, em 1914, nasceu por no lugar confluir três linhas de bondes elétricos. A segunda intervenção, de 1924, inaugurou a Praça como resultado da demolição da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

A praça sofreu uma terceira intervenção, em 1951, para substituição de alguns elementos que compunham o espaço. A coluna com o relógio foi substituída pelo busto de Vidal de Negreiros e o pavilhão em estilo eclético por dois novos pavilhões em estilo moderno. Eram nos pavilhões onde os encontros eram marcados e a vida da cidade se desenrolava. A quarta intervenção, em 1970, promoveu uma completa mudança na forma da praça para construção do viaduto Damásio Franca. Nesta última foram retirados os pavilhões e o estacionamento para os carros de aluguel.

A quinta intervenção deu origem ao atual Ponto de Cem Reis. Fruto de uma intervenção da Secretaria de Infraestrutura do município, a obra conforma um pátio de 5.214 metros quadrados com alguns equipamentos urbanos e iluminação ornamental. Vendedores ambulantes e o comércio informal foram dali deslocados e o espaço foi reinaugurado em agosto de 2009. Para esta última intervenção o objetivo da Prefeitura

era transformar a Praça Vidal de Negreiros em um marco central na proposta de requalificar os espaços públicos do centro da cidade.

Neste novo espaço público seria possível instalar grandes palcos para os eventos públicos do município, antes realizados na praça Anthenor Navarro. Nesta eram realizadas autos natalinos, festas juninas, carnaval, concertos musicais no verão e em datas comemorativas. No entanto, a praça Anthenor Navarro não comportava mais a grande dimensão de público reunido nos eventos públicos, já que dispõe de pouca área livre, o que limitava o acesso da população às atividades culturais promovidas pelo poder público. Além disso, as atividades ali realizadas interrompiam parte de uma importante via de trânsito que liga o centro da cidade às cidades da região metropolitana e à rodovia.

Desde a última intervenção, o Ponto de Cem Reis vem sendo utilizado como espaço para grandes eventos na cidade, na sua grande maioria realizados pela PMJP. Todos os grandes eventos que ocorriam na Praça Antenor Navarro, tais como São João, Carnaval, Festival de Verão, dentre outros, foram transferidos para o Ponto de Cem Reis com o argumento de que esse espaço comporta uma maior quantidade de pessoas.

Hoje o Ponto de Cem Reis se constitui como um importante local de lazer para diferentes grupos sociais das mais variadas idades e identidades, inclusive para os que não costumavam ir ao centro para acompanhar atividades culturais. Com isso, o Ponto de Cem Reis, juntamente com a Praça Rio Branco e, anteriormente, a Praça Anthenor Navarro funcionam como uma porta de entrada para o centro atraindo diferentes grupos sociais, alguns dos quais que não tinham, até então, o hábito de frequentar estes espaços da cidade antes das intervenções e da organização de eventos culturais na região. Com isso, ampliaram-se as significações sociais atribuídas a essas áreas.

#### **g. Praça Rio Branco**



Fig. 17: Imagem aérea com a localização dos lugares que compõe o circuito cultural do centro de João Pessoa, em destaque a Praça Rio Branco. Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.

Fig. 18: Fotografia da Praça Rio Branco reformada. Fonte: Autor, 2012.

A Praça Rio Branco, constituída originalmente como Largo entre os séculos XVI e XVII, fica de frente à antiga Casa de Câmara e Cadeia da cidade. Esta área funcionou, nos períodos colonial e imperial, como centro administrativo e sede da capitania da Parayba. A área foi conhecida, até a criação da praça, como Largo da Antiga Cadeia, Largo do Erário e Largo da Intendência. A partir de 1918, passou chamar-se praça Rio Branco.

Nos últimos anos, mesmo tendo abrigado ao seu redor a Casa dos Governadores, o Erário Público, a Casa de Câmara e Cadeia, o Açougue, foi durante muito tempo utilizada como estacionamento, principalmente devido à grande quantidade de árvores no local, e também como área de circulação de veículos.

No ano de 2010 a praça Rio Branco sofreu uma intervenção na qual uma faixa de circulação de veículos foi fechada, diminuíram a quantidade de vagas para estacionamento e foram introduzidos bancos, iluminação ornamental e paisagismo. O objetivo desta ação foi transformar a praça em um espaço de descanso de uso contemplativo. Para tanto, além da limpeza, reforma e revitalização urbana, a prefeitura passou a realizar, através da Funjope (Fundação Municipal de Cultura), eventos musicais gratuitos nos festejos juninos, da padroeira (Nossa Senhora das Neves) e nos sábados à tarde.

Os eventos aos sábados fazem parte do programa da prefeitura denominado “Sabadinho Bom”, que tem início quando os estabelecimentos comerciais e de serviços começam a fechar suas portas. Pouco antes do esvaziamento de pessoas circulando, iniciam os primeiros acordes dos shows de chorinho, que caracterizam a atividade regular da prefeitura na praça. Todos os sábados, das 12h00 às 15h00, ocorrem shows gratuitos de chorinho onde a galera, famílias e idosos se encontram para conversar, beber, dançar e escutar música. Esse evento será tratado com maior atenção mais à frente, já que se refere a um momento privilegiado para compreender as novas dinâmicas e representações sociais construídas a partir das relações travadas na área central.

## h. Ateliê Multicultural de Nai

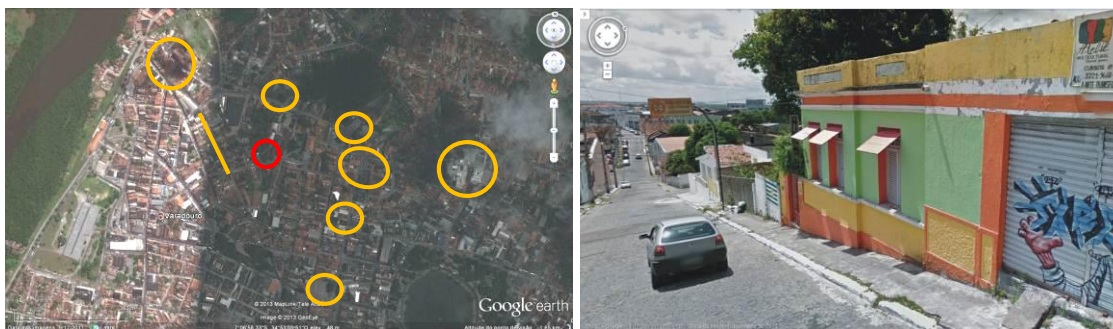


Fig. 19: Imagem aérea com a localização dos lugares que compõe o circuito cultural do centro de João Pessoa, em destaque o Ateliê Multicultural de Nai. Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.

Fig. 20: Ateliê Multicultural de Nai. Fonte: Google streetview, 2013.

O Ateliê Multicultural de Nai é resultado de um processo social mais recente. O local onde ele está situado, ladeira da Borborema, está inserida dentro de diversos trajetos que ligam os lugares da cidade alta a cidade baixa passando pela Rua da Areia, passam blocos carnavalescos, dentre outras coisas.

Neste ateliê nas sextas feiras, sábados e domingos ocorrem eventos musicais, festas temáticas (afro, fantasia, etc.), como também desenvolve oficinas culturais para a população da região do centro. Nos sábados lá se torna ponto de encontro de muitas pessoas que iniciaram suas festas no “Sabadinho Bom”, seguiram pelo Beco da Cachaçaria e foram para outra etapa no Ateliê, que são geralmente festas de samba de roda. E se encontram com pessoas da galera que foram direto para o Ateliê, para iniciar suas festas de sábado. Atualizar conversas, encontros na porta e dentro do Ateliê.

## i. Shopping Tambiá

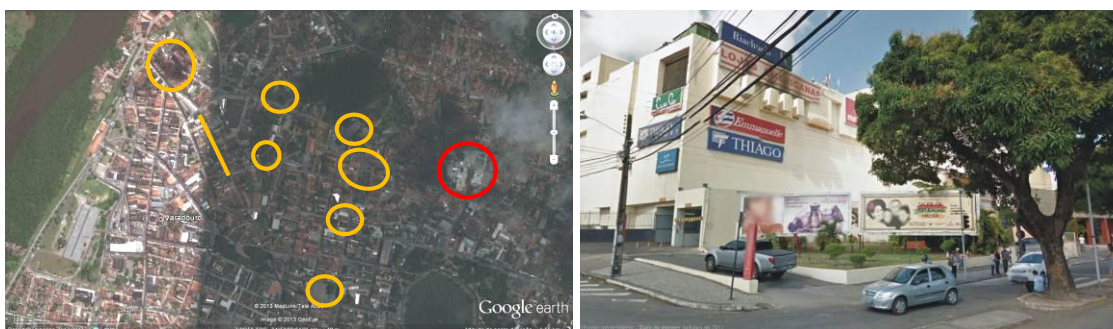


Fig. 21: Imagem aérea com a localização dos lugares que compõe o circuito cultural do centro de João Pessoa, em destaque Shopping Tambiá. Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.

Fig. 22: Shopping Tambiá. Fonte: Google streetview, 2013.

O Shopping Tambiá, tal como o Ateliê de Nai, entra nesse circuito mais recentemente. Quanto ocorre eventos durante o dia nas proximidades o shopping parte

da população o utiliza como apoio para uso do banheiro, praça de alimentação ou um passeio.

Quem me chamou atenção para esse evento foi um interlocutor, que quando conversávamos sobre os eventos que estava estudando me comentou desse.

Essa dinâmica uniu dois diferentes espaços – um Shopping e duas praças – compõe um trajeto específico e são ações sociais que liguem esses espaços através desse trajeto. E que esse comportamento de uso e apropriação do espaço que é exercido dentro de uma regularidade vem, juntamente com os outros, reafirmar o caráter alternativo, artístico, cultural, marginal do centro.

No entanto, nos chama atenção como ele é usado durante os dias da semana por jovens que transitam entre ele e as praças Dom Adauto e São Francisco. Muitos marcam os encontros e seguem para a praça e vice versa. Nas quartas feiras são os adolescentes que a partir das 15h00 começam a chegar ao shopping, aumenta a quantidade de seguranças.

Os adolescentes vão subindo e descendo escada, se encontrando em frente de lojas, formam-se os grupinhos, celulares atentos, conversas de escada rolante. Alguns esperam na porta do shopping. Quando começa o pôr do sol vai aumento a quantidade de adolescentes e o fluxo para a Praça São Francisco. E quando o Shopping fecha a Praça está cheia de adolescentes.

Dessa maneira, podemos dizer que o circuito cultural do centro é um circuito bem delimitado dentro da área central, que ele estabelece ligação com outros circuitos e frequentadores. E isso, permite com que os lugares que apresentamos como conformadores do circuito cultural do centro nos apresentem formas de relação com espaços e equipamentos próprios a esse espaço.

Não que dentro desse circuito possa abrigar diversos níveis de abrangência, dele posso fragmentar em pequenos outros circuitos derivados, como, por exemplo, o circuito dos músicos, da galera da universidade, dos homossexuais, dentre outros. No entanto seguimos na lógica de compreensão que apresentamos para o recorte de galera, ou seja, buscamos a compreensão de um circuito principal com características próprias e que englobe outros mais específicos.

Em cada um desses recortes está-se em contato com o mesmo sistema simbólico e de trocas (...), mas a cada ampliação (ou redução) do âmbito, sem que se perca a referência com um campo reconhecido pelos usuários, está-se trabalhando com questões diferentes, definidas

de acordo com os propósitos, as perguntas e a literatura acionada da pesquisa. (MAGNANI, 2002, p.24)

E a escolha do estudo do circuito nos coloca em aproximação de nossa proposta de reposicionamento do olhar e do método que viemos trabalhando ao longo do desenvolvimento da dissertação, principalmente por ter possibilitado que fizéssemos um recorte do objeto – galera – em sua dimensão espacial. Ao que Magnani completa localizando seu pensamento dentro da discussão do lugar de onde parte o olhar:

Essa impressão, como já foi dito, é o efeito de um olhar *de longe e de fora*; ajustando-se devidamente o foco da análise, contudo, é possível perceber os diferentes circuitos que o usuário reconhece e percorre ao estabelecer seus próprios trajetos, seja nos planos profissional, do lazer, do consumo, das práticas devocionais, das estratégias de sobrevivência e participação e muitos outros. (MAGNANI, 2002, p.25)

Esse circuito que se realiza especificamente no centro da cidade tem características próprias que só o faz se possível de ser realizado no centro da cidade. Os usos que se dão nesses lugares variam de acordo como dia ou a noite da semana; possibilitam que se realizem encontros casuais do cotidiano ou marcado.

(...) gosto de vir para o centro dia de quinta à noite (...) a quinta a noite é para quem gosta da noite. E eu nem marco de encontrar com a galera, porque sempre encontramos alguém para bater um papo legal (...)

A dinâmica social que ocorre nesse circuito também está submetida a certa sazonalidade. De acordo com a época do ano varia a temática da festa, a decoração das casas e das ruas: Festas de São João, Carnaval, Dia da Prostituta, Festa das Neves, etc. Como também variam com o período do ano: período das chuvas, eleição, baixa ou alta estação.

A época de maior efervescência e agito é no verão (alta estação) e no período das festas juninas, quando há maior ocorrência de eventos culturais. Nesses momentos é possível agregar uma maior quantidade de público, aumentando a diversidade de tipos que se encontram e trocam códigos de sociabilidade e o número de pessoas não habituais da região. Lá os grupos se apropriam do espaço e o utilizam de acordo com normas e valores que fundamentam escolhas particulares e formas também particulares de relacionamento social e com o ambiente.

Em face deste quadro escolhemos como recorte os eventos, pois nos momentos em que ocorrem, as características associadas aos espaços são subsumidas em torno de uma coisa “maior”, uma festa, um grande show, etc. Nesses momentos ocorre uma mistura de distintos grupos sociais em função das atividades culturais, festas, comemorações. O fato de esses eventos ocorrerem em locais abertos e gratuitos possibilita um maior acesso de públicos de variados estratos sociais, reafirmando o perfil heterogêneo, característico dos centros das cidades.

Alguns dos eventos ocorrem um concomitante ao outro, os lugares partilham públicos, ou uma atividade aguarda a outra acabar para iniciar a sua. Alguns eventos são promovidos pelo poder público, em sua maioria a Prefeitura Municipal, e outros por iniciativa das casas noturnas. Estas últimas realizam eventos pagos ou gratuitos que tem influencia no fluxo de pessoas que vão ao centro, pois muitas vão pelo menos para frente da casa noturna para se encontrar, bater um papo, paquerar, etc.

São percursos que ligam um lugar a outro ou um evento e a outro evento que acabam por delimitar trajetos. Os agentes que o praticam estabelecem trajetos específicos para ligá-los. Eles não seguem caminhos aleatórios. No nosso caso são trajetos curtos e que podem ser realizados na escala do andar. E para isso, nos utilizamos da categoria *trajeto* de Magnani (2002) que é também uma ferramenta para que possamos conhecer mais da dinâmica sociourbana da galera.



Fig. 23: Imagem aérea com a localização dos lugares que compõe o circuito cultural do centro de João Pessoa e em vermelho os trajetos que ligam esses lugares. Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.

Esses trajetos são importantes por conectar esses lugares que, juntos, configuram uma mancha urbana de cultura e lazer. São escolhas de percurso ou recortes espaciais definidos dentro da mancha a partir de formas características de apropriação do espaço, condicionadas pela dinâmica de relações travadas entre a galera. A classificação da *mancha*, trabalhada juntamente com a categoria definidora do *trajeto*, nos localiza os espaços específicos nos quais se travam relações de sociabilidade próprias das dinâmicas dos circuitos formados no centro da cidade. Juntas, resultam em modelos classificatórios das formas de uso, apropriação e, principalmente, significação do centro por esta galera. Neste sentido, Magnani nos aponta a importância de trabalhá-las em diálogo:

Como se vê, essas categorias não se excluem e são justamente as passagens e articulações entre seus domínios que permitem levar em conta, no recorte da pesquisa, as escalas das cidades e os diferentes planos da análise. Elas constituem uma gramática que permite classificar e descrever a multiplicidade das escolhas e os ritmos da dinâmica urbana não centrados nas escolhas de indivíduos, mas em arranjos mais formais em cujo interior se dão essas escolhas. (MAGNANI, 2002, p.26)

E neste caso a escolha de recorte que fizemos, tanto quanto no comportamento dos agentes estudados, permite que utilizemos a categoria *mancha* em diálogo com a categoria *circuito*.

São as *manchas*, áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante. Numa *mancha* de lazer, os equipamentos podem ser bares, restaurantes, cinemas, teatros, o café da esquina etc., os quais, seja por competição seja por complementação, concorrem para o mesmo efeito: constituir pontos de referência para a prática de determinadas atividades. (MAGNANI, 2002, p.23)

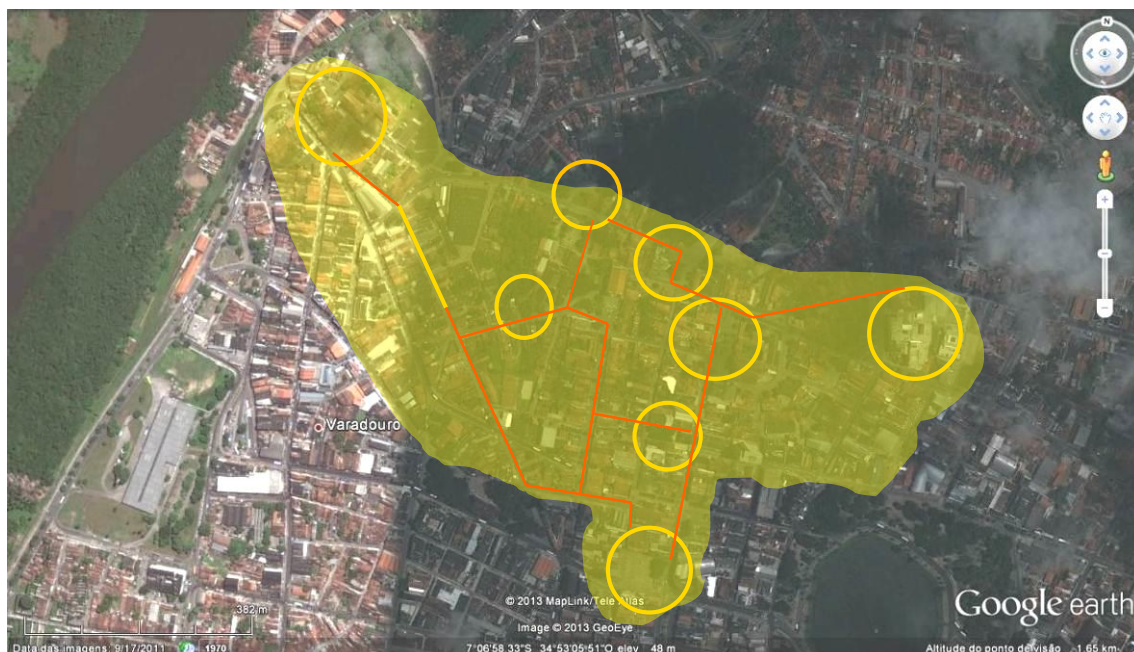


Fig. 24: Figura com a representação da mancha do circuito cultural. Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.

A ideia de mancha nos ajuda a identificar os espaços envolvidos nesses circuitos e suas áreas de abrangência. No nosso caso, a mancha que se forma em face do circuito cultural do centro é de um espaço que não compreende toda a área central, mas um perímetro com limites delimitados pela conjunção dos lugares e trajetos.

Dentro da mancha do centro estão reunidos alguns estabelecimentos comerciais, casa noturnas, praças, bares e que já representam uma imagem simbólica estável dessa área. A diversidade de atividades que reúnem é resultado da multiplicidade de relações entre a galera e esses equipamentos urbanos, as ruas e edificações, que reafirmam uma continuidade de uso e apropriação dados, “transformando-se, assim, em ponto de referência físico, visível e público para um número mais amplo de usuários” (Magnani, 2002, p.23).

Dessa maneira, a mancha, tal como afirmada por Magnani e vista no nosso estudo, representa uma relação mais estável com o espaço e é mais visível no tecido urbano, sendo reconhecida e frequentada por círculos mais amplos de pessoas. Ela é mais aberta não apenas aos encontros marcados e a construção da sensação de pertencimento aquele lugar, mas oferece também uma maior a possibilidade de encontro com o imprevisto, ainda que se tenha um pouco de noção dos grupos sociais que lá encontrará.

Assim, depois desse passeio pela observação do circuito, mancha e trajetos percebemos que o comportamento da galera no centro constrói significações simbólicas desse espaço que é atualizada na prática dos seus comportamentos. Para isso, desenvolveremos abaixo uma descrição de dois eventos que ocorrem no centro e que a

galera tem papel afirmativo sobre ele na reafirmação dos significados dados aos lugares que compõem o circuito, que conforma uma mancha e passa por trajetos.

Percebemos que os agentes sociais que compõem a galera estabelecem vínculos com esses lugares nos quais podem melhor expressar suas individualidades pertencentes ao seu estilo de vida e do grupo a que está inserido. E apesar das diferenças, nesses lugares, esses grupos sociais partilham de comportamentos similares que permite com que os classifiquemos como galera.

No comportamento cotidiano é que a galera impõe sua presença na vida pública e visível desta área e que tem reflexos fora dela. E o circuito cultural do centro se impõe como um espaço representação e apresentação de formas de apropriação e uso do espaço que resultam na conformação de identidades culturais locais e consolidam esse espaço como de afirmação de uma heterogeneidade cultural. Como também percebemos que esse circuito cultural foi se formando não só dentro das disposições dos grupos que abriga, mas também dentro de uma dimensão histórica de continuidade.

Dentro dessa mancha cultural estão situadas edificações e trechos urbanos que passaram por intervenções urbanas dentro do projeto de Revitalização do Centro. Estas restaurações possibilitaram que essas edificações e espaços urbanos voltassem a serem reapropriados por vários segmentos da população, além de turistas, voltando a serem marcos representativos da área central.

De acordo com Del Rio (1998), esses marcos urbanos são edificações, equipamentos ou elementos naturais que podem estar distantes do usuário, mas que se constituem em uma referência visual constante, podem também ser edificações integradas à estrutura urbana e que se destacam no conjunto arquitetônico por sua forte representação cultural e/ou simbólica.

Hoje estes marcos urbanos são devolvidos à população para servirem também como símbolos da história da cidade, mesmo quando acabam passando despercebidos dentro da dinâmica do uso comercial e de serviços, que reduzem o destaque para o patrimônio arquitetônico, fazendo com que os marcos sequer sejam notados.

A importância que teve a restauração na determinação de uma forma do circuito se estabelecer. Modificou a forma dele se estabelecer? Qual influência?

Os mais recentes alvos de intervenção no Centro Histórico foram a Praça Vidal de Negreiros, mais conhecida como Ponto de Cem Réis, em 2009, e a Praça Rio Branco, em 2010 com financiamento da Prefeitura Municipal e do IPHAN.



Fig. 25: Mapa com a localização do Ponto de Cem Réis e Rio Branco.. Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.

Assim, buscamos trazer uma parte de cidade na qual as práticas sociais realizadas nela têm relação direta com a reprodução de uma significação espacial específica do centro da cidade e que representa uma forma

De pouco vale generalizar o desaparecimento da velha rua, tida como símbolo por antonomásia do espaço público, nem se limitar a proclamar que sua função foi ocupada pelas “tirantias da intimidade” ou por zonas desprovidas de sociabilidade: se em determinados contextos ficou inviável como suporte de antigos usos, a experiência da vida pública a que está associada pode ser encontrada em novos arranjos. Um determinado segmento do circuito de lazer, articulando pontos distantes na cidade, é tão real e significativo para seus usuários, quanto a vizinhança no contexto do bairro. (MAGNANI, 2002, p.26)

Apesar das transformações que essa cultura da galera sofreu ao longo dos anos, com atenção ao processo de revitalização iniciado em 1987, notamos que as práticas sociais da galera persistem com firmeza na dinâmica sociourbana do centro da cidade, na medida em que reflete a forma de apropriação dos seus espaços e seus respectivos usos, a dinâmica comportamental e as redes de sociabilidade estabelecidas.

Dessa maneira, procuramos por meio do uso das categorias analíticas em interação com a dinâmica social e urbana presente no centro da cidade, demonstrar como os agentes sociais ligados a uma forma específica de cultura se apropriam do espaço urbano no desenrolar do cotidiano, principalmente nos tempos livre e nos momentos de lazer.

O olhar *de perto e de dentro*, dialoga com a minha metodologia, envolvendo a observação participante, a etnografia e o exercício do flunar, acompanhando e definindo

os circuitos, a mancha e os trajetos, categorias de observação de maneiras de uso e apropriação do espaço que resultam em uma significação simbólica do espaço. Que no caso de Joao Pessoa se relaciona contemporaneamente com a restauração a partir do projeto de revitalização<sup>10</sup>.

## 2.2. Os eventos

Com a observação do comportamento dos agentes que compõem esse circuito, fui percebendo que eles se encontravam com certa regularidade nesses eventos e que reproduziam certo padrão de comportamento. A partir disso, decidimos fazer uma observação mais detalhada partindo do estudo de caso de dois eventos: o primeiro ocorre no Ponto de Cem Reis e na Praça Anthenor Navarro; e o segundo, na Praça Rio Branco e no chamado Beco da Cachaçaria.

Esses eventos não são apenas acontecimentos isolados. Eles são o encontro do acontecimento com um dado sistema simbólico que se realiza nas projeções e práticas culturais. E mesmo tendo características “objetivas”, são suas significâncias resultantes desse encontro que nos interessa. “O evento é a interpretação do acontecimento, e interpretações variam” (SAHLINS, 1990, p. 191).

Cada um dos eventos exigiu diferentes ritmos e regularidades de visitas a campo. Para descrevê-los recorro também a observações realizadas antes do início de execução do projeto de dissertação, uma vez que já era frequentante habitual dos eventos selecionados, me colocando, portanto, como um integrante da galera. Já me chamava a atenção o comportamento de alguns grupos sociais nesses eventos, como estabeleciam redes e marcavam encontros para outros eventos correlacionados.

Assim, por exemplo, durante os eventos promovidos pela prefeitura na praça Rio Branco a galera já se articulava para, após o término das atividades ali, migrar para o beco da cachaçaria Philipéia, contíguo à área da praça. Ainda hoje, ao final da atividade promovida pelo poder público inicia-se outra, de caráter independente, alternativo, compondo um circuito e um trajeto articulados por eventos que reúnem a galera nestes espaços específicos do centro. Tornou-se comum, durante a ocorrência dos shows institucionais, ouvir dos frequentantes:

---

<sup>10</sup> No terceiro capítulo apresentarei como se deu a inserção e aplicação desse projeto e significação de revitalização que é de grande importância para entendermos alguns comportamentos atuais de construção de uma imagem simbólica desse espaço. Pois percebemos uma relação entre o comportamento da galera, a revitalização e significados dados ao centro.

Nos encontramos lá embaixo?

Você vai ficar para a festa no beco?

O “lá embaixo” se refere à área da praça Antenor Navarro, onde ocorrem encontros da galera após os shows que acontecem no Ponto de Cem Reis. Já o “beco” diz respeito à rua da Cachaçaria Philipéia, onde, após os shows de chorinho na Praça Rio Branco, ocorre habitualmente o que os informantes qualificam como “festa”. É entendido como “festa” a aglomeração que ocorre na rua da Cachaçaria Philipéia, onde variados grupos se encontram e geralmente, de forma voluntária e independente, ou com apoio do estabelecimento comercial, articulam-se rodas de samba, são instaladas caixas de som, são montadas bancas de comércio alternativo de comidas e bebidas, etc., criando um clima de confraternização, uma festa, que interdita o espaço da rua em função da grande concentração de pessoas.

Estando em campo, durante os eventos ou enquanto acompanhava o cotidiano do centro, buscava me manter atento aos relatos, conversas, impressões, interjeições dos meus interlocutores. Algumas vezes os provocava em torno de discussões acerca de comportamentos, encontros ou impressões que partilhávamos.

Para construção desse diálogo com os informantes foi de bastante importância as diversas observações diretas, sobre as quais tomava nota. Essas notas permitiram perceber as diferenças e repetições no comportamento social, o que permitiu a definição do recorte do objeto de estudo, a galera. A escolha dos informantes também favoreceu a reflexão sobre as dinâmicas particulares que estavam sendo construídas em função das novas manifestações culturais e societárias na região do centro. A partir das notas que tomava e das conversas com os interlocutores ficou mais claro o que seria significativo de ser interpretado.

Embora tenha buscado uma postura de relativo distanciamento, apesar da inserção no grupo social estudado, por alguns momentos percebi confundir o objeto de estudo com o campo que estudava. Para superar as dificuldades foi importante a demarcação das categorias trabalhadas anteriormente, trajeto, circuito e pedaço.

Assim, foi observada a formação de redes de sociabilidade construídas a partir de cada um desses eventos que compõem os circuitos, pois estes apresentam os elementos de qualificação da galera que participa das atividades alternativas e independentes, mantendo relações espaciais e simbólicas particulares, que conformam uma mancha e que favorecem práticas que refletem em novas significações acerca do centro. A articulação entre os eventos patrocinados pelo poder público e os alternativos é de tal

forma recorrente nas falas dos informantes que alguns não os diferenciam, tratando-os como uma única atividade, como se aqueles que participassem de um evento naturalmente também participassem do subsequente, independentemente de este ser ou não institucionalizado. Assim, muitos não destacam o fato de que os eventos alternativos reúnem um público também alternativo em relação àquele esperado nos eventos institucionais patrocinados pela prefeitura. Esse público alternativo é aquele que constitui a galera, que reúne grupos variados, mas com alguma regularidade e identidade, forjada sob a atmosfera de uma sociabilidade também alternativa, diversa daquela própria do cotidiano e das relações institucionalizadas e pré-estabelecidas.

Observamos as dinâmicas socioculturais a partir de duas áreas onde ocorrem eventos subsequentes que, juntas, articulam a mancha: a da Praça Rio Branco / Beco da Cachaçaria<sup>11</sup>, onde ocorrem os eventos do projeto “Sabadinho Bom”, da prefeitura, seguidos pelas “festas” que ocorrem no Beco; e a do Ponto de Cem Réis / Praça Anthenor Navarro, acompanhando os shows promovidos pela prefeitura e a migração de parte do público, após o término das atividades culturais ali realizadas, para as atividades alternativas, formando um trajeto típico, interligando as duas praças em um circuito próprio. As “festas” que ocorrem na praça Anthenor Navarro se tornaram tão habituais que muitos denominam o evento de *after-show* do Ponto de Cem Réis.

Houve momentos em que a observação direta foi intensa, nos quais me chamava a atenção a conexão entre os eventos oficial e alternativo. Qual relação poderia haver entre esses eventos além de um ocorrer após o outro? Qual a significação do centro atribuída por este público que passou a fazer uso e apropriar-se da área de uma forma particular, alternativa, expressando a demanda por espaços de convivência e sociabilidade e por eventos de cultura e lazer na região? Como vem sendo construída uma nova imagem do centro a partir dos elos de sociabilidade estimulados pelo poder público, mas também forjados de forma alternativa, voluntária e independente, relacionada à formação de redes de convivência, identidade e solidariedade que articulam circuitos culturais próprios?

Como os eventos são realizados em lugares inseridos dentro da mancha cultural, parte do público habitual para lá se dirige nos momentos em que eles costumam acontecer, muitas vezes sem sequer saber qual a atração programada, mas com a certeza de encontrar semelhantes para partilhar códigos. O essencial não está, portanto, na atração programada pela prefeitura, mas nas relações de sociabilidade proporcionadas

---

<sup>11</sup> Este beco se chama Rua Braz Floriano, no entanto, escolho trata-lo por Beco da Cachaçaria porque é assim que a maioria dos interlocutores o chama. Esse nome remete a cachaçaria Philipéia que fica localizada no meio do beco.

pelo uso e apropriação do centro, em determinados momentos socialmente pré-estabelecidos, já que envolvem não somente a ação do poder público, não ocorrem apenas durante a programação oficial, mas também depois das atividades programadas, de forma alternativa e voluntária por aqueles que assumem a rua, o espaço público, como um espaço de sociabilidade, lazer e confraternização, criando um ambiente de festa, como se percebe da fala de um informante:

Acabei de chegar, não sabia nem quem ia tocar (...) e daqui vou lá para a Praça (Anthenor Navarro), vamos?

Embora sem qualquer institucionalidade ou programação pré-definida, a galera que ocupa o Beco da Cachaçaria sabe que ali ocorrerá um ambiente de festa, como se percebe no seguinte diálogo recolhido em campo durante a atividade regular da prefeitura:

– Você vai ficar para a festa no Beco?

– Não sei. Você sabe o que vai ter?

– Não sei, mas sei que vai ter um som.

Após as atividades regulares da prefeitura na praça Rio Branco, a galera se dirige ao Beco da Cachaçaria de forma que a rua fica completamente tomada, sendo difícil e demorado atravessá-la em função da pequena multidão que ocupa o espaço. De forma alternativa, voluntária e não programada, tornou-se costumeira a reunião de pessoas que, de improviso, tocam músicas de mais variados ritmos, com predominância para o chorinho, o samba de roda e a música popular brasileira:

– O pessoal chega lá, pega os instrumentos e começa a tocar.

Embora a Cachaçaria Philipéia seja um ponto de encontro e referência, não é este comércio, em si, responsável pela aglomeração nos momentos da “festa”. Como esta aglomeração já se tornou costumeira, ali se instalam vários vendedores ambulantes que ofertam cerveja, que não é vendida na Cachaçaria, embora seja a principal bebida consumida durante o evento.

As diferenças entre os eventos destacados giram em torno das opções musicais e dos horários em que cada um acontece: o esquema Ponto de Cem Reis / Praça Anthenor Navarro ocorre durante a noite com a apresentação de diversos estilos musicais. E o da Praça Rio Branco / Beco da Cachaçaria ocorre durante o dia e vai até o pôr do sol, começando com o chorinho e seguindo com sambas de roda.

Com relação às similaridades, chamamos atenção ao fato de os eventos oficiais e alternativos se interligarem, condicionando a formação de trajetos e um circuito pré-estabelecido e não definido institucionalmente. Os que ocorrem no Ponto de Cem Reis e na Praça Rio Branco, são eventos de iniciativa, organização e financiamento público. Já os da Praça Anthenor Navarro e do Beco da Cachaçaria são organizados e realizados por iniciativa da galera, de produtores culturais, bares, casas noturnas e pelo comércio ambulante.

Ressaltamos também, a diversidade dessa galera alternativa, que nesses eventos partilha signos e significados que são intercambiados permanentemente nos processos de interação. As formas de uso e apropriação do espaço do centro pela galera permite a sociabilidade entre grupos sociais diversos, provenientes de todas as regiões da cidade e de cidades vizinhas. A reunião nesse espaço favorece a construção de múltiplas identidades. As relações de sociabilidade e de uso do espaço permitem uma construção, reprodução e reafirmação de um significado simbólico comum do centro entre a galera alternativa.

### **2.2.1. Ponto de Cem Reis e praça Antenor Navarro**

No ano de 2007 o Ponto de Cem Reis sofreu uma intervenção urbana. Esta área é considerada um dos passeios públicos mais tradicionais da Capital, lá era onde se encontravam os bondes que percorriam a área central. Com a obra de revitalização foi construída um ambiência para receber novas funções, usos e, conseqüentemente, formas de apropriação do lugar.



Fig. 26: Ponto de Cem Réis antes da última intervenção. Fonte: [www.meuslugares.com.br](http://www.meuslugares.com.br), 2011.



Fig. 27: Ponto de Cem Réis após intervenção. Fonte: [maispb.com](http://maispb.com), 2011.



Fig. 28: Ponto de Cem Réis após intervenção. Fonte: [blogspot.com.br](http://blogspot.com.br), 2012.

Desde sua inauguração a praça recebeu uma série de eventos organizados pela Prefeitura Municipal, e foi com o projeto intitulado “Som das Seis” que começou o uso regular do espaço para a realização de eventos artísticos. Todas as sextas feiras uma atração musical nacional dividia o palco com uma atração local. Os shows começavam geralmente às 18h00 e terminavam às 22h00.

Um grande palco é montado ocupando a rua Visconde de Pelotas. Enquanto os equipamentos de som são testados já se percebe que começam a se reunir grupos variados, pessoas saindo do trabalho no comércio e nos serviços da região, jovens vindo direto de faculdades que, ao chegarem à praça, se encontravam com outros grupos de jovens, um ambiente ainda um pouco disperso, mas com um público aparentemente

disposto a, como dizem: “começar o fim de semana com uma musiquinha na praça”. Enquanto isso, os ambulantes que vendem bebidas estacionam seus carrinhos nas proximidades do palco, dispendo de caixas de isopor e “estandartes” de garrafas e latas vazias, que chamam a atenção dos clientes. Já os que vendem comidas e coquetéis montam suas barracas no “fim” da praça, ocupando a rua Duque de Caxias.

Começa o show da atração musical local: “boa noite”; “muito feliz em estar tocando aqui”; primeiros acordes, primeiras canções. Enquanto isso, algumas pessoas continuam seu bate papo nas pequenas rodas espalhadas pela praça e outras, se colocam à frente do palco. Acaba a canção e logo escutamos alguns aplausos dispersos, os mais entusiasmados vinham de perto do palco.

Com o decorrer do show vão chegando mais pessoas dos mais distintos grupos que iam se juntando, se reconhecendo, se abraçando... e logo iniciavam uma conversa ou prestavam atenção ao show. Com o aumento do público aumenta também o entusiasmo dos vendedores ambulantes. O público começa a aumentar, os ambulantes a vender cerveja e homens, mulheres e crianças, catadores de latinhas de alumínio, passam a se esgueirar entre o público para recolhê-las para venda para reciclagem.

A dispersão inicial começa a tomar forma e o ambiente ganha ares de evento, de festa no centro da cidade, nos quais os diferentes se misturam. O público varia durante o transcurso dos shows, mas geralmente aqueles que ficam até o final das atividades tendem a ser os que comporão a galera, que continuará em “festa”, circulando pelo centro por trajetos definidos, se encontrando com outros grupos de forma voluntária, agitando a noite cultural das sextas-feiras no centro da cidade.

Canções, conversas, risos, aplausos, gritos, danças solitárias, em pares, em rodas, rodas de ciranda; latinhas em seu ciclo de vida: abertas, no chão, catadas; espetinhos, cachorros quentes, salgados, drinks de frutas com nomes originais, paquera, encontros. A região da praça ganha um dinamismo muito diverso daquele do cotidiano, é tomada por um público heterogêneo que vai chegando, chegando, até lotar o ambiente. Quanto mais populares os artistas que se apresentam, maior é o público. Ao fim dos shows, os desencontrados se reencontram, alguns começam a ir embora, outros se sentam próximos das barracas de comida para comer e descansar. Devagar as conversas e a dispersão vão tomando conta do lugar.

Enquanto isso, ainda iam chegando à praça alguns poucos, aparentemente atrasados, mas que logo diziam:

Cheguei agora porque não queria muito ver o show, mas queria descer com a galera para a praça (praça Anthenor Navarro)

Após as atividades culturais no Ponto de Cem Reis tem “festa” na praça Anthenor Navarro.

Ao circular por várias rodas de amigos que permaneciam na praça imediatamente após o término das atividades culturais percebeu-se que os principais temas abordados envolviam as decisões de se partiriam para a festa na Antenor Navarro e de como se deslocariam para lá, sendo comum ouvir:

e aí? Vais descer para a praça?

Essa pergunta se repetia em cada pequeno grupo que se formava, formando um fluxo nítido de pessoas que passavam a se deslocar em direção à praça Antenor Navarro. Muitos desciam a pé e outros iam de carro e davam carona para mais alguns.



Fig. 29: Figura com imagem de mapa do trajeto à pé percorrido entre a praça do Ponto de Cem Reis e a praça Antenor Navarro, interligando espaços, públicos e eventos. Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.

Geralmente desciam grandes grupos a pé pela rua da Areia, que leva diretamente para a praça e tem uma razoável iluminação e movimentação de pessoas, sendo considerada, por isso, mais segura. É uma rua conhecida por ser zona de prostituição, onde se concentram os cabarés. Único ponto onde as pessoas se mostravam mais temerosas era abaixo do viaduto, local escuro, onde geralmente se escondem alguns usuários de *crack*, caracterizando o local como de risco.

Por meia hora, após as atividades culturais na praça do Ponto de Cem Reis as ruas ficam movimentadas com um fluxo contínuo e direcionado de pessoas e automóveis. O público do Ponto de Cem Réis, em parte se repete na Anthenor Navarro, deixando clara a existência de um circuito e de um trajeto particular que interliga seus pontos de encontro.

Na Praça Anthenor Navarro as casas noturnas e bares ficam abertos, tocando música, e muitas pessoas conversando se misturam na praça em frente a estes estabelecimentos, ao lado dos vendedores ambulantes de bebidas e comida, e dos catadores de latinhas. Conforme o público vai chegando, o ambiente de “festa” vai se formando:

Aqui na Praça (Antenor Navarro) desce todo tipo de gente após a festa do Ponto dos Cem Réis.

Embora seja nítida a repetição de parte do público dos eventos, há também aqueles que antes desse público lotar a praça já estavam lá, assim como há aqueles que vão exclusivamente para a “festa” na Antenor Navarro. Não há distinção etária, percebendo-se entre o público, pessoas de todas as idades, uma faixa tão ampla e heterogênea que não permite qualquer classificação a partir da idade dos frequentantes. Não obstante à diversidade, entretanto, percebe-se uma maior quantidade de jovens nos eventos alternativos, da galera. O grupo que forma a galera, além de ter idades muito diversas, é também bastante heterogêneo no aspecto socioeconômico e cultural. Como o comércio ambulante movimenta boa parte do consumo durante os eventos, e como estes são gratuitos e em espaços públicos, tornam-se acessíveis a todas as faixas de renda. Por ocorrerem no centro, há uma tendência centrípeta que favorece o acesso às atividades culturais, ao lazer e à diversão por custo muito baixo, levando variados públicos às “festas”.

A ambiência é alimentada pelas músicas que partem dos palcos montados por alguns estabelecimentos que eventualmente organizam atividades na sequência dos eventos do Ponto de Cem Reis. Entretanto durante algumas horas, o som que domina o ambiente é o das conversas, dos ruídos e dos carros chegando à praça.

Assim permanece até que os sons das casas noturnas e bares se misturem com os sons da rua. Pouco depois a galera começa a se dividir: alguns vão embora, outros entram em casas noturnas específicas, de acordo com os gostos musicais, e outros ficam na praça, conversando ou até decidir o que fazer em seguida.

### **2.2.2 Sabadinho Bom e Beco da Cachaçaria**

Em 2009 a praça Rio Branco foi fechada para intervenção da prefeitura e do IPHAN no intuito de torná-la mais ampla, de forma a comportar um novo polo cultural da área central. O local, até então, servia de estacionamento durante o dia e era um lugar escuro e de risco durante a noite. A pavimentação foi refeita, uma faixa de rolamento foi fechada e somada ao espaço da praça e a outra foi reduzida, mudando a orientação das vagas e aumentando o espaço da praça. Foram colocados mobiliários urbanos, como bancos e lixeiras, assim como também foi implantada uma iluminação ornamental e executados serviços de jardinagem, no sentido de estimular o passeio público, criar um ambiente agradável para os transeuntes e valorizar o patrimônio histórico do centro, reafirmando o sentido de revalorização e criação de um sentido histórico ao local.

Logo após a reinauguração da praça Rio Branco foi criado o projeto “Sabadinho Bom”. Organizado pela prefeitura municipal, teve início em setembro de 2010 e durou até fevereiro do ano seguinte, trazendo grupos musicais do estado e de regiões vizinhas, sempre apresentando shows de Chorinho.

Todos os sábados deste ano, quando o comércio começava a fechar suas portas, iniciavam-se os primeiros acordes. Grupos de comerciários, servidores, famílias que estavam passando pela praça e escutavam esses acordes paravam para prestar atenção nos shows. Inicialmente não havia palco, os músicos ficavam no mesmo nível da plateia.

No início o público, a divulgação e a quantidade de ambulantes eram pequenos. Tudo cresceu. E conforme foi crescendo a quantidade do público, aumentou-se a estrutura, com palco, cadeiras, camarim; aumentou-se o número de ambulantes, que passaram colocar mesas na praça e a vender almoços, caldinhos, e cervejas de marcas variadas.

Devido à grande receptividade e amplo público, o projeto se repetiu no ano de 2011, iniciando no mesmo período, tendo continuidade ao longo do ano de 2012, quando só interrompeu suas atividades na época das chuvas – mês de maio.

No “Sabadinho Bom” se misturam diferentes tipos sociais. O projeto se consolidou e se tornou uma das vitrines do governo local, apresentado como um projeto cultural que expressa o modelo de gestão municipal da cultura.



Fig. 30: Praça Rio Branco antes da intervenção. Fonte: Melo, 2009.



Fig. 31: Praça Rio Branco antes da intervenção. Fonte: SECOM/PB, 2009.



Fig. 32: Praça Rio Branco após intervenção. Fonte: PMJP, 2011.



Fig. 33: Praça Rio Branco após intervenção. Fonte: Adelmo de Medeiros, 2011.



Fig. 34: Praça Rio Branco após intervenção. Fonte: Melo, 2012.



Fig. 35: Praça Rio Branco após intervenção. Fonte: Melo, 2012.

Quando iniciado, o projeto “Sabado Bom” não tinha a pretensão de reunir grandes públicos, como nos eventos que ocorrem no Ponto de Cem Réis. O público almejado era aquele que saía dos estabelecimentos comerciais e de serviços após o término do expediente da semana. Nesta época não havia uma rede de vendedores ambulantes e o público era restrito, hoje tornou-se um dos projetos de maior visibilidade no centro da capital. As razões que levaram a essa consolidação são diversas e válidas de aprofundamento em estudos posteriores, pois o projeto conta com um público cativo sem definição de idade e classe, pois mistura de crianças a idosos, do ambulante que leva sua família para aproveitar o sábado junto com ele a estudantes, intelectuais e até

secretários de governo. O projeto tem apresentações de apenas um gênero musical, o chorinho, e acontece após o horário de fechamento do comércio local, findando as apresentações por volta das 15h30.

Os casais transformaram a frente do palco em um grande salão de dança que é rodeado pelas pessoas sentadas nas cadeiras de plástico dispostas pela prefeitura. Estas acompanham os shows e as danças com aplausos, palmas, sorrisos e conversas.

Atrás dessas estão os grupos de jovens, as famílias e os casais, que vão acompanhando o show enquanto conversam, comem tira-gostos, bebem cerveja e cachaça, água e refrigerantes. Alguns chegam a trazer de casa seus próprios isopores com bebidas. Sentados, conversam entre amigos, família enquanto as crianças brincam ao redor.

Este cenário permanece durante todas as atividades do “Sabadinho Bom”. A partir daí há certa alteração do público, alguns vão embora, especialmente as famílias com crianças e os mais idosos, o comércio ambulante localizado na praça se desmobiliza e, pouco depois, começa a migração do público restante em direção ao Beco da Cachaçaria Philipéia, onde já se colocam outros vendedores ambulantes.

Os jovens se tornam, claramente, o público principal da área. Muitos que já estavam lá desde o “Sabadinho Bom” ficam para dar uma “esticada” e se somam aos outros que vinham e vão chegando direto para o Beco da Cachaçaria Philipéia.



Fig. 36: Figura com imagem de mapa: praça Rio Branco (laranja) e Beco da Cachaçaria (vermelho).  
Fonte: Autor sobre Google Earth, acessado em agosto de 2012.

A praça e o beco são justapostos. E os eventos acontecem justapostos, formando um composto articulado.

Começam a sair os primeiros sons do Beco da cachaçaria. Aumenta o fluxo de pessoas. Os grupinhos já vão encontrando seus lugares em frente ao estabelecimento, onde se formam geralmente rodas informais de samba.

Na Cachaçaria Philipéia o batente do portão de entrada funciona como um mirante. Por estar em um nível um pouco mais alto que a rua, permite uma visão panorâmica do público, que ocupa todo o beco, chegando a ser difícil a circulação de pessoas em função da grande lotação no espaço da rua.

Pouco tempo depois do início da realização do projeto “Sabadinho Bom” os jovens passaram a ocupar o Beco da Cachaçaria Philipéia, tomando a rua, tocando música até o começo da noite. É notável também que muitos jovens vão ao local apenas após o término do projeto “Sabadinho Bom”, diretamente para o beco da cachaçaria, que se tornou o mais importante ponto de encontro de jovens no centro aos sábados entre o fim da tarde e o início da noite.

Alguns informantes dão o tom do ambiente que se forma no beco da cachaçaria após o término das atividades na praça Rio Branco:

“eu não estou no clima... você tem que estar no clima para ficar lá. É muita pegação.”

“é um inferno de gente, e olha que eu adoro o inferno (rindo)... olhe a quantidade de gente.”

Chamou a atenção a fala de dois amigos dançando no batente da Cachaçaria:

“Isso aqui é Olinda. É bom demais!”

Vale lembrar que escutamos essa fala em pleno setembro, sendo que os amigos se referiam à cidade de Olinda/PE durante o carnaval, caracterizada pela festa de rua com uma grande aglomeração de pessoas.

E esse clima continua até o começo da noite, quando alguns seguem para o Ateliê Multicultural de Nai na ladeira da Borborema, para encontrar com outros amigos e “esticar” o dia em outra roda de samba no centro.

### 2.3. Considerações

Muitas das representações sobre o lugar do centro foram preservadas mesmo em face das intervenções urbanas, mas também passou-se por um processo de reavaliação e ressignificação condicionado pelas novas formas de uso e apropriação, estimuladas pelas reformas e investimentos do poder público, mas também pelo voluntarismo alternativo da própria galera usuária.

Observando mais de perto as regras que presidem o uso do tempo livre por intermédio dessas formas de lazer, verificou-se que sua dinâmica ia muito além da mera necessidade de reposição das forças despendidas durante a jornada de trabalho: representava, antes, uma oportunidade, por meio de antigas e novas formas de entretenimento e encontro, de estabelecer, revigorar e exercitar aquelas regras de reconhecimento e lealdade que garantem uma rede básica de sociabilidade. (MAGNANI, 2002, p. 20)

As novas formas de uso e apropriação do espaço do centro pela galera que participa dos novos circuitos estimulados por ações relacionadas aos projetos de requalificação da área por parte do poder público, vêm intervindo na construção de novas representações sociais associadas à região. Às imagens estigmatizadoras de área como de risco e ambiente degradado, articuladas à associação imediata do centro como espaço da boemia, da prostituição, do rock, dos homossexuais, se articulam novas representações simbólicas e práticas derivadas das formas de ocupação da área central por públicos ainda mais heterogêneos que aqueles imediatamente identificados com o centro.

Vale frisar que não se anula a possibilidade de desavenças, preconceito, intrigas entre os grupos ou indivíduos que partilham desse grande e heterogêneo segmento social, mas pode-se afirmar que existe um elo que faz com que esse continue a se reunir e se encontrar nesses eventos no centro e, por alguns momentos, conviver de forma relativamente pacífica e comunitária mesmo em face das significativas diferenças. É notável uma mínima ocorrência de conflitos entre grupos e brigas entre participantes do circuito cultural do centro.

Nos termos da relação estabelecida entre a galera e o poder público – agente que começa a participar diretamente da dinâmica do centro após procurar significá-lo como *centro histórico* – até o lançamento do Projeto de Revitalização os estabelecidos, nas palavras de Norbert Elias, seriam os que hoje são os outsiders. Esse grupo tinha o centro como seu lugar, seu pedaço, como na categoria de Magnani, tinha construído ao longo da história uma significação simbólica associada à boemia, à prostituição, à

marginalidade, principalmente durante a noite. No entanto, com o início da revitalização, que foi acompanhada de uma série de eventos e da promoção pública de uma imagem turística através dos meios de comunicação oficiais, criou-se um ambiente de uso e ocupação híbrido.

Dentro da área central a *galera* se reconhece como estabelecida. É nesse espaço, tanto como nos eventos, que eles se encontram para se expressarem coletivamente. São momentos privilegiados para a reafirmação de identidade, familiaridade e compartilhamento. Fora deste espaço a galera se reconhece muitas vezes como outsider.

Por dispor de uma linguagem própria, nutrir identidade nas escolhas dos eventos e dos espaços de convivência, assumir atitudes semelhantes, interagirem com um público relativamente pré-definido, mesmo que heterogêneo, a galera assume um papel de grupo estabelecido, o centro passa a ser seu pedaço, *locus* onde ela se constitui.

Assim, há várias formas de entendimento do centro e de seu público, uma por parte dos que não se apropriam efetivamente do espaço e não circulam ou mantêm elos de sociabilidade na área, outra por parte dos usuários, dos transeuntes e dos que convivem cotidianamente na área, quer a trabalho, quer a lazer. Entre este grande grupo há os que transitam pelos trajetos que conformam os circuitos no centro. Para este público, a galera, há outra forma de entendimento e representação do espaço central da cidade. É esta forma particular de representação, de significação e ressignificação que está em foco aqui. Por isso é importante ouvir as falas daqueles que, de fato, vêm construindo uma nova imagem e novas formas de sociabilidade, especialmente estimuladas após as intervenções do poder público.

As relações travadas entre seus membros, que atribui uma significação própria ao espaço e aos eventos, que auxilia na conformação de redes de convivência, sociabilidade e também solidariedade, constituem a galera como um grupo estabelecido.

Um influxo de outsiders, estranhos a um meio, inevitavelmente configura desafio para os modos de vida da população estabelecida, não importa qual seja a diferença objetiva entre os recém-chegados e os antigos habitantes. As tensões surgem da necessidade de fazer o espaço e o resto reconhecerem os novatos. (BAUMAN, 2010, p.58-59)

Contudo nesta relação nos parece que se constitui uma reciprocidade. Nesta reciprocidade não está eliminada a assimetria entre os grupos e entre a galera e poder público. Um dos exemplos que chama atenção é a retirada, pelo poder público, dos

eventos que ocorriam na Praça Antenor Navarro para o Ponto de Cem Reis sob o argumento de que o espaço comporta mais pessoas, sendo mais compatível com o porte dos eventos que a PMJP passou a organizar no centro. Inicialmente foram organizados pequenos eventos na Antenor Navarro – dentro do circuito das praças – mas que diminuíram sua frequência até se tonarem raros. Os patrocínios às atividades privadas relacionadas com o lazer e o entretenimento também escassearam, um dos motivos para o fechamento e mudança de direção de bares e casas noturnas.

Contudo, ao longo de períodos abrangentes, as ações de ambos os lados [no caso, poder público, iniciativa privada e a galera] se contrabalançam, porque cada um tem a oferecer algo de que o outro precisa. (BAUMAN, 2010, p.61)

No caso em foco, os eventos independentes ocorrem na sequência dos da PMJP. Eles acabam relativamente cedo e a galera continua ocupando o centro em atividades de lazer, quer no Beco, após o “Sabadinho Bom” da Praça Rio Branco ou na Praça Antenor Navarro, após os shows no Ponto de Cem Réis. Os circuitos culturais aí formados contribuem para articular os diversos grupos que compõem a galera, havendo, portanto, um estímulo à associação e à socialização tanto por parte do poder público, quanto pela iniciativa privada ou mesmo voluntária.

Uma dificuldade de conceituar o que seriam os outsiders e os estabelecidos estaria no que Bauman aponta:

“Estranhos”, todavia, desafiam essas divisões. De fato, opõem-se à própria ideia de oposição, isto é, divisões de qualquer tipo em termos dos limites que a preservam e, assim, garantem a clareza do mundo social que resulta dessas práticas. Nisso repousa sua significação, seu significado e o papel que desempenham na vida social. Com sua simples presença, que não se encaixa facilmente em nenhuma categoria estabelecida, os estranhos negam até a validade das oposições aceitas. Expõem o caráter aparentemente “natural” das oposições, deixando a nu sua fragilidade. Veem-se as divisões como o que de fato são: linhas imaginárias que podem ser cruzadas ou redesenhadas. (BAUMAN, 2010, p.61-62)

As diferentes pessoas passam a compartilhar um mesmo espaço e circuito social que gira em torno de ações culturais e passam a também ocupar a área. Forma-se um grupo social que se conhece por, pelo menos, compartilharem um mesmo espaço em momentos determinados do tempo.

E o que ocorre “normalmente” nesses casos em que se encontram “estranhos” são a criação ou estabelecimento de fronteiras. O que percebemos nesse encontro de eventos não é a demarcação de fronteiras entre grupos, pode-se dizer que há diferenças entre os grupos e os estilos<sup>12</sup> de cada um, mas não há uma fronteira delimitando onde é possível cada grupo acessar. Os eventos independentes são tão “abertos” quanto os da prefeitura.

(...) fronteiras tão claras, precisas e inequívocas quanto possível é o elemento central do mundo humanamente construído. Todos os nossos conhecimentos e habilidades adquiridos se tornariam questionáveis, inúteis, prejudiciais e mesmo suicidas, não fosse o fato de os bem demarcados limites nos enviarem sinais quanto ao que esperar e como nos conduzir em contextos particulares. (BAUMAN, 2010, p.62)

Então quais seriam os limites entre os grupos? E entre os eventos? Há uma distinção clara entre as pessoas que frequentam e que as que passaram a frequentar o centro após a revitalização? Há segregação social e espacial entre os grupos e entre os eventos?

É possível cerrar fileiras em defesa de modelos de vida estabelecidos, e o que antes era um grupo de pessoas desiguais se une contra um inimigo comum: os estranhos a quem atribuímos responsabilidade por uma crise de confiança. (BAUMAN, 2010, p.64)

Em alguns momentos fica difícil estabelecer diferenciações entre os grupos que fazem parte do beco da Cachaçaria ou mesmo das festas na Praça Antenor Navarro porque os contornos de cada grupo se apresenta fluido nesses eventos. A fluidez na definição das fronteiras entre os grupos sociais não elimina a possibilidade classificá-los a partir do circuito cultural da área central, definindo ambientes compartilhados como referências para a observação de exercícios de sociabilidade motivadores de formas particulares de apropriação e representação do espaço social e físico do centro.

Por conta da sobreposição, há áreas ambíguas, em que as pessoas não são imediatamente reconhecidas como pertencentes a um ou outro dos grupos opostos. (BAUMAN, 2010, p.62)

Esses eventos, tal como rituais, expressam, em um espaço e tempo específicos, a possibilidade de sociabilidade e convivência compartilhada entre grupos que em outros

---

<sup>12</sup> Quando me refiro a estilo quero dizer um pacote de significações que são carregadas pelos diferentes grupos sociais. Essas podem responder por características similares entre os que partilham do mesmo grupo, como por exemplo: os surfistas, os roqueiros, os hippies, unificados e identificados a partir de vestimentas, gostos musicais e comportamentos semelhantes, que funcionam como códigos para classificar, aproximar e distanciar pessoas.

contextos não seriam articulados por relações de reconhecimento, familiaridade e solidariedade. Nestes eventos as fronteiras entre os grupos sociais se tornam menos aparentes, favorecendo a sociabilidade e a construção coletiva de formas próprias de representação, uso e apropriação de ambientes determinados do centro.

A compreensão da dinâmica social construída por essa galera permite compreender como esses espaços compartilhados são significativos de a uma forma específica de construção social e simbólica do centro, como ela se configurou na história e quais as mudanças ou continuidades verificadas a partir das ações de intervenção por parte do poder público, no sentido da afirmação do sentido histórico do sítio original do município, especialmente com as restaurações de edifícios, com a requalificação de áreas consideradas degradadas, com a ampliação dos serviços públicos e do número e amplitude dos eventos culturais, festas e comemorações públicas.

Ao lado da imagem do centro boêmio, da prostituição, da degradação e da marginalidade, percebe-se a construção de outra, forjada a partir das ações de revitalização, que estimularam a criação de ambientes de socialização e ampliaram o uso e os meios de apropriação e representação social da área. Estas novas formas de apropriação do centro, entretanto, não eliminaram aquelas tradicionais e construídas no cotidiano por aqueles que habitam e orbitam todos os dias pela região. Os grupos sociais que formam o público que constrói trajetos articulando circuitos culturais não é o mesmo que tradicionalmente se apropriava dos espaços do centro, hoje há um compartilhamento entre estes públicos e grupos de forma a favorecer novas representações sobre o espaço.

Os eventos culturais promovidos pela prefeitura passaram a ocorrer como parte de um pacote de ações guiadas pelo Projeto de Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa, que buscou promover uma nova significação para a área central e com isso, atrair para lá investimentos imobiliários e econômicos, novos públicos, turistas. Somada à retirada dos antigos cabarés que compunham os espaços a serem revitalizados, a exemplo do entorno da praça Antenor Navarro, foram iniciadas as restaurações de edificações, o tombamento do casario, dentre outras ações.

A prefeitura definiu as ações e as implementou sem qualquer tipo de acordo ou consulta àqueles que antes ocupavam e davam vida às áreas que seriam alvo de intervenção. A forma pela qual se deram os processos de revitalização e planejamento das obras resultou na migração dos prostíbulos, que foram guetificados na Rua da Areia, de forma a distanciar da área e dos novos públicos esperados o aspecto marginal do centro, reafirmando, ao contrário, uma postura de espetacularização do patrimônio

arquitetônico e natural, procurando, com isso, construir uma nova imagem do centro, relacionada àquela atribuída a outros centros históricos do país, voltados para o turismo e para a valorização do patrimônio material.

Neste contexto o Poder Público tornou-se um agente significador desse centro, buscando a construção de uma imagem prioritariamente turística a partir de intervenções pontuais em algumas áreas. Não obstante, esse esforço não anulou as significações anteriores nem conseguiu repelir os públicos habituais da região.

Essa dinâmica vem promovendo uma reavaliação de significados simbólicos atribuídos ao lugar.

## **Análise Histórica e Revalorização simbólica**

Não são apenas os usos e apropriações da galera que estabelecem significados ao centro da cidade. Outro importante agente da dinâmica sociourbana da área central é o poder público, que representado por diferentes agentes em parceria, vem buscando realizar uma série de ações que envolvendo a restauração de edifícios, readequações urbanas e viárias, a educação patrimonial e a promoção de eventos artísticos e culturais na região.

O marco para o início dessas ações foi o lançamento do Projeto de Revitalização em 1987, que tinha como objetivo a criação do sentido de Centro histórico ao sítio urbano originário da cidade. Este capítulo tem por objetivo apresentar como em João Pessoa, tal como em outras cidades brasileiras que vivenciaram processos de revitalização de seus centros urbanos, se procurou atribuir um sentido de patrimônio histórico ao conjunto arquitetônico da região onde se fundou o núcleo urbano da cidade, ainda no século XVI.

A atribuição de valor histórico ao conjunto arquitetônico do centro favoreceu o turismo, mas também o reconhecimento social da região central de João Pessoa como um patrimônio público a ser preservado pela sociedade pessoense, visando, por meio da revitalização, uma apropriação social e cultural de seus espaços por parte dos moradores, comerciantes e produtores culturais que não estavam associados aos significados do centro partilhados pela galera.

Como afirma Scocuglia:

Para compreender a dinâmica da experiência de revitalização do Centro histórico de João Pessoa, bem como os usos e as sociabilidades públicas geradas a partir das práticas inseridas na processualidade dessas políticas de revitalização urbana, é necessário remontar os primeiros anos de atuação sobre o patrimônio histórico na capital paraibana, com destaque para o convênio de cooperação internacional entre Brasil/Espanha, para realização do estudo conjunto do Centro histórico de João Pessoa e elaboração do Plano de Revitalização iniciado em 1987, sob coordenação da Agência Espanhola de Cooperação Internacional (AECI). Momento este de invenção da figura do Centro histórico no imaginário local. (SCOCUGLIA, 2004, p.123).

Neste sentido, a apresentação destacará as justificativas e o plano de ação executado pelo Projeto de Revitalização, procurando verificar como e por que se buscou atribuir o sentido de histórico ao centro antigo de João Pessoa e as consequências desta nova significação. Para isso, dialogaremos com trabalhos que estudaram a formação e as transformações do Centro de João Pessoa, tais como o de Scocuglia (2004), Andrade (2007), Melo (2010), Cantalice (2011).

Para refletir sobre as formas particulares de significação promovidas pelos processos de mudança e intervenções no centro de João Pessoa, buscou-se observar exemplos contemporâneos de intervenções urbanas em algumas cidades brasileiras que, a partir do argumento da revitalização, também procuraram atribuir o sentido de histórico aos seus centros antigos. Para este objetivo, os trabalhos que nos ajudarão a refletir sobre este debate acerca dos processos de patrimonialização serão os de Castilho (2008), Leite (2007) e Barreira (2010).

A formulação e implantação do Projeto de Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa envolveu diversas instituições, como a Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP), o Governo do estado da Paraíba, o Ministério da Cultura (MinC), através do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e o Governo da Espanha, por meio do Programa de Preservação do Patrimônio Cultural da Ibero-America, da Agência Espanhola de Cooperação Internacional (AECI).

A implementação do Projeto não só atribuiu novos sentidos simbólicos ao ambiente do centro, quanto favoreceu novas formas de apropriação e uso do patrimônio e dos espaços públicos da região. O projeto envolvia um resgate e preservação das características do conjunto arquitetônico, construído entre o século XVI e início do XX. Assim como em outras intervenções, buscou-se construir um cenário urbano que, revitalizado, favorecesse o turismo e rompesse a tendência de abandono e degradação do patrimônio cultural da região.

Este processo não se fez sem debates e conflitos, visto que interferiu na paisagem e na dinâmica sociocultural e econômica da região. A partir do processo de revitalização o sentido de *histórico* atribuído ao centro passou a ser disseminado pelos órgãos públicos e assimilado pela população da cidade. O sentido de *histórico* vem, com sucesso, sendo associado ao conjunto arquitetônico do centro antigo, reforçado por meio de investimentos do poder público, onde se procurou revitalizar áreas públicas da região, procurando requalificar a ocupação da área, por meio de estímulos à instalação de órgãos governamentais e instituições culturais.

Ao lado da renovação de construções antigas e áreas públicas, a prefeitura do município passou a desenvolver atividades culturais periódicas gratuitas voltadas para grandes públicos, transformou praças públicas em espaços para realização de atividades culturais e vem estimulando novos usos dos espaços coletivos e dos equipamentos públicos do centro voltados para o turismo e a atração de grupos sociais que não costumam ir ao centro como espaço de lazer.

A ação conjunta do poder público através desses “novos” grupos sociais que passam a usar e se apropriar do centro abrem a possibilidade deles também passarem a referenciar esta área como sua. E este processo social intensificado pelo poder público insere novas significações para o centro. Ao indicar que há “novos” grupos que passaram a compor o público usuário do centro não se está querendo afirmar que muitos dos indivíduos desses grupos não transitassem ou fizessem uso sistemático de seus espaços, de seu comércio, de seus serviços. A partir das intervenções públicas e privadas, há aqueles que passaram a fazer novos usos e construíram novas representações sobre o lugar em função das novas formas de sociabilidade constituídas pela rede de relacionamentos e sociabilidade travada a partir da circulação em circuitos e eventos. Assim, além de atrair indivíduos que não eram habituais dos espaços do centro, há também, na composição dos novos grupos que ganham destaque, aqueles que passaram a se apropriar e não apenas transitar pelo centro, atribuindo-lhe, a partir de novos usos e formas de apropriação do espaço, novas representações sobre o lugar.

Nesses eventos e na convivência cotidiana se encontram, se cruzam e se chocam os usos e apropriações dadas ao centro pela galera e os estimulados pelo poder público que resultam em diferentes significações. Em alguns casos, esses encontros ocorrem nos mesmos lugares. Dessa maneira percebemos que são nesses encontros que o convite à diversidade social do centro é apresentado e no qual, a galera reafirma os valores das suas significações dadas ao centro.

Assim, acreditamos que não apenas na prática cotidiana, mas também nos eventos, a galera reafirma sua identidade e a significação que dão ao centro como seu lugar. Neste sentido, é com objetivo de discutir este encontro de significações dados por esses agentes ao centro que apresentamos primeiro o processo de criação do sentido de histórico a partir do Projeto de Revitalização e depois a análise desse encontro.

### **3.1. Criação do Centro Histórico: o Projeto de Revitalização**

Enquanto ocorria o processo de patrimonialização do Centro já se dava ao mesmo tempo outro classificado como de “decadência” e abandono da área central. E estes dois processos – “decadência” e patrimonialização – tinham relação entre si, pois com o Projeto de Revitalização buscou-se construir um cenário urbano que, revitalizado, favoreceria o turismo e romperia com a tendência de abandono e degradação do patrimônio da região.

Iniciado em 1987, o Projeto de Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa procurou associar esforços dos poderes públicos e privados no sentido de requalificar a região. Neste sentido, foi firmado um Termo de Cooperação Técnica que tinha por objetivo recuperar, preservar e restaurar o patrimônio arquitetônico e os espaços públicos de circulação, comércio e lazer da região, assim como formar mão de obra qualificada para os trabalhos de restauração.

Até então as ações relacionadas à preservação do patrimônio histórico e artístico em João Pessoa eram executadas exclusivamente por órgãos federais até a fundação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), criado em 1971, como parte da política pública de descentralização das ações de proteção do patrimônio nacional. A descentralização do IPHAN veio seguida da sua reestruturação, que foi efetivada com a criação da Fundação Nacional Pró-Memória, em 1979, e a transformação do IPHAN em Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, constituída como órgão normativo, e a Pró-Memória tornando-se agenciadora dos meios e recursos para operacionalização da Secretaria recém-criada.

O IPHAEP foi originariamente criado por Decreto do Poder Executivo, em 1971, vinculado à Secretaria da Educação e Cultura e somente instalado em 1974, surgindo como resultado das deliberações do Encontro dos Governadores e Secretários de Estado que ocorreu em Brasília entre 1 e 3 de abril de 1970, para discussão da complementação das medidas necessárias à preservação do patrimônio histórico e artístico nacional. Esse encontro passou a ser chamado de Compromisso de Brasília, e mais tarde renovado por meio do Compromisso de Salvador.

Assim, ao IPHAEP coube a responsabilidade de tomba e assegurar a manutenção dos bens que fazem parte do patrimônio histórico material e da produção artística da Paraíba. Dispondo de relativa autonomia administrativa e financeira, o órgão iniciou o inventário e o tombamento de algumas edificações e definiu os marcos legais da política de proteção do patrimônio histórico e artístico estadual.

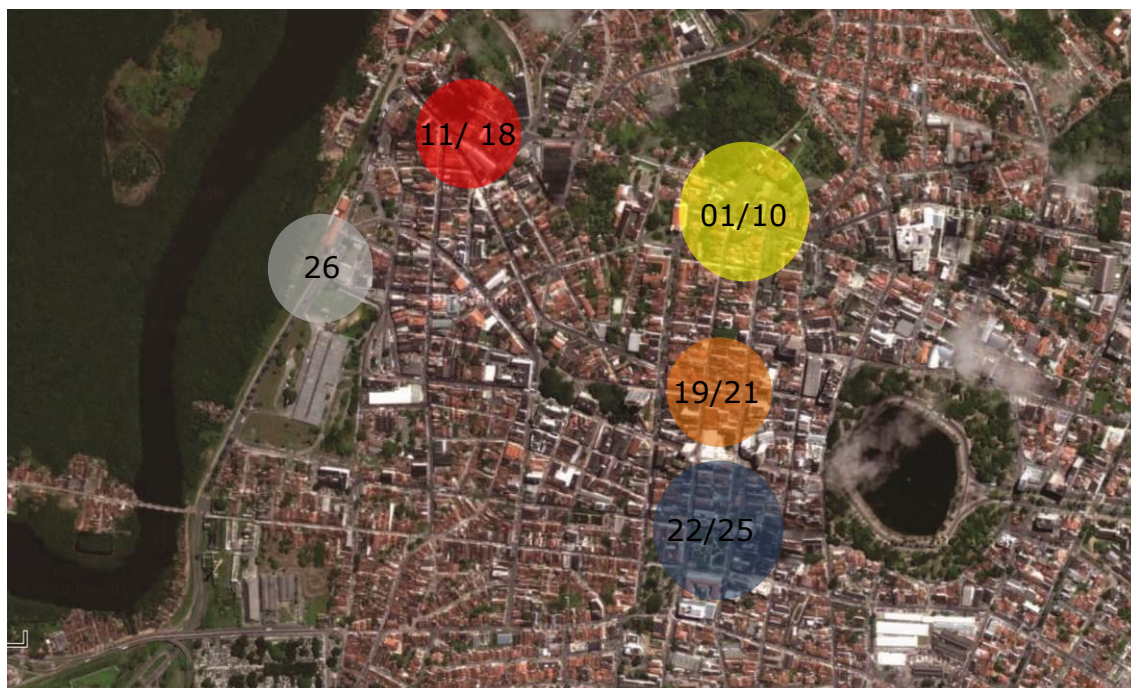
No entanto, as ações dos órgãos de proteção do patrimônio histórico e artístico do centro de João Pessoa foram insuficientes para interromper as constantes demolições de imóveis de seu conjunto arquitetônico. Se, por um lado, os tombamentos representaram uma forma de viabilizar a preservação do patrimônio histórico e artístico, por outro estimulou a demolição de imóveis antigos. O IPHAEP, portanto, não tornou efetivas as medidas de proteção ao patrimônio, embora tenha contribuído para um acúmulo de conhecimento sobre a região que, mais tarde, foi importante para a execução de novas ações focais.

A política de intervenção se tornou efetiva e ganhou dimensão somente com o início do projeto de revitalização, em 1987. Mesmo em face de conflitos com os proprietários de imóveis antigos que foram tombados e, assim, passaram a ser submetidos aos rigores da legislação de proteção ao patrimônio nacional, o projeto de revitalização contou com a aprovação da população da cidade, o que foi fundamental para a disseminação do sentido de *histórico* que se procurou atribuir ao centro antigo.

Inicialmente sob a coordenação dos arquitetos Maria Luiza Cerrilhos (espanhola) e José Saia Neto (brasileiro), o Projeto de Revitalização tinha dois focos de ação: um voltado para o levantamento de dados e planejamento das ações da operação urbana no Centro; e outro, para formação de mão-de-obra especializada para as restaurações previstas.

O projeto foi iniciado a partir da elaboração de um inventário contando com a organização de informações cadastrais e técnicas (arquitetônica, tipológica e artística) de todas as edificações e espaços públicos de circulação e lazer que compõem a paisagem urbana local. Em seguida foi elaborado um diagnóstico acerca dos elementos que contribuíam para a descaracterização do patrimônio do centro e foram formuladas diretrizes para as ações de intervenção, no sentido da interrupção do processo de degradação urbana vivenciado pela região. O projeto ainda envolveu a formulação e aprovação de um código de normas específico para a área central da cidade.

Com isso, foram elencadas vinte e seis intervenções prioritárias que deveriam ser concluídas em 1992, com vistas à comemoração do Quinto Centenário. O convênio Brasil/Espanha era mais de uma série de programas de cooperação, que tinham como objetivo a comemoração do quinto aniversário da chegada dos espanhóis na América. Dentre as ações previstas havia a de Preservação do Patrimônio Cultural, que tinha por objetivo o fortalecimento das raízes comuns da identidade cultural e o reconhecimento de que o patrimônio é um bem social que a sociedade tem o direito de usar e desfrutar e o dever de conservar. (SCOCUGLIA, 2004, p.137)



01. Pç. S. Francisco	10. Casa dos Azulejos	18. Fábrica Tito Silva
02. Horto de S. Francisco	11. Pç. Antenor Navarro	19. Pç. Rio Branco
03. Pç. Dom Adauto	12. Largo de São Frei Pedro	20. Av. Miguel Couto
04. Conjunto Carmelita	Gonçalves	21. Rua Duque de Caxias
05. Rua Dom Pedro I	13. Rua Pe. Antº Pereira	22. Pç. Vidal de Negreiros
06. Pç. Dom Ulrico	14. Lad. S.F.P. Gonçalves	23. Praça 1817
07. Rua Vigário Sarlem	15. Antigo Hotel Globo	24. Pç. João Pessoa
08. Igreja de São Bento	16. Prédio N.º 02	25. Pç. Venâncio Neiva
09. Rua Gen. Osório	17. Antiga Alfândega	26. Ribeira Rio Sanhauá

Fig. 37: Localização das vinte e seis intervenções elencadas pelo Projeto de Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa. Fonte: Elaboração própria sobre imagem do Google Earth, acessado em agosto de 2012.

Para a formação de mão-de-obra para as restaurações, foi criada a Oficina-Escola de Revitalização do Patrimônio Cultural de João Pessoa (OEJP). Esta foi derivada do programa de *Esculas-Taller* desenvolvido na Espanha desde 1985, tendo por objetivo a formação de jovens nas profissões relacionadas com a conservação do patrimônio. A partir da formação técnica para o trabalho de restauração, procurou-se preparar os jovens para serem também divulgadores do processo de revalorização do patrimônio da cidade a partir da atribuição de valores histórico e cultural ao núcleo do centro antigo.

Em face da carência de qualificação profissional na Paraíba, o Projeto objetivou também reativar a formação técnica em ofícios como de carpintaria, marcenaria, jardinagem, alvenaria e bens móveis, de forma a integrá-la às demandas das obras de restauração. Somado a isso, a postura pedagógica foi voltada para a recuperação da

relação mestre-aprendiz, na qual os mestres dos ofícios são os professores que ensinam a partir da “filosofia do saber fazer”.

Para realização desses objetivos e o seguimento do programa foi criada a Comissão Permanente de Desenvolvimento do Centro Histórico de João Pessoa (CPDCH-JP) constituída por representantes das instituições envolvidas no convênio. Essa Comissão buscava: a) elaborar um planejamento de ação para realização das intervenções propostas no Convênio Brasil/Espanha; b) acompanhar o cumprimento de normas relacionadas com o Projeto de Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa; c) elaborar projetos de intervenção propostos no Convênio Brasil/Espanha; d) firmar convênios com órgãos envolvidos com os objetivos do Projeto; e) ampliar a metodologia desenvolvida para os estudos e formulação de projetos para outras áreas de interesse urbanístico.

A partir das ações iniciais do Projeto de revitalização, a CPDCH-JP havia produzido um memorial geral da área, que contava com informações que davam conta da tipologia das edificações. Também foi realizado um levantamento socioeconômico, elaboradas propostas normativas de proteção, organizado um cadastro técnico e um plano de ação voltado para áreas verdes, destacados níveis de intervenção nas edificações e na estrutura urbana, e redefinição do zoneamento e uso do solo, planejamento e reordenação das áreas de pedestres e das vias públicas.

Em face das precárias condições sociais e ambientais da região e da rápida degradação de seu patrimônio material, o Projeto buscou orientar as ações no sentido de priorizar a recomposição da paisagem urbana, revitalizando o conjunto arquitetônico do século XIX e início do XX, dando-se prioridade às intervenções nos bens em risco de desaparecimento e a integração rio-cidade, voltando às intervenções para as margens do rio Sanhauá.

Uma das cidades mais antigas do país, João Pessoa obteve o foro de município em 05 de agosto de 1585 e teve seu núcleo urbano formado a partir da região portuária (Varadouro/Porto do Capim), às margens do rio Sanhauá. Essa região concentrou as principais atividades políticas, sociais e econômicas da história da cidade. Na Cidade Baixa, no nível do rio Sanhauá, foram concentradas as atividades associadas ao porto e à ferrovia, com alfândega e armazéns e para lá convergiam as principais vias da cidade. Já na Cidade Alta, concentravam-se as edificações públicas e religiosas. Neste sentido, o Projeto definia Centro histórico como uma série de conglomerados urbanos, produtos de assentamentos iniciais que se foram gerando por si mesmos pela acumulação e

superposição de fenômenos culturais, políticos, econômicos etc., que contribuíram para sua formação e desenvolvimento.

Neste sentido, o Projeto defendia a recuperação e conservação de trechos urbanos e edificações destacadas como componentes do patrimônio histórico e cultural região, devendo sua preservação estar acima dos interesses privados e estritamente locais. O estímulo ao turismo e à recuperação econômica da área central seria consequência da requalificação da paisagem, com a criação de áreas verdes e a recuperação e renovação de praças, ruas antigas, monumentos históricos e artísticos e a defesa do patrimônio ambiental.

Também teve grande importância para a elaboração do Projeto de revitalização a defesa, pelo Governo espanhol, de um princípio no qual o patrimônio cultural é entendido como um bem de valor universal e representativo da sociedade, devendo ser aproveitado e usufruído por todos. Este valor também deve envolver o compromisso de todos na sua preservação e conservação. Como consequência, a área do centro revalorizado deveria agregar valor econômico e cultural à região de forma a gerar benefícios sociais, como a geração de emprego e renda e o estímulo às ações culturais e de lazer voltadas para população local.

Embora não rigorosa, a prioridade dos projetos de cooperação implementados pelo Governo espanhol em diversos países foi atribuída às ações que visassem o desenvolvimento cultural e econômico das populações locais e a preservação dos bens culturais de tradição ibero-americana. Para tanto, exigia-se a contrapartida dos governos locais com a contribuição de recursos humanos e técnico-financeiros.

A abordagem proposta partia de uma concepção sociocultural de patrimônio, não restringindo as ações à recuperação, restauração e preservação do patrimônio material. O projeto de revitalização previa integrar ações, de forma a não se limitar a intervenções focais e isoladas, dando um sentido homogêneo de centro histórico, atentando para o conjunto arquitetônico, mas também para os usos dos espaços públicos e privados da região. Buscava-se integrar o centro ao tecido urbano, estimulando seus usos habitacionais, comerciais e de serviços.

O Termo de Cooperação previa que a disponibilização de profissionais para participarem da equipe técnica de trabalho e promover a incorporação das recomendações definidas pelo Projeto de Revitalização na legislação local específica, assim como participar da execução das ações de intervenção. Esse corpo técnico também deveria manter as atividades da Comissão Permanente de Revitalização do

Centro Histórico de João Pessoa, que se responsabilizaria pelo acompanhamento das ações, de forma a adequá-las aos objetivos propostos.

A experiência de revitalização do Centro histórico de João Pessoa mostrou inicialmente um interesse prioritário voltado para o enfrentamento dos problemas sociais e relacionados à qualidade de vida da população ali residente. Entretanto, no final da década de 1990, essa experiência seguiu, em parte, o modelo de revitalização voltado para construção de cenários urbanos e para a dinamização cultural de áreas específicas, criando espaços de consumo cultural. (SCOCUGLIA, 2004, p.154)

A construção deste Projeto está inserida em uma dinâmica de “revitalização” dos centros históricos comum à maioria das grandes cidades brasileiras, acompanhada por investimentos materiais e simbólicos, públicos e privados em torno do que é considerado patrimônio e de relevante intervenção. Os diversos exemplos de processos de “revitalização” de centros históricos expressam formas de atuação variadas, enquanto algumas cidades investem em programações artísticas e culturais, com vistas a uma dinamização da economia local, outras buscam o investimento em moradias antigas, construção de novas e oferta de serviços e lazer.

É sob essas distintas formas de intervir nos centros históricos que as políticas públicas de intervenção passam a desenvolver as suas ações. Para tanto, é válida a bibliografia acerca da experiência de reabilitação dos Centros Históricos de Recife, em Leite (2007), de São Luiz, em Espírito Santo (2006), de Fortaleza, em Barreira (2010), de São Paulo, em Helena Silva (2000), e do Rio de Janeiro, em Vaz e Silveira (2006).

No decorrer do processo de implantação do Projeto, a efetiva participação da Prefeitura Municipal e do Governo do Estado pode ser distinguida da atuação do grupo coordenado pela AECI. Enquanto os governos locais não apoiaram o Projeto como acordado no convênio de cooperação e, em alguns aspectos, até criaram dificuldades e empecilhos à efetivação do Projeto, a AECI elaborou e fundamentou o planejamento das propostas de ação, envolvendo a formação e qualificação de equipe técnica, a captação de recursos e a execução dos primeiros projetos-piloto.

A partir de 1997 a postura do poder público mudou quando a Prefeitura Municipal, com a proposta de parcerias entre órgãos públicos e privados, passou a se interessar pela efetiva revitalização do Centro, com destaque para as intervenções principalmente na Praça Anthenor Navarro e no Largo de São Frei Pedro Gonçalves, embora as ações também tenham envolvido outros trechos urbanos da área.

Neste momento a Prefeitura Municipal desapropriou o posto de gasolina que lá se localizava e articulou a parceira junto à Comissão Permanente para a reurbanização e modernização das instalações elétricas e telefônicas, que passaram a ser subterrâneas, estimulando a despoluição visual da área. Em seguida, foram feitas reformas e pinturas das fachadas dos edifícios ao redor da praça.

Com o início desta ação de revitalização da Praça Anthenor Navarro e, entre 1998 e 2002, do Largo de São Frei Pedro Gonçalves, iniciou-se a redefinição do sentido atribuído ao patrimônio arquitetônico do centro da cidade. Para Scocuglia (2004), foi neste momento que se deu a reinvenção da figura do Centro histórico na capital paraibana, a partir da atribuição de novos usos e da construção de um marketing que criava uma imagem turística da cidade.

De 1997 a 2002 firmou-se uma nova imagem e uso do Centro histórico, que procurava valorizar seus monumentos arquitetônicos, mas também associá-lo ao patrimônio urbano e cultural da cidade de João Pessoa. A preponderante arquitetura eclética e art-nouveau dos prédios históricos passaram a remeter ao passado glorioso da capital, notadamente expressando os vínculos com a cultura europeia.

Neste momento, também havia uma aproximação tanto de significado quanto de ação entre o que ocorria no Centro de João Pessoa e, paralelamente, nos de Salvador (Operação Pelourinho) e Recife (Recife Antigo), destacando que havia chegado a vez de João Pessoa também transformar seu Centro. Para isso, fez-se também contato com os responsáveis pelo processo de revitalização do centro histórico do Recife para que os administradores públicos e técnicos de João Pessoa pudessem discutir as falhas e problemas, assim como os sucessos do processo de requalificação e resgate do princípio histórico do patrimônio cultural e arquitetônico da região.

No entanto, antes do início do processo de revitalização do Centro histórico, as representações simbólicas associadas à região eram preponderantemente negativas. Reconhecia-se ser um espaço com uma importante concentração de infraestrutura urbana, comércio e serviços, além de abrigar uma série de edifícios históricos, residenciais e religiosos. Não obstante, a região era vista como insegura, suja e decadente.

Para Scocuglia (2004),

Estava em curso o processo de reinvenção do lugar, deslocando para esfera do consumo os sentidos tradicionais de sua história. Repetia-se na cidade de João Pessoa, a exemplo de outras cidades históricas do

Brasil e de outros países, uma tendência que se disseminou nas últimas décadas do século XX. Seus efeitos mais evidentes são as alterações da paisagem urbana com a transformação de sítios históricos degradados em áreas de consumo cultural e diversão. São, também, as transformações na composição social e nas formas de interação entre os indivíduos e grupos que passaram a utilizá-la. (SCOCUGLIA, 2004, p.177)

Com a revitalização iniciou-se um processo de valorização simbólica e material da região, destacando as oportunidades de construção de um lugar representativo da memória da cidade, simbolizando um patrimônio histórico e cultural coletivo. Esse Projeto marcou o início de uma política de intervenção e revitalização, “uma tentativa de recriar os antigos espaços da boemia, símbolos da vida noturna no Varadouro”. (ANDRADE, 2007, p.101).

Essa construção foi associada a uma estratégia de desenvolvimento econômico, valendo-se de políticas voltadas para o turismo em nível nacional e internacional, e se apresentou como marco para a viabilização de uma nova imagem ao Centro urbano de João Pessoa, tal como a maioria dos processos de revitalização do patrimônio histórico desenvolvidas nas cidades brasileiras.

Buscou-se ressignificar o patrimônio cultural da cidade a partir do processo de requalificação do espaço físico e de seus usos, somado a uma proposta de recuperação econômica e de valorização imobiliária da região, com destaque para o estímulo aos novos usos voltados para o lazer, cultura, turismo e diversão.

Para exemplificar esse processo de construção simbólica do centro a partir das ações de revitalização apresentaremos como ele ocorreu na Praça Anthenor Navarro e no Largo de São Frei Pedro Gonçalves.

### **3.2. Praça Anthenor Navarro e Largo de São Frei Pedro Gonçalves**

No início do século XX, os antigos casarios oitocentistas da área da Praça Antenor Navarro foram substituídos por edificações representativas da arquitetura europeia. A remodelação dessa região no início do século XX atribuiu caracteres particulares à região.

A primeira renovação do centro histórico procurou expressar a modernização da cidade, que acompanhava o avanço da economia do algodão. Foi neste período que,

seguindo o padrão haussmaniano de planejamento urbano, foi implementado o saneamento da capital pelo sanitarista Saturnino de Brito, assim como foi definido um plano urbanístico da cidade, o Plano de Remodelação e Expansão da Cidade de João Pessoa, elaborado por Nestor de Figueiredo. Alteraram-se os traçados de algumas ruas, ampliou-se a infraestrutura urbana e renovou-se a arquitetura do casario do centro.

Nesta ação foram descaracterizados os traçados urbanos coloniais para, em seu lugar, serem construídas largas avenidas e calçadas; tão como novas praças, jardins públicos e avenidas comerciais.

No lugar dos sobrados e casas térreas geminadas, muitos deles dos séculos XVII e XVIII, foram erguidos grandes prédios monumentais e conjuntos urbanos no discutido estilo eclético – modelo característico da época liberal da arquitetura francesa do final do século XIX. Iniciava-se o processo de realocação da tradição e de alterações na sociabilidade nos espaços públicos da cidade, no sentido de se construir um novo estilo de vida, compatível com uma forma urbana moderna. (SCOCUGLIA, 2004, p.99)

Construir um novo estilo de vida não incluía inserir o valor histórico para o centro da cidade. O que se buscava, tal como afirmado acima por Scocuglia, era trazer para cidade valores na ordem do progresso, do moderno e do civilizado para a construção de uma imagem de cidade voltada para o futuro, referenciada no estilo de vida das grandes cidades europeias.

Após estas ações, valorizou-se a vocação natural do Centro para a concentração da infraestrutura e das atividades políticas e econômicas, principalmente com a instalação de agências bancárias, casas comerciais, serviços e pequenas indústrias. Neste momento, o uso habitacional foi ficando cada vez mais restrito a áreas específicas, em meio a uma homogeneização das zonas de ocupação, delineando ambientes com concentração de atividades governamentais, comerciais, industriais, de serviços, e residenciais. Assim, promoveu-se uma dinâmica urbana voltada principalmente para a concentração de atividades econômicas na área, além da já tradicional concentração de órgãos prestadores de serviços públicos e instituições governamentais.

Ao mesmo tempo em que se consolidava essa especialização econômica, havia nesta área uma dinâmica noturna relacionada aos bordéis. Nestes, as prostitutas atendiam à população de marinheiros, soldados, operários e membros da elite política e comerciante local.

Com isso, essa região também se consolidava como zona de prostituição, principalmente nas Ruas Maciel Pinheiro e da Areia e na Praça Anthenor Navarro. A atividade noturna da região se tornou principalmente vinculada às atividades dos bordeis. Enquanto durante o dia havia uma grande circulação de pessoas em função da concentração de estabelecimentos comerciais, industriais, governamentais e de serviços, à noite, entretanto, o público que ocupava o centro mudava significativamente. À noite esta região do centro era entendida principalmente como área de risco, despovoada e marginal.

As reformas urbanas do início do século XX anteciparam algumas das características marcantes no processo de revitalização iniciado na década de 1980, como o apelo visual através da arquitetura monumental, o discurso urbanístico baseado nas ideias de ordenamento, embelezamento e limpeza, a intenção de criar uma nova imagem da cidade, e ainda a modernização da infraestrutura com o intuito de dinamizar as atividades econômicas.

Assim, com a revitalização iniciada em 1997 e concluída em 2002 possibilitou-se a construção de um cenário formado por um casario de fachadas reformadas, e sendo estimulada e financiada pelos órgãos públicos, a área do largo e da praça Anthenor Navarro ganharam uma nova dinâmica cultural.

As antigas fachadas de cores suaves e pasteis, deram lugar às pintadas com cores fortes e vibrantes, que passaram a compor o conjunto arquitetônico eclético e *art déco* existente no entorno da Praça. Esta nova característica é até hoje uma das principais imagens da propaganda turística divulgada em catálogos de agências de turismo, companhias aéreas, hotéis e das publicações voltadas para o marketing. Completa Scocuglia que:

Esta forma de atuação se concretizou [...] nas reformas dos edifícios, nas sociabilidades fundadas a partir dos novos usos como as festas populares, shows, cinema, teatro e demais eventos realizados nas ruas, na Praça e no Largo “revitalizados”, mas também na formação da Oficina-Escola de Revitalização do Patrimônio Cultural da cidade, que se voltou para a recuperação de jovens em situação de risco através da profissionalização e na conscientização de responsabilidades socioculturais e destinos da cidade. (SCOCUGLIA, 2004, p.04)

A partir de então, passou a existir um esforço por parte do governo, dos empresários ligados às atividades turísticas, dos produtores de eventos, dos comerciantes e da classe

artística da cidade, em promover o seu potencial turístico e criar um sentimento de valorização da área central pelos pessoenses, vendendo uma ideia do Centro histórico como um ponto de encontro noturno de uma parcela dos jovens e adultos da capital, e como uma nova possibilidade de lazer, que traria melhorias à economia local.

A memória do Centro Histórico, inscrita no seu patrimônio urbano e nas lembranças dos moradores mais antigos foi evocada pelas estratégias de marketing, ancoradas na construção da imagem da cidade a partir da ideia de transformação do patrimônio em recurso econômico e turístico. (SCOCUGLIA, 2008, p. 04)

Esse novo espaço urbano criado foi muito bem recebido pelos pessoenses. Estimulou-se a reativação das memórias da cidade, o resgate das tradições locais, instigaram-se as práticas culturais e novas formas de sociabilidade, e, acima de tudo, deu-se visibilidade ao estado de degradação do patrimônio edificado e natural da área, assim como aos problemas que a afetam e aos seus usuários, em especial, a população de baixa renda residente, que é associada à imagem de degradação e marginalidade.

Somadas às ações de revitalização do patrimônio arquitetônico, foram promovidas, antes mesmo de terminarem as primeiras obras, várias ações culturais pela prefeitura, através da Fundação de Cultura de João Pessoa (Funjope), com apoio dos empresários instalados nos prédios da praça e do largo. Ali também foram realizadas prévias carnavalescas, festas juninas e concurso de quadrilhas, e ainda a encenação da Paixão de Cristo em frente ao Adro da Igreja de São Francisco.

Estes eventos patrocinados pela prefeitura foram importantes para uma ampliação e diversificação do público usuário do centro. A área passou a ser frequentada por estudantes, profissionais liberais, políticos, artistas e intelectuais, que ajudaram a construir uma imagem de área enobrecida.

As festas juninas, as prévias carnavalescas, os lançamentos de livros, a festa do Auto de Deus, no período de Natal, entre outras, delimitaram novos usos desses lugares. O casario reformado e a nova iluminação pública fizeram com que a Praça Anthenor Navarro passasse a figurar como espaço de agitação cultural e ponto de encontro, por onde passaram a circular, à noite, turistas e pessoas provenientes de diversos bairros da cidade. A área passou a reunir bares e casas noturnas. Segundo Scocuglia (2004, p.181): “A farta iluminação da Praça e a presença de pessoas bem vestidas estacionando seus carros e circulando pelas antigas ruas abandonadas do centro da cidade reforçavam a impressão cenográfica da revitalização, cujo impacto passou a contrastar com o resto do bairro do Varadouro.”.

Após a conclusão das obras do Largo de São Frei Pedro Gonçalves, a Igreja voltou a ser utilizada frequentemente e a ser visitada por turistas e moradores da cidade. O largo passou a ser também um lugar de encontro nas casas noturnas (Intoca, Escambohumano, Galpão 14, etc.), além de ser palco para shows, apresentações de grupos de arte, e um espaço de concentração de movimentos de protestos políticos, entre outros.

Para os representantes do Projeto de Revitalização, a apropriação deste trecho urbano do centro associado às atividades culturais e de entretenimento foram importantes para a revitalização, principalmente por estimular uma nova apropriação social dos espaços públicos da região.

Lentamente ocorreu uma redução relativa dos eventos patrocinados pela prefeitura na área, estimulando a revitalização de outros espaços do centro, repassando a responsabilidade pelo dinamismo cultural e econômico da região aos bares e casas noturnas e aos grupos de artistas locais. A prefeitura passou a se responsabilizar pela infraestrutura das atividades culturais, como segurança, transporte, palco e som, embora de forma não sistemática.

### **3.3. Após as primeiras ações**

Esse processo de patrimonialização do centro antigo de João Pessoa que resultou na construção de um novo significado para a área, ficou inicialmente restrito à região circunscrita entre a Praça Anthenor Navarro e o Largo de São Frei Pedro Gonçalves.

Embora as intervenções urbanas tenham favorecido novas formas de apropriação e usos dos espaços públicos na área, o aspecto focal e circunscrito das ações fizeram com que ao lado da imagem renovada fosse mantida a representação anterior, de região perigosa, abandonada e degradada. A região revitalizada se apresentou como uma ilha renovada em meio ao tradicional abandono das áreas circundantes.

O Projeto de revitalização também surtiu efeito positivo na rediscussão das políticas públicas e sociais voltadas para os moradores da região em situação de risco e em moradias insalubres. À revitalização do patrimônio material era preciso associar um conjunto de políticas sociais de enfrentamento dos problemas vinculados à miséria, à habitações insalubres e às condições ambientais degradantes sob as quais se submetiam grande parte dos moradores das áreas de cortiços e favelas, especialmente no Porto do Capim. As propostas apresentadas para fazer face às demandas socioambientais da região envolveram a busca de solução de problemas como: a presença do lixão do

Roger, a poluição do Rio Sanhauá; a substituição de lojas comerciais por casas de prostituição ou motéis; entre outros.

Em face da persistência do panorama de abandono do centro, alguns agentes culturais tais como o SEBRAE, Acehrvo (Associação Centro Histórico Vivo), Projeto Folia de Rua, Associação dos Moradores do Porto do Capim, passaram a se articular para a ampliação e incremento de atividades voltadas para o desenvolvimento do Centro histórico. Segundo Scocuglia (2004, p.186) a partir dessas articulações, “iniciou-se uma cobrança mais intensa em relação às ações dos poderes públicos para área. Cobrava-se vontade política, interesse pela área e seus problemas e continuidade na dinamização cultural, como forma de atrair investimentos e consumidores”.

Estas restaurações possibilitaram que essas edificações e espaços urbanos voltassem a ser apropriados por vários segmentos da população, além de turistas, revalorizando os marcos representativos da área central. Os espaços públicos que receberam intervenções mais recentemente foram a Praça Vidal de Negreiros, mais conhecida como Ponto de Cem Réis, em 2009, e a Praça Rio Branco, em 2010, com financiamento da Prefeitura Municipal e do IPHAN.

Além das intervenções voltadas para restauração das edificações e trechos urbanos, no ano de 2002 houve a implantação do Programa de Reabilitação de Sítios Históricos (PRSH) desenvolvido pela Caixa Econômica Federal, juntamente com a Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP) e o Governo Federal. O programa teve o objetivo de incentivar a retomada do uso habitacional da área do centro histórico, com a reabilitação de edificações abandonadas que seriam transformadas em residências multifamiliar com algumas sendo de uso misto, comércio no térreo a habitação nos pavimentos superiores.

Posteriormente, o PRSH foi transformado em outro projeto, chamado agora de Perímetro de Reabilitação Integrada (PRI), que buscava ampliar o alcance do PRSH através de uma intervenção urbana que envolvesse edificações, quadras, ruas e praças e possibilitasse a reabilitação de um parque imobiliário edificado com foco para a habitação, visando a integração da área com o tecido urbano e o estímulo à reocupação da área central.

Outro recente projeto de intervenção foi o Projeto Moradouro da Prefeitura de João Pessoa, lançado no ano de 2007, através do Programa de Arrendamento Residencial da Caixa Econômica Federal (PAR) também vinculava o crédito imobiliário à ocupação do centro para fins habitacionais. Inicialmente, o projeto previa a transformação de sete casarões da Rua João Suassuna, no Varadouro, em prédios residenciais. Seriam trinta e cinco apartamentos, de 52 a 68 metros quadrados, com dois quartos (alguns com suítes),

sala única, cozinha, área de serviço e banheiro. A expectativa era de que as obras já tivessem sido terminadas, no entanto, segundo a PMJP, houve atraso na execução por falta de habilitação de empresas nos processos licitatórios abertos, por isso, o projeto não foi executado.

No final do ano de 2007, parte do Centro Histórico foi tombado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), transformando em Patrimônio Nacional uma área de aproximadamente 370 mil metros quadrados e que compreende boa parte dos bairros do Varadouro e Centro.

No total foram colocadas sob proteção 502 edificações distribuídas em 25 ruas e seis praças, além do Porto Capim. A ação buscou evitar a descaracterização do patrimônio, protegendo e estimulando a revitalização do sítio histórico da região central.

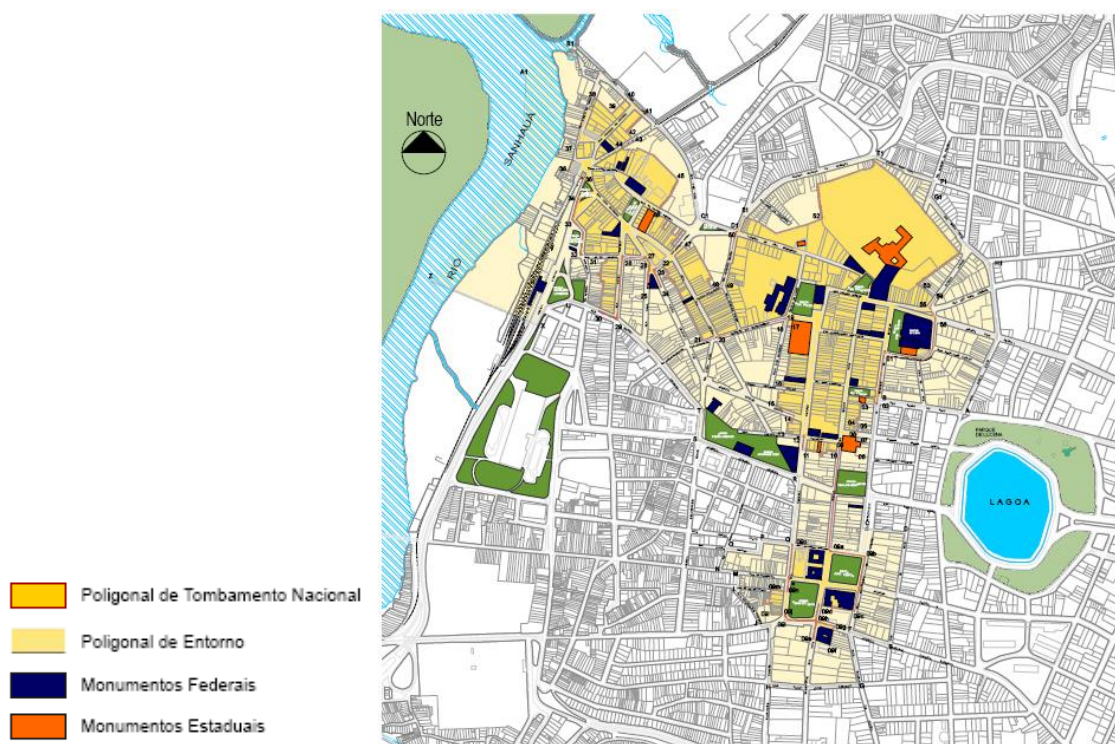


Figura 38: Polígono de tombamento do centro de João Pessoa. Fonte: IPHAN

Após mais de vinte anos de início dos programas de revitalização, a imagem construída de centro histórico apoiada em eventos culturais e restaurações de edificações isoladas e de trechos urbanos ainda não se expandiu a ponto de resultar em um significado histórico que una todas as intervenções. A imagem histórica se circunscreve às regiões que passaram por intervenções, não abarcando o restante do centro urbano.

A busca de construção dessa imagem histórica se relaciona com a intenção de reverter o processo de decadência e abandono das edificações e do espaço urbano do centro, intensificado com a migração de parte da população residente e dos estabelecimentos comerciais e de serviços que os atendiam. A migração de parte significativa dos moradores do centro em direção às novas zonas de expansão da cidade favoreceu um maior distanciamento da região central. Essa dinâmica social e econômica de esvaziamento do centro contribuiu para o quadro de abandono e a involução econômica, afastando, especialmente durante o período noturno, parte da população das áreas de circulação da região, que se tornaram de risco.

Além dessa relação entre intervenção, revitalização e decadência, o centro tinha uma imagem consolidada de espaço “alternativo” da cidade. Lá grupos considerados marginais por uma parcela da sociedade encontravam um espaço de encontro e de socialização. Era o espaço dos boêmios, da prostituição, dos gays, dos artistas, dos maconheiros, dos punks, do movimento negro, feminista, etc., que se utilizavam do ambiente de heterogeneidade e liberdade em meio à multidão, característico das áreas centrais, para realizarem suas socializações. (SIMMEL, 2005)

Como em Simmel (2005), o espaço público da grande cidade, que pode ser pensado a partir das relações travadas no centro, propicia relações de alteridade, de heterogeneidade, de diversidade, o sentimento de liberdade individual em meio à indiferença característica das relações massificadas, na multidão. Assim, o centro favorece o exercício de liberdades que, em ambientes comunitários, onde todos se conhecem e se reconhecem, não teriam oportunidade de pleno exercício. Neste sentido, o centro, assim como uma grande cidade, em Simmel, expressa esse papel centrípeto, favorável à manifestação da diferença e da liberdade. A indiferença própria do sentimento na multidão é importante para o exercício da alteridade no espaço público do centro. Ao mesmo tempo em que o centro é espaço da diferença, no sentido da expressão da alteridade e heterogeneidade de indivíduos e grupos sociais, é também ambiente de reconhecimento, que cria relações de familiaridade, proximidade, afetividade e solidariedade bastante diversas das frias e racionais relações de indiferença na multidão.

A participação em circuitos e o compartilhamento no uso e apropriação de ambientes do centro favorece a criação de redes de relacionamentos entre indivíduos e grupos sociais, daí a formação da galera, articulada a partir de um conjunto de eventos e trajetos que formam circuitos de convivência social interligados e que criam formas próprias de representação do espaço compartilhado do centro.

Com as ações de revitalização somadas às atividades culturais promovidas pelo poder público ocorreu uma abertura e visibilidade pública do centro com uma consequente nova significação, que não fazia parte do universo simbólico tanto da decadência quanto destes grupos alternativos. O Projeto de revitalização impôs uma nova lógica de uso e apropriação do centro.

Enquanto o tombamento do conjunto arquitetônico direciona para um uso das edificações que tem no sentido de preservação o fundamento das ações prioritárias do poder público, sendo de grande importância para manutenção do patrimônio cultural construído. Por outro lado o tombamento representou uma dificuldade de ocupação das edificações da área central, pois a prioridade não vem sendo voltada para o uso, mas principalmente para a preservação estática do patrimônio. No entanto, são essas edificações que não têm nenhum uso as que mais rapidamente se deterioram, chegando a caírem.

O IPHAN deve orientar a preservação, tanto quanto possível, das características essenciais de cada imóvel. O contrário disso implicará na musealização e no engessamento dos Sítios Históricos Urbanos. As pessoas hoje vivem de modo diferente, temos que aceitar isso. Se a preservação não for compatível com esse processo de transformação estaremos decretando a falência dos Sítios Históricos Urbanos. (...) se, por um lado, o uso tem que ser considerado, por outro lado, é necessário haver limites administrativos para a transformação dos imóveis, cabendo reconhecer as situações concretas e trabalhar caso a caso. (IPHAN, 2006, p.04)

A ideia de revitalização vinculada ao sentido de histórico vem associada a políticas públicas de turistificação do espaço que não buscaram construir uma associação com a dinâmica social anteriormente existente na área. Neste sentido, foram os grupos sociais que tiveram que se adaptar à nova dinâmica imposta na área e conseqüentemente, aos novos significados atribuídos.

Assim, apesar dos esforços feitos para se criar uma valorização e uma nova ideia de centro histórico, a imagem que prevalece, atualmente, não é a planejada, e sim a de área que continua a ser heterogênea, comercial, de serviços e com resíduos residenciais, ponto focal dos transportes coletivos e, para alguns, área abandonada, já que em diversos pontos não há uso e nem pessoas, já para outros, continua a ser o seu espaço de afirmação social.

### 3.4. Considerações

Nos últimos quarenta anos o Centro Antigo da Cidade de João Pessoa vivenciou um percurso urbano iniciado com um esvaziamento do uso residencial e a consolidação de uma bifuncionalidade gerada pelos usos comerciais e de serviços, com ênfase para o primeiro. Este processo foi seguido por uma constante degradação das suas edificações e, posteriormente, pela elaboração e implantação de programas de “revitalização” que buscaram criar uma ideia de resgate histórico da área central, a partir de obras pontuais de intervenções em edificações, realizadas pelo poder público, vinculadas à produção de uma imagem característica da cidade, voltada principalmente para o turismo, e que tinha por objetivo ressignificar centro da cidade.

O Projeto de revitalização proposto para João Pessoa incorporou a ideia de revitalização presente nos argumentos de grandes operações urbanas em cidades da Europa, da América Latina, do Brasil e, mais especificamente, do Nordeste, como Salvador, São Luís e Fortaleza. Neste tipo de intervenção realizada pelo poder público, não se privilegia o retorno ao centro através do incentivo à moradia e diversidade sociocultural, busca-se criar um cenário urbano voltado para o turismo e a patrimonialização. Esta situação converge para construção de um quadro no qual, com o passar do tempo, menos pessoas passam a vivenciar o centro como espaço de experiência e trocas culturais e, também, de não interrupção da degradação que já vem ocorrendo no patrimônio construído.

Contudo, percebeu-se também que mesmo com a perda de significado e importância do centro para alguns, lá ainda se verifica a existência da população que resiste a essas tendências urbanas de saída da área central e que acabam por criar vínculos cada vez mais profundos e um intenso sentimento de pertencimento. Além disso, existe uma série de grupos sociais que mesmo não residindo no centro, por diversos motivos criam vínculos com ele, sejam profissionais, culturais e/ou familiares, etc.

O turismo e os eventos são alguns dos pilares de sustentação dos projetos de revitalização. As pessoas que vão ao centro a partir dessas ações formam uma população flutuante, ocupam os espaços em momentos episódicos e a valorização da ocupação da área por este público resulta em intervenções nem sempre adequadas às dinâmicas urbanas pré-estabelecidas na região. O turismo e os eventos se apresentam quase exclusivamente como possibilidade de dinamização do centro, almejando-se a presença da classe média como garantia de sustentabilidade dos empreendimentos comerciais e de serviços. Não obstante, persiste a marca da transitoriedade no tangente às políticas implementadas para a revitalização do centro, de forma a voltar a atenção a

ações transitórias e efêmeras, sem periodicidade regular e pontuais, localizadas e circunstanciais, o que qualifica também os serviços e comércio.

Do palco e som para os eventos, às barracas de vendedores ambulantes, tudo é montado e desmontado em função das atividades promovidas no local. Ao final dos eventos, toda a infraestrutura pública e privada se desarticula e é desmontada, denotando o sentido transitório das políticas de revitalização, que não contribuem para uma efetiva requalificação que promova uma melhoria nas condições de uso e ocupação para além dos momentos em que há atividades culturais, indicando uma dissociação entre o sentido de revitalização, voltado para o público dos eventos e para os turistas, das demandas da população usuária tradicional, quer moradora da região, quer envolvida em atividades econômicas, culturais, etc. Assim, há a impressão de haver dois centros, um voltado para a espetacularização do patrimônio arquitetônico e para o lazer e cultura direcionado para um público majoritariamente não residente e que não mantém vínculos cotidianos com a área, e o outro, do dia-a-dia, desvalorizado e sem perspectiva de renovação em relação àquelas relações de uso e apropriação anteriores.

(...) que não há base alguma nem razão para a oposição excludente entre estabilidade e mudança. Todo uso efetivo das ideias culturais é em parte reprodução das mesmas, mas qualquer uma dessas referências também é, em parte, uma diferença. De qualquer jeito, nós já sabíamos disso. As coisas devem preservar alguma identidade através das mudanças ou o mundo seria um hospício. (SAHLINS, 1990, p.190)

O circuito turístico ficou reduzido à Praça Anthenor Navarro (na Cidade Baixa) e às Praças de São Francisco e Dom Adauto (na Cidade Alta). Os turistas dificilmente circulam e experienciam o centro partilhando códigos e encontros que se dão na rua fora destes espaços. Eles chegam, na sua maioria, nos ônibus das operadoras turísticas, são acompanhados por guias, tiram suas fotos e partem. O trecho ocupado pelo turismo é mínimo, tanto que nenhuma das lojas de lembranças turísticas que foram abertas após a revitalização continua a existir ali.

Os eventos organizados pelo poder público ocorrem em locais específicos e restaurados e que buscam ser a vitrine desses projetos. Inicialmente eles ocorriam apenas na Praça Anthenor Navarro<sup>13</sup> e depois foram transferidos para o Ponto de Cem Réis. A partir de 2010 iniciou-se outro polo de eventos na Praça Rio Branco. O objetivo do

---

<sup>13</sup> Antes da revitalização já ocorriam eventos na Praça Dom Adauto, mas esses eram e continuam a serem vinculados a datas específicas, tal como Carnaval e Festas das Neves (festa da padroeira).

poder público ao patrocinar as atividades culturais na área procuram estimular uma difusão cultural como estratégia de produção de significado para o centro.

Além do turismo e eventos, outro pilar de sustentação do projeto de revitalização é a restauração de edificações e trechos urbanos.

Observar e analisar o centro através do viés do patrimônio carrega em si a urgência em preservar o que está em risco de destruição, tendo em vista, principalmente, a deterioração de antigos edifícios, a presença de atividades e usuários incompatíveis com o lugar, a saída de importantes estabelecimentos de comércio para outras áreas etc. Todas essas ações são analisadas como indícios da necessidade de revitalizar o espaço.

Além disso, muitos dos argumentos utilizados para a intervenção se baseiam na existência de um grande potencial econômico, cultural e comercial que é pouco aproveitado, o que favorece o processo de deterioração e “abandono” desta área. As ações de intervenção buscam uma nova valorização simbólica desse espaço, considerado representativo da cidade. As ações vêm acompanhadas de investimentos materiais e simbólicos em torno da manutenção do que é designado como patrimônio.

A composição da população usuária cotidiana do centro é popular. Neste sentido, o poder público procura promover a diversidade social, com a realização de programas habitacionais para famílias de diferentes níveis de renda, reciclagem de antigos imóveis que se transformaram em cortiços, a solução de problemas relacionados ao comércio ambulante, enquanto favorece atividades ligadas ao turismo, promove equipamentos culturais e busca revalorizar o patrimônio histórico arquitetônico. Ao que se percebe, portanto, a ideia de revitalização não inclui a incorporação de demandas sociais e culturais do público usuário do dia-a-dia do centro.

Assim, ela é voltada para um público eventual e de turistas, não levando em consideração as dinâmicas próprias do ambiente do centro e que não são mobilizadas nem para as atividades culturais promovidas pelo poder público nem para a valorização espetacularização do patrimônio material e arquitetônico.

O projeto de revitalização busca requalificar a área, não partindo dos interesses imediatos do público usuário do dia-a-dia, ao contrário, busca alterar a composição do público, estimulando novas dinâmicas voltadas para novos públicos. Assim, revitalizar não presume requalificar o que já existe, mas mudar o que existe para tornar a área do centro mais atraente para um novo público, que estimule novas dinâmicas econômicas e culturais. Revitalizar, neste sentido, não diz respeito ao ato de dar nova vitalidade à

dinâmica precedente, mas de alterá-la de forma a haver uma requalificação dos espaços e dos públicos usuários.

Mas a busca da diversidade social, também aqui declarada, não corresponde tanto a um projeto de manutenção das classes populares no bairro, mas sim de atrair famílias com melhores recursos para as habitações novas ou reabilitadas, a fim de que a imagem desses centros se transforme, e que dinâmicas econômicas e sociais virtuosas se instalem. (BIDOU-ZACHARIASEN, 2006, p. 52)

O programa de ações, de revitalização econômica e social, valorizando o patrimônio histórico, não chegou às etapas de reabilitação ou construção de moradias para famílias de poucos recursos que lá já residiam. As atividades se resumiram, além da restauração de edificação públicas, à promoção de atividades muito frequentemente ligadas ao turismo e à cultura. Procurou-se, assim, construir políticas que envolvessem ao mesmo tempo práticas sociais, comportamentos econômicos e políticas públicas.

O encontro entre as ações propostas pelo poder público com as dinâmicas sociais que já ocorriam no centro põem em questão o valor de uso do centro. A imagem do centro de João Pessoa hoje é de fragmentada em trechos urbanos, dos anúncios turísticos que levam aos lugares restaurados, requalificados e “revitalizados” como: Praças Anthenor Navarro e Rio Branco, Ponto de Cem Reis, Conjunto Franciscano, Beneditino e Carmelita; nas demais áreas, que ao sofrerem intervenção, prevalece ainda a imagem de insegurança e abandono e também a de espaço da cultura marginal. Tudo isso em meio a um patrimônio arquitetônico reconhecido como de grande importância histórica, ponto de partida para o início do projeto de requalificação e para o tombamento do casario por parte do IPHAN.

Essa imagem não dá conta, entretanto, da presença da diversidade social característica da área, de grupos que transitam e constroem a dinâmica heterogênea do centro. Há regiões residenciais, ruas de comércio especializado, bares, prostituição, sede de atividades políticas e econômicas, dentre outras, há convergência de linhas de ônibus, concentração de empregos e serviços etc., que não vêm sendo considerado nas definições das políticas de intervenção, visto que se voltam para públicos diversos daqueles que tradicionalmente ocupam a área.

Mesmo que essa intervenção do poder público no centro, entendido como área de interesse socioeconômico, através de uma série de ações de cunho preservacionista do patrimônio artístico cultural tenha levado para essa área maior atenção por parte da população em geral, principalmente por parte de grupos que não frequentavam o centro,

percebemos que, em se tratando de programa de associação entre diversos agentes sociais em parceria, já vem ocorrendo outro processo urbano neste mesmo centro.

Este processo não partilha do mesmo objetivo que aquele traçado pelo poder público, sua forma de atuação se dá na reprodução e atualização de um processo cultural próprio. Caso este grupo em associação não busque estabelecer comunicação e relação com a galera pode antes que promover a colaboração no sentido da transformação sociourbana, amplificar contradições e conflitos próprios de ambientes que convivem com a pluralidade de interesses, de públicos e com a diversidade cultural, social e econômica.

Na realidade, o uso dos lugares do centro não se separa de processos, conflitos e intervenções políticas nos quais se percebe a manifestação de agentes sociais no fluxo de diferentes dinâmicas de interação. É no estabelecimento desta relação com outros agentes sociais que constroem a dinâmica do centro que se poderá realizar a construção de um espaço de diversidade social qualificado.

Situações de homogeneidade e heterogeneidade em torno de uma prática cultural exercida no centro histórico são elementos de ativação e manutenção de sociabilidade. Dessa maneira, ressurgem lado a lado conflitos simbólicos que são alimentados na diferença entre lugares, memória, usos e formas de apropriação. As disputas ou trocas simbólicas pelo uso e apropriação dos espaços do centro são percebidas nas relações entre o poder público e a galera.

## Considerações Finais: Reavaliação Simbólica do Centro

Neste trabalho buscamos apresentar duas importantes dinâmicas sociais articuladas a partir de eventos que acontecem no centro da cidade de João Pessoa. Sabemos que não são apenas essas dinâmicas que ocorrem no centro, mas as escolhemos por serem de grande importância na construção de significações atribuídas a esse espaço da cidade. Abrindo uma janela de reflexão, dentre as várias possíveis, procurou-se verificar, na relação construída entre as práticas sociourbanas de uso e apropriação dos espaços públicos por parte da galera que participa do circuito cultural e as ações do poder público, elementos de criação e/ou reprodução de significados simbólicos à área central.

Partiu-se inicialmente da apresentação de um panorama geral do espaço por onde transitamos ao longo do trabalho, descrevendo e questionando o que é o centro, quais são suas características e, dentre elas, destacando a heterogeneidade de grupos sociais e de códigos que são partilhados no mesmo espaço. Esse percurso inicial é importante para demarcar o espaço e os contextos onde se realizam as situações em análise.

As primeiras apreensões acerca do ambiente e do público envolvido nos eventos selecionados para estudo foram feitas por meio do exercício do flunar, um transitar racionalizado, um andar desprezioso, mas capaz de destacar elementos da dinâmica da cidade, das relações, dos tipos. Algo como fazia João do Rio ao procurar descrever *A alma encantadora das ruas*. O exercício do andar permitiu captar a heterogeneidade que qualifica os usos, as formas de apropriação e de significação do centro. Ao procurar classificar o grupo social que se constituiria como principal para o estudo percebeu-se sua grande heterogeneidade interna.

Não obstante a grande diversidade na sua composição, seguindo as categorias classificatórias de Magnani (2002), foi possível definir o grupo como uma galera articulada a partir das formas de uso e apropriação do centro e das redes de relacionamentos ali construídas, que articulam circuitos culturais e trajetos que demarcam uma mancha na área central. As formas de usos e apropriações feitas por este grupo definido como a galera não ocorrem de maneira genérica em quaisquer lugares do centro ou em quaisquer momentos. Elas se dão em lugares específicos e interligados.

Por isso o uso das categorias *circuito*, *trajeto* e *mancha* como auxiliares no esforço de definição e classificação do grupo social em estudo, procurando defini-lo a partir das

relações que lhe dão sentido e condicionam sua dinâmica. Como se trata de um grupo muito heterogêneo, que não poderia ser classificado por critérios como renda, escolaridade, idade, origem, credo, sexo, etc., a sua definição se deu a partir das relações sociais que originam elos de identidade e permitem o reconhecimento e a solidariedade, dando sentido de pertencimento ao grupo mesmo em face das diversidades internas.

Assim, a galera é fruto da articulação dos circuitos e dos trajetos que formam a mancha, que circunscreve espacialmente os ambientes nos quais ocorrem interações que ganham significação coletiva exatamente por conta das articulações em rede a partir dos circuitos e trajetos. Estes circuitos e trajetos, construídos a partir das relações de interação social no ambiente urbano, dão lugar à partilha de códigos identitários que permitem o reconhecimento e a geração de sentimentos de pertencimento.

O acompanhamento dos eventos interligados pelos circuitos culturais e que dão ensejo à formação da galera, reafirma a relevância do encontro para a articulação de redes de sociabilidade e para a construção de imagens simbólicas da cidade. Ao tratar da formação de uma sociedade do encontro, Michel Agier (2011) aponta:

(...) todos esses momentos recriam coletivos reunindo os humanos fora do habitual (nesse sentido uma situação ritual é também uma situação extraordinária) e contra as fragmentações e as exclusões da vida de todos os dias. Será que a manifestação de rua, para ser política, será menos ritual, não sendo necessário também criar uma comunidade do instante, semelhante à criada pelos ritos, para que possa gerar uma tomada de palavra que não seja atribuída à uma identidade artificial, a uma parte identitária do corpo social mas sim a essa comunidade a mais gerada pelo encontro? (AGIER, 2011, p. 177-178)

Para responder essa pergunta, Agier aponta para uma ideia da rua como espaço de política, tal como a “expressão limitada e efêmera da ágora”, este espaço – perdido, mítico, mas ainda sonhado – da política que nasce onde as pessoas livres “se encontram juntas e que não pode durar mais tempo do que aquele em que permanecem juntas” (AGIER, 2011, p. 178). Como a ágora, é um espaço público de liberdade e expressão de diversidade e de dissenso. Neste sentido, as áreas centrais têm por característica possibilitar o encontro entre os diversos, são espaços em que a liberdade de se expressa na multidão. (SIMMEL, 2005)

Os eventos que articulam os circuitos culturais promovem a reunião de indivíduos atribuindo-lhes o contorno de grupo, a galera. A descrição de dois eventos procurou demarcar os campos e espaços nos quais ocorrem as relações de sociabilidade a partir das quais se formam os circuitos que definem as características de pertencimento ao grupo, à galera. Assim, os eventos não são entendidos apenas como acontecimentos, mas como expressão de relações travadas na dinâmica social e que promovem formas particulares de sociabilidade com sentidos que intervêm na formulação de representações acerca do espaço do centro.

Criações artísticas ou ações políticas podem, de maneira efêmera, pôr em relação indivíduos diferentes – e não apenas os anônimos da multidão. Todos à procura de conexões e de associações que procuram existir contra o vazio de sentido e de relações que espreitam, como uma ameaça, qualquer habitante das cidades. A partir de encontros ritualizados, localizados, essas situações e as pessoas que são mobilizadas fazem, por conseguinte, viver a cidade a longo prazo ao mesmo tempo que fazem aparecer as comunidades de movimento. (AGIER, 2011, p. 174)

Nesses eventos, códigos de reconhecimento são partilhados,

o discurso insere os signos em ‘novos’ contextos de uso, acarretando contradições que têm de, em contrapartida, ser abarcadas pelo sistema. (...) O encontro com a palavra é em si uma valoração, e uma reavaliação potencial, de signos (SAHLINS, 2008, p. 24).

Esses eventos nos remetem à presença do poder público no centro da cidade enquanto um agente social relevante. Ele decide por “entrar” na dinâmica sociourbana do centro para reorientar o uso e as formas de apropriação de uma série de áreas definidas como de interesse cultural, artístico e histórico. Esta entrada se dá em 1987 por meio do projeto de revitalização, lançado com o objetivo de construir uma imagem de centro histórico para a área central, por meio de uma série de ações, como a de restauração de edificações e trechos urbanos e a promoção de eventos culturais.

Essas ações representaram uma tentativa do poder público de mudança cultural e de significados acerca do centro. A maneira como o projeto de revitalização foi inserido e gerido simboliza a entrada de uma força externa à dinâmica sociourbana pré-existente. Até o início do projeto de revitalização o poder público não se fazia atuante nas ações

culturais e de gestão urbana do centro da cidade, impondo novas dinâmicas sociais, econômicas e culturais na região.

A nova dinâmica inaugurada a partir das intervenções não ocorreram, entretanto, sem conflitos. Um desses ocorre nas contradições gestadas entre a galera e o poder público, no estímulo às diferentes maneiras de usar e se apropriar da área central e que resulta em um conflito no âmbito simbólico, ou seja, nas significações reproduzidas e partilhadas pela galera e as significações produzidas e financiadas pelo poder público.

O poder público encontra na promoção de eventos culturais meios para atingir fins prioritariamente políticos, embora seja subjacentes às intervenções objetivos socioculturais e econômicos, envolvendo a requalificação do comércio, dos serviços públicos e privados e do público usuário, que passa a visar, especialmente, o turismo. Em paralelo, a galera produz e reproduz seus signos, resultado dos novos usos e apropriações do centro. Neste sentido, o diálogo com a teoria de Marshall Sahlins nos ajuda a refletir sobre as mudanças estruturais condicionadas por mudanças conjunturais, materiais e simbólicas, apresentando um debate acerca das ideias de sistema (estrutura) e evento (prática), que permitem a apresentar uma reflexão acerca das significações que a galera atribui ao centro histórico, tendo como recorte a entrada do poder público como um agente significador desse espaço.

A existência de conflitos explicita as diferenças entre as formas de representação e uso do centro, uma estimulada pelo poder público e outra assimilada a partir dos usos e interações sociais entre a galera. Como afirma Sahlins:

Os elementos dinâmicos em funcionamento – incluindo o confronto com um mundo externo, que tem determinações imperiosas próprias e com outros povos, que têm suas próprias intenções paroquiais – estão presentes por toda a experiência humana. (SAHLINS, 1990, p. 9)

Parte deste conflito se realiza no campo simbólico. O símbolo (signo) quando é formulado/forjado pelo poder público adquire um valor intencional e o seu sentido assume uma posição de referência. Assim, há interesses diferentes expressos por cada um dos agentes de acordo com sua relação com outros símbolos, com as formas de intervenção, uso e apropriação simbólica.

O valor do referencial simbólico construído intencionalmente pelo Estado é derivado de um valor conceitual, não obstante, este sofre transformações de acordo com os usos e práticas sociais referidas ao ambiente fruto de intervenção.

Podemos dizer que, como algo vivido e sobre o qual se age, o fato simbólico é um “símbolo” fenomênico cujo “tipo” é seu modo de existência na cultura-tal-como-constituída. Entretanto, na cultura-tal-como-constituída, o signo possui um sentido abstrato: ele apenas significa, em virtude de todas as relações possíveis com outros signos, todas as suas possíveis ocorrências; é “livre de estímulos”, desvinculado de qualquer referente mundano particular. Mas as pessoas vivem tanto no mundo quanto por meio de signos, ou melhor: elas vivem no mundo por meio de signos, e na ação elas indexam o sentido conceitual por referência aos objetos percebidos de sua existência. Na ingênua e aparentemente universal experiência humana, os signos são os nomes das coisas “lá fora”. (SAHLINS, 2008, p.129)

Assim, esse conflito entre as formas simbólicas de representação do centro é fruto de uma interação entre a ordem cultural constituída no cotidiano de práticas sociais de uso e ocupação desse espaço e é reproduzida na vivência das pessoas.

O projeto de revitalização representa uma ordem cultural fabricada e que busca através de ações culturais planejadas levar da virtualidade para a realidade (a prática) a interação entre grupos sociais que não tem o centro como seu lugar, como seu pedaço, como na acepção de Magnani (2002). Esses conflitos envolvendo as formas de representação construídas e apreendidas na ação prática, nos usos e costumes, produz novas significações para centro, que no caso de João Pessoa tende a se voltar principalmente para a turistificação e a transformação da região em espaço de lazer para novos grupos sociais antes não usuários rotineiros de seus espaços públicos.

Dessa maneira o que acontece nessa interação de símbolos é que os significados são apropriados pelas pessoas que vivem o cotidiano do centro da cidade. Este cotidiano é movido por circunstâncias que acarretam ações sociais, que, por sua vez, inevitavelmente colocam as relações entre esses símbolos em risco. Ou seja, “se a cultura é mediação crucial da prática, a simples existência da prática é, em contrapartida, mediação de mudanças na cultura.” (SAHLINS, 2008, p. 11)

(...) todos esses processos ocorrem de uma mesma maneira geral no interior de qualquer sociedade, independentemente de diferenças culturais radicais. Basta que atores com conceitos e projetos parcialmente distintos relacionem as suas ações entre si – e com um mundo que pode provar ser refratário aos entendimentos de cada um e de todos os envolvidos. (SAHLINS, 2008, p.127)

O encontro ou, em outros momentos, o confronto entre esses dois agentes constitui uma ocasião de mudança histórica.

A meu ver, a questão maior destes ensaios reside na existência e na interação dual entre a ordem cultural enquanto constituída na sociedade e enquanto vivenciada pelas pessoas: a estrutura na convenção e na ação, enquanto virtualidade e enquanto realidade. Os homens em seus projetos práticos e em seus arranjos sociais, informados por significados de coisas e de pessoas, submetem as categorias culturais a riscos empíricos. Na medida em que o simbólico é, deste modo, pragmático, o sistema é, no tempo, a síntese da reprodução e da variação. (SAHLINS, 1990, p. 9)

Mesmo que parte da galera já estivesse envolvida na prática de uso do espaço, através da partilha de códigos histórica e socialmente construídos, que conformaram uma mancha de uso e apropriação do centro, as ações promovidas pelo poder público, que buscaram construir uma nova imagem de um centro histórico relacionada ao turismo, aos eventos, procurando requalificar o público, atraindo aquele que geralmente não se utilizava dos espaços da região, impôs, mesmo que sob contradições práticas e simbólicas, novas representações sobre o centro, de forma que a resultante dos conflitos entre o poder público e a galera vem permitindo a formulação de novas significações acerca desse espaço, introduzindo novos valores simbólicos e práticas de uso do espaço.

Assim, o resultado das contradições simbólicas e práticas se expressa na síntese entre os interesses expressos pelo poder público e os valores construídos nas interações sociais, dando ensejo a uma resignificação que nem é exatamente aquela forjada pelo poder público quando da formulação das intervenções, nem tampouco fruto exclusivo das novas formas de uso e apropriação do centro por parte da galera.

A ação, dizemos, é intencional: norteia-se pelos propósitos do sujeito agente, pela vida social dele ou dela no mundo. Engajados assim em projetos de vida, os signos por meio dos quais as pessoas agem são levados a relações referenciais com os objetos das ações dessas pessoas, dotando assim os valores conceituais de significados contextuais particulares. Ainda na ação, os signos estão sujeitos a arranjos e rearranjos contingentes, relações instrumentais que também afetam potencialmente os seus valores semânticos. Todas essas inflexões de significado dependem do modo como o ator experiência o

signo como um interesse: o lugar do signo num esquema orientado de meios e fins. (SAHLINS, 2008, p.127)

Tanto a ação da galera quanto do poder público é intencional e norteada pelos seus propósitos, pelas ações da vida cotidiana e em sua relação com o espaço. Os fins que orientam as ações destes dois agentes, galera e poder público, são diferentes, mas resultam em sínteses simbólicas formuladas na ação prática. A ação, assim, orienta os meios e os propósitos dos indivíduos e as formas de relacionamento social no espaço, que permite a formulação de representações características do centro, que envolvem mudanças estruturais no campo simbólico, instauradas por elementos conjunturais, por eventos. Após o início das ações de revitalização o poder público estimulou novas relações posicionais entre as categorias do sistema (estrutura) anterior, ou seja, um novo conjunto de delimitações recíprocas entre os elementos que compunham essa estrutura, conformando-se um ambiente estrutural diferente.

De qualquer forma, a ação começa e termina na estrutura: começa nos projetos das pessoas como seres sociais para terminar na absorção dos efeitos num prático-inerte cultural. Entretanto, neste ínterim as categorias podem ser funcionalmente deslocadas, os seus respectivos valores posicionais, alterados; daí, por definição, vige uma nova ordem estrutural. (SAHLINS, 2008, p.133)

Nessas ações de intervenção são estabelecidos valores funcionais e implicativos aos símbolos. Esses valores são submetidos a análises, reformulações e recombinações, das quais emergem formas e significados sem relação com os estatuídos anteriormente. Esses valores que emergem não derivam das determinações recíprocas de valores estabelecidos a priori. Os valores adquiridos na prática retornam a estrutura atribuindo novas relações entre as categorias dessa estrutura. Assim, as ações práticas conjunturais acabam por interferir nas concepções acerca da estrutura social e simbólica precedente, permitindo uma mudança estrutural a partir de alterações conjunturais.

De acordo com as inquietações introduzidas pela prática, a lógica dos encontros e dos eventos constitui um mecanismo de reavaliação definido historicamente e espacialmente, e que podem ser reconhecidos nas manchas, circuitos e trajetórias apresentados no capítulo dois. Desse encontro entre pessoas e coisas no cotidiano e, principalmente, nos eventos, emerge novos valores, portanto, novas relações. “As pessoas agem em face a circunstâncias de acordo com seus próprios pressupostos culturais, as categorias socialmente dadas de pessoas e de coisas.” (SAHLINS, 2008, p. 125)

É como se as perturbações introduzidas pelas práticas culturais ecoassem para uma transformação da estrutura, continuamente colocada em xeque.

Assim, em geral, as circunstâncias mundanas da ação humana não obrigatoriamente se conformam às categorias por meio das quais certas pessoas as percebem. No evento, as circunstâncias não se conformam, as categorias recebidas são potencialmente revaloradas na prática, redefinidas funcionalmente. De acordo com o lugar da categoria recebida no interior do sistema cultural tal como constituído, e conforme os interesses afetados, o próprio sistema é mais ou menos alterado. No extremo, o que começou como reprodução termina como transformação. (SAHLINS, 2008, p.125)

Sahlins nos apresenta a noção de “estrutura da conjuntura”, que pretende compreender a “dinâmica” da “prática” em meio à “cultura-tal-como-constituída”, o que pode ser uma referência adequada para a reflexão sobre o problema particular em foco. Segundo o autor, a conjuntura expressa uma estrutura que se constitui nas relações sociais intercedidas por signos com valores diferentes, em razão do seu lugar no quadro simbólico coletivo e na prática das pessoas. Neste sentido, a estrutura se reproduz pela mediação da história, assim como pode ser ressignificada em função desta, como resultante de mudanças culturais subjacentes às conjunturas particulares e às ações práticas e simbólicas por elas mobilizadas.

Esta [*estrutura da conjuntura*] abre espaço para uma apreensão muito vívida, muito ‘próxima da experiência’ (...), justamente com que em câmera lenta, da mudança cultural historicamente possível – e da mudança histórica culturalmente possível – em meio à prática cotidiana das pessoas “no mundo”. (SAHLINS, 2008, p. 13)

O conteúdo apreendido e partilhado na experiência de encontro entre diferentes agentes sociais implicou em mudanças e ressignificações. Uma alteração nas relações entre categorias dadas afeta suas possíveis relações com outras categorias. Dessa maneira, a estrutura, como conjunto de relações e entre relações, é transformada.

Há em jogo, na composição das variadas formas de representação do centro de João Pessoa, relações tensas que envolvem um complexo de trocas, tendo, de um lado, o poder público que, pretendendo, por meio das intervenções urbanas, forjar um sentido histórico, monumental e turístico à região, acaba por interferir nas formas tradicionais e costumeiras de gestão do espaço público do centro, alterando rotinas e reorientando as

formas de ocupação e uso da região. De outro lado, percebe-se a formação de novas formas de apropriação e representação do centro por parte do público que dá vida àquele ambiente, marcado pela heterogeneidade, que envolve tanto aqueles tradicionais ocupantes, das atividades de comércio e serviços, quanto novos grupos sociais, que passam a circular pelo centro, se apropriar dos equipamentos e do espaço da cidade, constituindo elos entre o espaço e os círculos de convivência, os quais conformam redes de sociabilidade que dão origem a circuitos, com pontos de encontro definidos e interligados por trajetos, que envolvem uma mancha, definida culturalmente, mas que demarca um espaço específico da cidade no qual relações particulares são construídas e exercidas.

As relações estruturais pré-estabelecidas passam a ser alvo de reconfiguração, ressignificação, em face de uma nova conjuntura, que submeteu tanto a galera quanto o poder público a condições não características de conflito e contradição internas. Assim, as diferentes conexões entre estes atores fizeram com que suas relações passassem a ser dotadas de novos conteúdos funcionais, gerando transformação na estrutura (sistema) de atribuição de valores simbólicos. Esses novos valores, adquiridos na prática, são inseridos na estrutura como novas relações entre símbolos dessa estrutura.

Revisadas na prática, em relações da conjuntura, as categorias retornam à ordem cultural em relações alternadas entre si. Por outro lado, respondendo à mudança estrutural na ordem cultural, as relações da conjuntura se modificam de um momento histórico para outro. A prática de um segundo momento histórico acarreta novas interpretações de homens e coisas, baseadas não no status inicial das categorias, mas nas reavaliações pelas quais elas passaram. (SAHLINS, 2008, p.105)

Seguindo neste pensamento, na dialética permanente entre estrutura e conjuntura, razão simbólica e razão prática, percebemos que os efeitos da transformação e da reprodução das práticas cotidianas são possíveis de serem distinguidos nas ações culturais, mas condicionam novas relações. O processo marcado pelas tensões entre estabilidade e mudança atribui sentido dinâmico às novas configurações urbanas e às novas representações sociais acerca do espaço do centro. Há uma relação dialética a partir da qual são sintetizadas novas formas de compreensão da cidade e do centro. É, portanto, na relação entre o poder público e a galera que se efetiva o processo dinâmico e contraditório de reavaliação simbólica do centro.

Dessa maneira, a especificidade dos eventos descritos, assim como dos arranjos específicos de cada um dos agentes com relação a estes eventos, favorecem o estabelecimento de novos valores a antigas categorias. E esses novos valores são inseridos no interior da estrutura cultural. “Ao menos, toda transformação estrutural envolve reprodução estrutural, se não também o contrário.” (SAHLINS, 2008, p.126)

As relações travadas entre a galera revaloram o centro como *seu* lugar. A identidade e o pertencimento, entretanto, não são apenas produto da formação de um grupo circunstancialmente constituído em um contexto específico, mas resultantes de um sentido convergente, centrípeto, expresso ao longo da história deste centro. “Certas transformações sociais só se podem efetuar – se é que se podem mesmo efetuar – quando houver um desenvolvimento que abarque várias gerações” (ELIAS, 2008, p.21).

Nos eventos independentes, que ocorrem após a realização das atividades patrocinadas pelo poder público, no lado B da festa, o centro é revalorado como espaço da galera, dos seus códigos de uso e formas de apropriação. O centro é reafirmado como espaço de encontro de um grupo social que se afirma por práticas culturais próprias. Neles, a galera consegue reunir um maior e mais diversificado público e utiliza esse momento de maior visibilidade, perante o poder público e a mídia, para reafirmação cultural, já que o espaço e o momento do encontro são os pontos de convergência constitutivos da galera.

Dessa transformação e repetição de práticas culturais no centro da cidade resulta a reavaliação subjetiva dos signos com efeitos estruturais, ou seja, na conjuntura da estrutura.

(...) na estrutura ou cultura-tal-como-constituída, os signos encontram-se em estado de determinação mútua. Definem-se como “coordenados entre si, não subordinados uns aos outros; e não apenas numa direção, como numa série, mas sim, reciprocamente, como num agregado”. (SAHLINS, 2008, p.131-132)

Esta reavaliação se realiza na prática cotidiana do espaço, nas formas de uso e apropriação deste espaço. A redefinição dos significados a que os símbolos possam remeter está ligada às categorias e expressões culturais compartilhadas pela galera. A referência do signo não é uma simples reprodução do seu valor conceitual, essa referência é simbólica, podendo ser praticada ou não, dependendo do mundo experienciados pelos agentes sociais.

Com a abertura e ampliação do público que passou a frequentar o centro, principalmente vinculando-o a um lugar de lazer, e com o crescimento da dinâmica sociourbana verificada após o início das ações de “revitalização” ocorreu um desenvolvimento das redes de relações humanas diferentes das habituais. Para entender como se relacionam as diferentes práticas sociais da galera e as ações promovidas pelo poder público fomos observar as práticas cotidianas e os eventos.

Isso permitiu com que construíssemos um panorama envolvendo a estrutura que estava estabelecida antes da inserção da figura de centro histórico pelo poder público e relacioná-la com os significados resultantes de alguns eventos específicos. Percebemos uma interação simbólica, na qual os significados ou valores partilhados anteriormente são postos em xeque, percebendo-se uma interação dinâmica.

Os sentidos e as representações sobre o centro partilhados pela galera vêm de uma prática histórica, na qual não ocorre só a reprodução, mas de transformação de significados. Os eventos patrocinados pela prefeitura e as iniciativas independentes que referenciam circuitos culturais no centro justapõem sentidos e representações a partir das formas de articulação entre a galera e o espaço, especialmente nas áreas submetidas a intervenção e investimentos do poder público. Chama a atenção como estes eventos independentes têm a capacidade de revalorar o centro e, conseqüentemente, reafirmar sua estrutura significante.

É o que Sahlins chama de dialética da história:

A dialética da história, então, é completamente estrutural. Impulsionado por desconformidades entre valores convencionais e valores intencionais, entre significados intersubjetivos e interesses subjetivos, entre sentido simbólico e referência simbólica, o processo histórico se desdobra num movimento contínuo e recíproco entre prática da estrutura e a estrutura da prática. (SAHLINS, 2008, p.134)

O que nos propomos neste trabalho é uma análise da prática social – a ação humana no mundo. A análise da ação para além da que reproduz o sistema de valores “(...) é não apenas saber como os eventos são ordenados pela cultura, mas como, nesse processo, a cultura é reordenada. Como a reprodução de uma estrutura se torna a sua transformação?” (SAHLINS, 2008, p. 28)

Por mais que a busca que se tenha dado nas ações do poder público tenha sido no sentido da construção de uma imagem de um centro histórico voltada para o turismo, nos eventos independentes, ou seja, na prática, o centro é revalorado como espaço alternativo. O centro é reafirmado como espaço de encontro de um grupo social que se afirma por práticas culturais próprias.

(...) as relações geradas na ação prática, embora motivadas pelas autoconcepções tradicionais dos atores, podem de fato revalorar funcionalmente essas concepções. Nada garante que as situações encontradas na prática decorram estereotipicamente das categorias culturais pelas quais as circunstâncias são interpretadas e em relação às quais se age. A prática, antes, possui uma própria dinâmica – uma “estrutura da conjuntura” – que, significativamente, define as pessoas e os objetos que dela tomam parte. E esses valores contextuais, quando diferentes das definições culturalmente pressupostas, têm então a capacidade de atuar sobre os valores convencionais. Acarretando relações sem precedentes entre os sujeitos atuantes, mutuamente e em relação a objetos, a prática acarreta objetificações sem precedentes de categorias. (SAHLINS, 2008, p. 72)

A ação simbólica da galera alternativa que é celebrada nos eventos, mesmo nos momentos que em não recebem apoio do poder público, continua a influenciar o decurso do desenvolvimento da dinâmica social e, conseqüentemente, simbólica do centro de João Pessoa.

Para Michel Agier, são nos momentos de partilha da palavra e na relação com os diferentes que forma-se o sujeito da política. Essa política decorre de uma parte do todo que passa “por fora e para além” do modo tradicional de se fazer política. E que, para ele, é mais do que a soma das partes entre iguais, pois ela se distingue de qualquer política identitária.

Nesses momentos iniciais a rua torna-se o espaço da política e também da invenção cultural (...) a manifestação de rua é já uma dimensão da cultura das cidades. (...) Não é a memória propriamente urbanística que faz gostar-se desses lugares simbólicos, mas sim a memória ritual da qual foram e são apoio. (AGIER, 2011, p. 182)

Para que esse ritual ocorra depende, segundo Agier da experiência de um terceiro identificador, que faz uma mediação simbólica, transformando o agrupamento de

indivíduos sem identificação em uma comunidade do “momento ritual”. Para o nosso trabalho este terceiro identificador seria o circuito que é em torno dele que os diferentes grupos sociais se reúnem em nome de uma galera. São estabelecidas relações específicas no tempo e no espaço, tal como Agier denomina “comunidade do encontro”.

Nesse momento específico que ocorre no centro da cidade se realiza um estado liminar, no qual os diferentes grupos “saem” do seu eu identificador do seu grupo para uma nova posição no ritual. Eles deixam de se manifestarem no seu “eu” para assumirem outro eu dentro da galera. Só a situação faz a comunidade e provocar o aparecimento dessas comunidades faz com que nasçam lugares nos quais se pode começar a política.

É a desidentificação de cada um consigo mesmo que produz o momento comum, partilhado, da comunidade. Esse mundo não é irreal. Do mesmo modo, quando essas metamorfoses se realizam nos momentos de “conversação democrática” ou da manifestação de rua, é o momento real da política que começa a existir, do encontro entre iguais emancipados do constrangimento das suas atribuições sociais e identitárias. É um curto momento de política. (AGIER, 2011, p. 180)

A observação da galera permite que vejamos as dinâmicas sociourbanas e as diferenças, mas também os elos simbólicos e práticos de aproximação que conferem aspectos em comum. O convívio com as diferenças é algo que está na origem e em uma das principais funções da cidade.

(...) essa ação, ao mesmo tempo política e cultural, coloca é a do ponto de passagem entre a estratégia de emancipação (libertar-se dos constrangimentos nascidos da atribuição identitária) e a subjetivação (ser um sujeito livre de palavra numa comunidade de iguais). A minha hipótese é que esse ponto não corresponde a uma evolução linear, mas a uma forma concreta: um espaço, um momento, uma situação. (AGIER, 2011, p. 181)

As experiências cotidianas balizam as formas de convívio, os locais de trânsito e sociabilidade, assim como as formulações simbólicas acerca do espaço, que permitem articular circuitos, trajetos e definir uma mancha cultural que expressa formas particulares de apropriação, uso e representação do centro pela galera.

A transformação dos espaços urbanos em fronteiras identitárias, mesmo em sua forma mais completa, a do bairro étnico, é sempre fundada sobre olhares cruzados que põem em jogo diferenças de gostos, de estilo de vida e de comportamentos. O conjunto desses critérios resulta de uma configuração global de valores morais à escala da cidade. (AGIER, 2011, p. 71-72)

Na área central ocorrem múltiplos encontros de diferentes indivíduos que trazem consigo seus símbolos identitários reproduzindo uma das principais características das áreas centrais que é da heterogeneidade. Nesta área, mais que em outra parte, desenvolvem-se, na prática, os relacionamentos entre diferentes identidades. No entanto, quando mudamos o referencial de observação da dinâmica sociourbana, percebemos que em um dado momento essa heterogeneidade se conforma em uma homogeneidade em torno do circuito cultural.

Neste momento, a dimensão relacional da identidade trabalha em direção à alteração ou modificação dos signos originais de pertencimento identitário. Essa modificação abrange as regras de comportamentos, os signos partilhados, os valores morais, as gírias e outras formas de compartilhamento de códigos culturais. Nesses momentos são anunciados, reafirmados e revalorados os laços identitários da galera, que ao se constituírem, não alteram a diversidade sociocultural antecedente.

(...) ideia forte de limiar, de interstício, de espaço entredois, como lugar que potencializa a liberdade, a criatividade, a imaginação ritual, a tomada de palavra, a criação de novas comunidades e identidades. (AGIER, 2011, p. 25)

A galera partilha códigos e símbolos que foram consolidados historicamente, por meio da reprodução de comportamentos nos mesmos lugares ao longo do século XX, mas que também se reatualizam, se ressignificam, posto que a cultura é dinâmica, a conjuntura altera as formas de significação do estabelecido, da estrutura.. A investigação sobre as formas de valoração do centro deve tanto dar atenção aos contextos, como também à maneira em que determinados eventos e formas de uso são incorporados nas práticas cotidianas. Em como o lugar condiciona o grupo social e como o grupo social condiciona o lugar.

Este trabalho, assim, procura reconhecer um padrão de comportamento que estrutura uma significação específica do centro histórico de João Pessoa em torno de uma forma

de uso e apropriação desse espaço, que se atualiza na prática cotidiana e nos eventos a reafirmação de seu caráter alternativo.

Acreditamos que a observação sobre as interações e as situações reais nas quais a galera e o poder público, como agentes sociais, se engajam no estabelecimento de códigos culturais, nos leva à percepção de uma dinâmica social no qual o centro da cidade é disputado como lugar de apropriação simbólica. Assim, não é a cidade como forma dada que nos interessa, mas percebê-la como resultado contínuo e dinâmico condicionado social e culturalmente.

## Bibliografia

AGIER, Michel. **Antropologia da Cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

\_\_\_\_\_. **Distúrbios identitários em tempos de globalização**. Mana [online]. 2001, vol.7, n.2, pp. 7-33. ISSN 0104-9313.

ANDRADE, Paulo A. F. **Metamorfose dos centros urbanos: uma análise das transformações na centralidade de João Pessoa – PB, 1970-2006**. Dissertação de mestrado, UFPB, 2007.

BAUMAN, Zygmunt e MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

BARREIRA, Irllys Alencar F. **Pulsões no coração da cidade: cenários de intervenção em centros urbanos contemporâneos**. Caderno CRH, Salvador, v. 23, n. 59, p. 255-266, Maio/Ago, 2010.

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

BENJAMIN, Walter. **O Flâneur**. In: Coleção Os pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1980.

\_\_\_\_\_. **Passagens**. Belo Horizonte/São Paulo: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine, Coord. **De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos**. São Paulo: Annablume, 2006.

BORDE, Andréa de L. P. **Vazios urbanos: perspectivas contemporâneas**. Tese de doutorado UFRJ, 2006.

BRASIL, Ministério das Cidades. SNPU. **Reabilitação de áreas urbanas centrais**. Brasília: Ministério das Cidades, 2005.

CANTALICE, Edmilson Esequiel. **Revitalização do Ponto de Cem Réis na Cidade de João Pessoa: novos usos e significados atribuídos ao lugar segundo seus frequentadores**. Dissertação de mestrado – PPGS/UFPB. João Pessoa, 2011.

CASTELLS, Manuel. *A Questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CASTILHO, Ana Luisa Howard de. **Consensos e dissensos no Centro de São Paulo: significados, delimitação, apropriação e intervenção**. Tese de Doutorado – FAUUSP. São Paulo, 2008.

DAVIS, Mike. **Cidade de quartzo: escavando o futuro em Los Angeles**. São Paulo: Boitempo, 2009.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao Desenho Urbano**. São Paulo: PINI, 1998.

FREHSE, Fraya. **Potencialidades de uma etnografia das ruas do passado**. Publicado em *Cadernos de Campo*, v.15, n.14/15, jan/dez de 2006.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2008.

ESPIRITO SANTO, José Marcelo do. **Plano municipal de gestão: a revitalização do centro histórico de São Luís**. In *Intervenções em Centro Urbanos: objetivos, estratégias e resultados*/ Heliana Comin Vargas, Ana Luisa Howard de Castilho. Barueri, SP: Manole, 2006.

FREHSE, Fraya. **Potencialidades de uma etnografia das ruas do passado**. *Revista Cadernos de Campo/ USP*, n.14/15, pp. 299-317. São Paulo: 2006.

FRUGOLI JR., Heitor. **O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia**. *Rev. Antropol.* [online]. 2005, vol.48, n.1 [cited 2012-12-20], pp. 133-165..

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1992.

JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das Cidades**. Rio de Janeiro: Casa das Palavras, 2005.

\_\_\_\_\_, JACQUES, Paola Berenstein. **Corpos e cenários urbanos : territórios urbanos e políticas culturais**. Salvador : EDUFBA ; PPG-AU/FAUUFBA, 2006.

JACQUES, Paola Berenstein. **Corpografias urbanas**. Disponível em [www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq093/arq093\\_02.asp](http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq093/arq093_02.asp) Acesso em: 26/02/2008.

KOWARICK, Lúcio. **Viver em risco**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

LEITE, Rogério Proença. **Contra-Usos da Cidade - Lugares e Espaço Público**. Campinas: Ed UNICAMP, 2007.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Rev. bras. Ci. Soc. [online]. Vol.17, n.49, pp. 11-29. ISSN 0102-6909, 2002.

\_\_\_\_\_. **Os circuitos dos jovens urbanos**. Tempo soc. [online]. 2005, vol.17, n.2, pp. 173-205. ISSN 0103-2070.

MELO, Tadeu de Brito. **Do vazio urbano: identificação e análise dos vazios urbanos do centro tombado de João Pessoa**. Monografia do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba, 2010.

PARK, Robert. **A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano**. In Velho, Octávio Guilherme (org.). O fenômeno urbano. Guanabara: Rio de Janeiro, 1979.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PIRES, Lenin. **Esculhamba, mas não esculacha!**. Niterói: Editora da UFF, 2011.

RIBEIRO, Edson Leite. **Cidades (In)sustentáveis: reflexões e busca de modelos urbanos de menor entropia**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2006.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas: crônicas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; SIQUEIRA, Mônica. **Na lapa tudo é permitido! A lapa sob o olhar e a experiência de travestis das antigas**. In No curso do tempo: estórias e histórias do viver urbano. Porto Alegre: Revista Iluminuras. v. 9, n. 19 (2008).

SAHLINS, Marshall David. **Metáforas históricas e realidades míticas: estrutura nos primórdios da história do reino das Ilhas Sandwich**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

\_\_\_\_\_. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

\_\_\_\_\_. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. **Como e quando pode um arquiteto virar antropólogo?** In: VELHO (org.). Rio de Janeiro, Editora Campus, 1980, p.37-57.

SILVA, Helena M. B. **Habitação no centro de São Paulo: como viabilizar essa ideia?** São Paulo: LABHAB/ FAUUSP/ CEF, 2000.

SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito (1903)**. Mana [online]. 2005, vol.11, n.2, pp. 577-591. ISSN 0104-9313.

SCOCUGLIA, Jovanka B. C. **Revitalização urbana e (re)invenção do centro histórico na cidade de João Pessoa – 1987-2002**. João Pessoa: Editora Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. **Imagens da cidade: cenários, patrimonialização e práticas sociais**. João Pessoa: Editora Universitária, 2010

VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana Luisa Howard de. **Intervenções em Centro Urbanos: objetivos, estratégias e resultados**. Barueri, SP: Manole, 2006.

VAZ, Lilian Fessler; SILVEIRA, Carmen B. **A Lapa boêmia na cidade do Rio de Janeiro: um processo de regeneração cultural? Projetos, intervenções e dinâmicas do lugar**. In *Intervenções em Centro Urbanos: objetivos, estratégias e resultados*/ Heliana Comin Vargas, Ana Luisa Howard de Castilho. Barueri, SP: Manole, 2006.

WACQUANT, Loic. **Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degrada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

### **Fontes Documentais**

SPHAN/MINC/ICI – Instituto de Cooperação Iberoamericano/Comissão Nacional V Centenário. Projeto de Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa Convênio Brasil/Espanha. Memorial Geral, Volumes IX, x e XI. João Pessoa, 1987